

Edição nº 40

Ano 2025

APC em revista



APC
Associação
Psicanalítica
de Curitiba

APC em revista

Associação Psicanalítica de Curitiba em revista

ISSN 1519-8456 | Curitiba | n. 40 | p. 1-212 | 2025



APC
ASSOCIAÇÃO
PSICANALÍTICA
DE CURITIBA

🌐 www.apcwb.com.br

📧 @apctba

📘 @associacaopsicanalitica decuritiba

☎ (41) 98848-7946

Editorial

Luzia Carmem de Oliveira

Marcia Wisniewski Schaly

Tiago Rickli

Revisão

Elisete Poncio Aires

Diagramação

Erika Woelke | Canal6 Editora

www.canal6editora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

Associação Psicanalítica de Curitiba em revista / Associação Psicanalítica
de Curitiba. – n. 40 (2025) – Curitiba, PR : APC, 1997– .

Semestral

ISSN: 1519-8456

1. Psicanálise – Periódicos. I. Associação Psicanalítica de Curitiba.

11-2024/54

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise : Periódicos 150.195

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB - 1/3129

Copyright© Associação Psicanalítica de Curitiba, 2025

Os artigos são de responsabilidade dos autores.

CORPO CONSULTIVO

Allan Martins Mohr

Psicólogo graduado pela UFPR; Mestre em Psicologia (UFPR); Doutor em Filosofia (PUCPR).

Andrea Silvana Rossi

Psicanalista; Analista membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Psicologia (PUCPR); Mestre em História (UFPR).

Cezar Tridapalli

Psicanalista; Graduado em Letras (UFPR); Mestre em Estudos Literários (UFPR).

Dayse Stoklos Malucelli

Psicanalista; Analista membro e fundadora da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Psicologia (UTP); Mestre em Filosofia (PUCSP) Doutora em Psicologia Clínica (PUCSP). Membro da Association Lacanienne Internationale.

Leda Mariza Fischer Bernardino

Psicanalista; Analista membro e fundadora da Associação Psicanalítica de Curitiba; Doutora em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano (USP); Pós-doutora em Tratamento e Prevenção Psicológica pela Université Paris 7.

Luzia Carmem Oliveira

Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Psicologia (UTP); Mestre em Psicologia (UFPR); Doutoranda em Psicologia Clínica (PUCSP).

Marcelo Marcos Barbosa Vieira

Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduado em Filosofia (UFPR); Doutor em Filosofia (UFPR) com período no doutorado na Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne.

Marcia Wisniewski Schaly

Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Psicologia (UFPR); Mestre em Educação (UTP); Doutoranda em Educação (UTP); Integrante do NUPPEC - Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura - UFRGS.

Marcus do Rio Teixeira

Psicanalista; Diretor da Editora Ágalma; Membro Honorário da Associação de Psicanálise de Maringá Ato Analítico.

Michele Kamers

Psicanalista; Mestre em Educação pela USP; Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano no Instituto de Psicologia (USP).

Rosa Maria Marini

Psicanalista; Analista membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Psicologia (PUC-PR); Mestre em Psicologia (UTP); Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (IPUSSP).

Rosane Weber Licht

Psicanalista; Analista membro e fundadora da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Fonoaudiologia (PUCPR).

Zama Caixeta Nascentes

Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Mestre em Filosofia (UFPR); Doutor em Literatura Brasileira (UFPR).

Sumário

Editorial	7
-----------------	---

Espaço da Letra

R.S.I. ou os três de Lacan: uma formalização da natureza humana	15
<i>Allan Martins Mohr</i>	
Reflexões sobre o autismo a partir da teoria e prática e/ou prática e teoria?	33
<i>Juratriz Salete Ribas</i>	
O sujeito entre a solidão da angústia e a companhia da palavra	43
<i>Luzia Carmem de Oliveira</i>	
Bastidores Eternos da Formação	59
<i>Rosane Weber Licht</i>	
Ato analítico na análise com crianças: um trabalho de corte ou costura? A infância entre o saber e a verdade.....	73
<i>Simoni R. Cousseau Coletti</i>	
<i>Rosa Maria Marini</i>	
Verwerfung e Verdrängung em Lacan: sobre um significante primordial	91
<i>Zama Caixeta Nascentes</i>	

Espaço Conferência

Linguagem, alteridade e fenômenos de massa nas redes sociais.....	113
<i>Mario Eduardo Costa Pereira</i>	
<i>Transcrito por Tiago Rickli</i>	
Só existe gozo do corpo.....	155
<i>Marcus do Rio Teixeira</i>	

Espaço do Cartel

Mais, ainda, sobre o quê?	177
--	------------

Denise Pliskievski Bueno

Interpretação: um Ato impossível?	183
--	------------

Ederson Fernando Mariano

Espaço de Indicações

La hora de clase: Por una erótica de la enseñanza	191
--	------------

Massimo Recalcati

Resenhado (e traduzido) por: Marcia Wisniewski Schaly

REVISTAS DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA	201
---	------------

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA	209
---	------------

Editorial

A Associação Psicanalítica de Curitiba tem a alegria e satisfação de apresentar a 40ª edição de sua revista, reafirmando seu compromisso com a transmissão da Psicanálise a partir da letra de seus membros associados e demais autores que buscam dialogar com temas que propõe uma articulação entre clínica, cultura e sociedade. Nesta edição, os leitores encontrarão artigos que, ancorados na teoria freudiana e lacaniana, propõem-se a refletir sobre as transformações subjetivas em curso, considerando os impasses do discurso social contemporâneo e suas repercussões nos laços sociais, nas subjetividades e na clínica Psicanalítica.

Nossa proposta editorial busca, como sempre, sustentar o vínculo indissociável entre sujeito e cultura, entre teoria e prática, privilegiando a circulação da palavra e o exercício da escrita. Neste sentido, a revista se coloca como espaço vivo de transmissão, pesquisa e elaboração, no qual a clínica se encontra com a cultura para pensar os sintomas de nossa época.

Agradecemos e apresentamos os autores que, a partir da experiência clínica, engajam-se em um trabalho primoroso de investigação e elaboração teórica. Suas contribuições ampliam o campo da psicanálise, abrindo novas possibilidades de escuta e intervenção, e renovando o desejo de pensar a práxis.

Iniciamos a seção da Letra com um artigo de Allan Martins Mohr intitulado “R.S.I. ou os três de Lacan: uma formalização da natureza humana”. Tal artigo, no formato de um ensaio teórico, tem por objetivo percorrer alguns marcos da construção lacaniana da teoria dos registros Simbólico, Imaginário e Real para sustentar a tese de que os registros serviram a Lacan

para compreender a natureza humana enquanto imissão de Outreidade. Além disso, como hipótese adjunta, temos que o nó Borromeu seria por ele utilizado para formalizar geometricamente, topologicamente, a experiência da análise. Teses corroboradas pelo desenvolvimento das ideias do autor.

O artigo seguinte, “Reflexões sobre o autismo a partir da teoria e prática e/ou prática e teoria?” escrito por Juratriz Salete Ribas tem por objetivo discutir o autismo na atualidade a partir da abordagem psicanalítica, considerando a estrutura autista na sua singularidade, priorizando o olhar e a escuta na subjetividade em cada sujeito, diante da “epidemia” de casos de autismo na clínica, a partir do conceito de pulsão do texto de Freud, a “Pulsão e suas Vicissitudes” e de Lacan que, ao retomar Freud, ultrapassa suas elaborações e reitera a pulsão como um conceito essencial à experiência analítica para aquisição da linguagem. Situando o lugar do psicanalista no trabalho transdisciplinar na clínica do autismo.

Luzia Carmem de Oliveira nos inquieta com o artigo “O sujeito entre a solidão da angústia e a companhia da palavra”, que tem como objetivo articular os conceitos de *Unheimlich* (o infamiliar) e angústia na psicanálise de Freud e Lacan, tomando como ponto de partida reflexões suscitadas durante o período da pandemia da COVID-19, compreendida como um evento traumático. Tais reflexões estão fundamentadas na experiência clínica, a partir da qual se observou um aumento expressivo de queixas relacionadas à ansiedade e a crises de pânico — manifestações frequentemente abordadas pela psiquiatria a partir de um viés diagnóstico. Do ponto de vista psicanalítico, esses fenômenos podem ser escutados como expressões do infamiliar e da angústia, afetos que denunciam uma ruptura subjetiva frente ao real e se configuram como elementos norteadores da escuta

clínica. Nesse sentido, o *Unheimlich* e a angústia tornam-se operadores teóricos que possibilitam uma aproximação com o desejo do sujeito, orientando a clínica em direção à singularidade da experiência psíquica.

Rosane Weber Licht, por sua vez, tematiza em “Bastidores Eternos da Formação” os desafios que emergem na formação de analistas, processo invariavelmente contínuo e complexo, quando a formação é problematizada à luz da experiência extraída da clínica psicanalítica com crianças. Membro fundador da Associação Psicanalítica de Curitiba, Rosane coloca nas cenas da escrita as marcas, gestos e palavras somadas ao longo de suas mais de 3 décadas de bastidores em instituições dedicadas à prática da psicanálise, elucidando o teatro que se dinamiza da relação entre desejo, método e ética psicanalítica.

Na sequência, Simoni R. Cousseau Coletti e Rosa Maria Marini, contribuem com o artigo “Ato analítico na análise com crianças: um trabalho de corte ou costura? A infância entre o saber e a verdade”. Tal estudo buscou discorrer sobre o ato analítico na análise com crianças, em um tempo de constituição subjetiva. As autoras questionam se seria possível pensar o ato analítico como um corte no Real na análise com crianças. Para desenvolver essas questões, buscaram compreender o que é a infância para a Psicanálise, considerando a construção do saber e da verdade a partir da articulação entre os três registros propostos por Lacan: Real, Simbólico e Imaginário. Uma pergunta provocativa poderá levar o leitor a se interessar mais à temática: no trabalho com crianças: o ato analítico é um corte ou uma costura?

Por fim, o artigo de Zama Caixeta Nascentes, intitulado “*Verwerfung* e *Verdrängung* em Lacan: sobre um significante primordial”, levanta um problema: como entender a expressão

lacaniana “significante primordial” se em Saussure e Lacan um significante só o é na relação com um outro, não havendo prece-dência nem hierarquia entre um e outro? Guiado por essas ques-tões o autor buscou percorrer alguns textos de Lacan (os seminá-rios e os artigos em que se encontra a expressão) e de Freud, *A negativa* (1924), em que aparece *Bejahung*, oposto de *Verwerfung*; *A pulsão e seus destinos*, cuja conexão entre os três opostos de amar e as três polaridades que regem a vida psíquica traz a teoria sobre a formação do eu subjacente em *A negativa*; *Wolffsmann* (*O homem dos lobos*), de onde Lacan selecionou *Verwerfung* e sua combinação com *Verdrängung*. De Hypollitte, em que se comenta *A negativa*. Zama Conclui que são dois os significantes primordiais, Nome-do-Pai e falo, ancorados por Lacan no algoritmo S/s de Saussure.

No Espaço Conferências, contamos com a notável presença de Mário Eduardo Costa Pereira, que em 05 abril de 2025 com-partilhou conosco seus estudos em torno do tema “Linguagem, alteridade e fenômenos de massa nas redes sociais”. Durante seu seminário, Mário Eduardo discute sobre a dinâmica da radica-lização exercida por jovens que passam a integrar, através das plataformas sociais disponíveis na internet, certos grupos em sua busca por identificação e pertencimento, destacando a ausência em tais grupos de estruturas organizacionais tradicionais, assim como evidenciando o fato de que as redes sociais desafiam a psi-canálise e exigem uma atualização radical de suas categorias.

A revista igualmente compreende para esta edição o semi-nário realizado por Marcus do Rio Teixeira na Associação Psicanalítica em 08 de agosto de 2025, “Só existe gozo do corpo”. Marcus do Rio Teixeira analisa a evolução do conceito de gozo e corpo na obra de Lacan desde suas primeiras formulações até o Seminário 20, explorando suas implicações para a compreensão da teoria da sexuação e da diferença sexual.

No Espaço de carteis, contamos com a contribuição de um texto de Denise Pliskievski Bueno, apresentado em Jornada de Desanolamento de Cartel, na APC. A autora analisa os seminários *Ou Pior e Mais, ainda*, de Lacan, destacando os conceitos de gozo, desejo, objeto a e Real. O Real é definido como o impossível de simbolizar, e o objeto a é concebido como causa do desejo, estruturando a subjetividade. A partir das fórmulas da sexualização, Lacan diferencia o gozo fálico, ligado à lei e à castração, e o gozo do Outro, ligado à alteridade e ao feminino, ressaltando a inexistência da relação sexual. A autora conclui que a identificação não esgota a verdade do sujeito, pois esta é sempre parcial, e que não há metalinguagem. A psicanálise, ao introduzir um saber não sabido, encontra no discurso do analista – sustentado pelo objeto a – a possibilidade de produzir um significante novo, permitindo ao sujeito confrontar-se com sua verdade. A análise, mediada pela transferência de amor, possibilita reescrever a história e sustentar o desejo.

Outro texto apresentado em Jornada de Desanolamento de Cartel da APC, com o título: “Interpretação: um Ato impossível?” de Ederson Mariano, traz reflexões sobre a experiência de um cartel dedicado ao estudo da interpretação em Lacan, destacando que, ao contrário de Freud, Lacan não dedicou um texto exclusivo ao tema, pois a interpretação não é um conjunto de explicações, mas um ato analítico. A leitura de *A direção do tratamento* revela que a interpretação é sempre parcial, um “balbúcio”, ligada à abertura de sentido, mais às dúvidas do que às certezas. O autor enfatiza duas práticas fundamentais: escutar entre as palavras, desmontando nomeações que fixam o sujeito, e escutar no silêncio, permitindo que o inconsciente se manifeste. A interpretação, nesse sentido, é inseparável da estrutura da linguagem e da própria função do analista, que não dirige

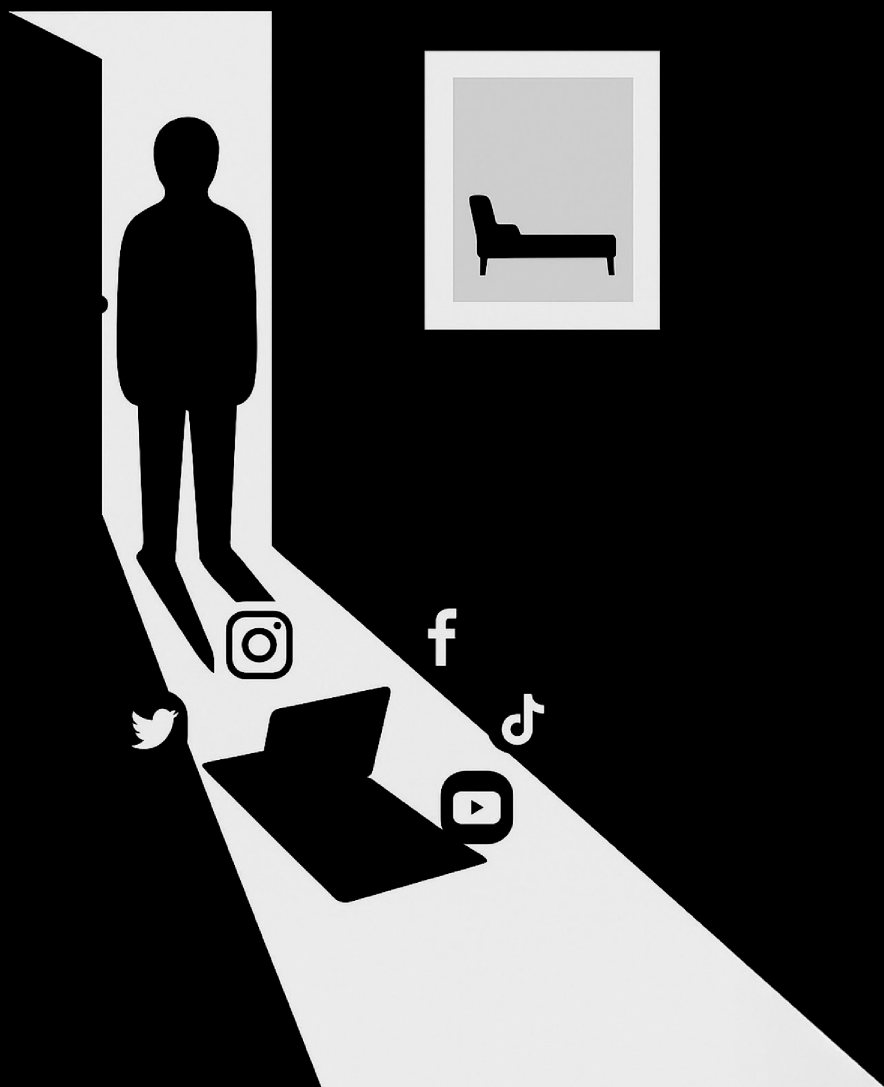
o paciente, mas sustenta o tratamento. Ao final, conclui que a psicanálise é um campo do impossível, mas justamente por isso permanece viva, pois seu núcleo não está na comunicação evidente, e sim na abertura ao inconsciente e àquilo que não se esgota no dizer.

No Espaço de Indicação de leituras, numa interlocução entre Psicanálise, Educação e Cultura, temos a resenha do livro: *La hora de clase: Por una erótica de la enseñanza*, de Massimo Recalcati, resenhada e comentada por Marcia Wisniewski Schaly. Recalcati propõe uma reflexão crítica, sobre a crise da educação contemporânea à luz da psicanálise freudiana e lacaniana, articulado com temas da filosofia da educação. A autora destaca que Recalcati resgata o valor simbólico da figura docente, compreendendo a hora de aula como espaço ético e erótico do saber, no sentido de mobilização do desejo de aprender. Recalcati denuncia a lógica neoliberal que instrumentaliza o ensino e desvaloriza o papel subjetivador da escola. A partir de três modelos simbólicos – Escola-Édipo, Escola-Narciso e Escola-Telêmaco – o autor propõe uma pedagogia centrada no testemunho e na transmissão do desejo de saber. Para Schaly, a leitura da obra dialoga com os princípios freireanos, ao enfatizar o professor como mediador cultural e agente de transformação subjetiva. A resenha ainda aponta a pertinência da obra para o contexto brasileiro, marcado por reformas excludentes, precarização docente e esvaziamento simbólico das instituições escolares.

Felizes com a edição de número quarenta, desejamos a cada um de vocês uma boa apreciação dos textos!

Marcia Wisniewski Schaly
Luzia Carmem de Oliveira
Tiago Rickli

Espaço da Letra



R.S.I. ou os três de Lacan: uma formalização da natureza humana

R.S.I. or Lacan's three: a formalization of human nature

Allan Martins Mohr¹

Resumo

Este artigo, no formato de um ensaio teórico, tem por objetivo percorrer alguns marcos da construção lacaniana da teoria dos registros Simbólico, Imaginário e Real para sustentar a tese, lançada em nossa introdução, de que os registros serviram a Lacan para compreender a natureza humana enquanto imisção de Outreidade. Além disso, como hipótese adjunta, temos que o nó Borromeu seria por ele utilizado para formalizar geometricamente, topologicamente, a experiência da análise. Teses corroboradas pelo desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: Real, Simbólico e Imaginário. Nó Borromeu. Jacques Lacan.

Abstract

This article, in the form of a theoretical essay, aims to explore some milestones in the Lacanian construction of the theory of the Symbolic, Imaginary, and Real registers to support the thesis, put forward in our introduction, that the registers served to Lacan to understand human nature as an inmixion of Otherness. Furthermore, as ancillary hypotheses, we have that he would use the Borromean knot to formalize

1 Allan Martins Mohr: Graduação em Psicologia (UFPR); Mestre em Psicologia (UFPR); Doutor em Filosofia (PUCPR); Psicólogo na UTFPR. Contato: allan.mohr@gmail.com

geometrically, topologically, the experience of analysis. The development of this work corroborates these theses.

Keywords: Real, Symbolic, and Imaginary. Borromean Knot. Jacques Lacan.

Aqui está: meus três não são os dele, meus três são o Real, o Simbólico e o Imaginário. Cheguei a situá-los em uma topologia, a do nó dito borromeano (Lacan, 1980, p. 22).

Introdução

Em 8 de julho de 1953, Jacques Lacan realizou a abertura da Sociedade Francesa de Psicanálise com uma conferência nomeada como “O simbólico, o imaginário e o real” e definiu esses elementos, simbólico, imaginário e real, como “registros essenciais da realidade humana” (Lacan, 1953, p. 01); no original, *registres essentiels de la réalité humaine*.

Isso posto, é importante ressaltar que o presente artigo tem como objetivo discutir não os ditos registros, mas argumentar sobre o problema desse sistema de registros e da dita realidade humana em Jacques Lacan. Denotadamente, o problema que inaugura esse escrito é o seguinte: o que significa a teoria dos registros em Lacan, que desemboca ao fim de sua obra no problema do enodamento borromeano dos ditos registros psíquicos? Ato contínuo, tentaremos sustentar a tese de que esses registros servem a Lacan para compreender a natureza humana enquanto imissão de Outreidade e de que o nó Borromeu é utilizado para formalizar geometricamente, topologicamente, a experiência de uma análise. De imediato, esta tese, dupla que seja, implica o entendimento radicalmente contrário à ideia de que os registros

são concernentes a uma pessoa, sujeito individual ou agente de uma ação.

É válido ratificar de início, que esta tese se apresenta caudatária de certo posicionamento epistemológico do estudo lacaniano, em especial sustentado por Dutra (2015), Eidelsztein (2017), Goldenberg (2019), Mezza (2021), entre outros, e que se caracteriza pelo raciocínio de que o sujeito lacaniano subverte o entendimento do homem moderno enquanto indivíduo-agente. Leitura fundamentada na discussão que pode ser encontrada em Libera (2013) e insuficientemente resumida aqui como a querela escolástica da desreificação da hipóstase; o problema da descoisificação do sujeito. Diz o filósofo que “toda a escolástica trabalhou para desreificar a hipóstase a fim de pensar o mistério da Trindade. Uma parte da escolástica buscou essa descoisificação no terreno da *mens*, ou da $\psi\upsilon\chi\eta$ ” (p. 114). Importa considerar um adendo: o próprio Libera nos explica que, inicialmente, *hypostasis* remete ao indivíduo singular, racional, substancial, mas que a escolástica objetiva a destituição desses adjetivos. Diz ainda que a antropologia tradicional “é trabalhada pela tensão entre uma antropologia do sujeito-substância e uma antropologia da hipóstase, o que significa que ela compreende, no mínimo, duas concepções da pessoa, uma coisista, a outra desreificante” (Libera, 2013, p. 114).

Ao final, temos resumidamente a história do pensamento do homem sobre si mesmo: um tensionamento entre duas posições. Uma, que compreende um indivíduo-pessoa-substância-agente e, outra, que o entende como algo desreificado, dessubstancializado. Entre elas, em sua *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*, Lacan (1960a/1998) é claro ao se declarar ao lado da hipóstase desreificada. Para ele, aquilo de que se trata na experiência analítica é um saber que não abarca nenhum conhecimento. Esse saber, que é visado pela verdade que

vetoriza o desejo, está arrolado em um discurso do qual o sujeito “não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito, tampouco que foi tatuado em sua cabeça raspada enquanto ele dormia” (Lacan, 1960a/1998, p. 818). Lembremos que, em Lacan, o homem, sujeito ou *parlêtre*, é sempre efeito d’Outra coisa. Em 1960, acerca do sujeito da enunciação, Lacan o explica como Ser de não-ente.

Outra forma de confirmar essa escolha lacaniana pelo sujeito desreificado é quando o psicanalista nos afirma, ainda em 1960, que a resposta ao questionamento “quem está falando?”, quando concernente ao sujeito do inconsciente, “não poderia prover dele, se ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando” (Lacan, 1960a/1988, p. 815). Parece-nos que a melhor resposta para essa pergunta chega numa conferência subsequente, na sua *Conceituação do inconsciente*, ou como é normalmente conhecida, *Posição do inconsciente*, quando diz: “com o sujeito [...] não se fala. Isso fala dele, e é aí que ele se apreende, e tão mais forçosamente quanto, antes de - pelo simples fato de isso se dirigir a ele - desaparecer como sujeito sob o significante em que se transforma” (Lacan, 1960b/1998, p. 849). Na sequência da citação, ele ratifica a desreificação da hipóstase: o sujeito “não é absolutamente nada” (idem).

Essa tomada de posição por uma teologia específica não é sem lastro e, dentre outros, podemos citar como Nietzsche se serve dela para escrever, no § 17 da primeira parte de *Além do Bem e do Mal*, que “um pensamento ocorre apenas quando quer e não quando ‘eu’ quero, de modo que é falsear os fatos dizer que o sujeito ‘eu’ é determinante na conjugação do verbo ‘pensar’. ‘Algo’ pensa, porém não é o mesmo que o antigo e ilustre ‘eu’” (Nietzschen, 2001, p. 26). Algo pensa, isso pensa. De toda forma, não é o sujeito-substância-agente quem pensa.

Retomando Lacan, é assim que ele descreve o inconsciente em 1966, na conferência de Baltimore - a citação é longa, mas vale sua reprodução completa:

Quando preparei esta pequena fala para vocês, era cedo pela manhã. Eu podia ver Baltimore pela janela e foi um momento muito interessante, porque ainda não era dia e um letreiro de *neon* me indicava a cada minuto o andar do tempo, e naturalmente havia trânsito intenso, e refleti comigo mesmo que exatamente tudo o que eu conseguia ver, exceto algumas árvores à distância, era o resultado do pensamento, pensamentos ativamente pensantes, onde a função desempenhada pelos sujeitos não era completamente óbvia. De qualquer forma, o chamado *Dasein*, como definição do sujeito, estava lá como espectador intermitente ou desvanecido. A melhor imagem para resumir o inconsciente é Baltimore cedo pela manhã (Lacan, 1966, p. 03).

Que se compare a ideia de “pensamentos ativamente pensantes” de Lacan com a ideia de que “algo pensa apenas quando quer” de Nietzsche - e o sujeito como espectador intermitente e desvanecido descrito nesse excerto de 1966 do psicanalista francês, com o esforço de uma escolástica pela dessubstancialização da hipóstase - e teremos mais bons indícios da posição lacaniana.

Pois bem, e retomando nosso problema depois dessa digressão, devemos imediatamente entender que a construção lacaniana dos registros como algo de essencial à realidade humana não se trata de um indivíduo-agente-pessoa-substância.

Mas, sigamos e tomemos o seguinte caminho: discutir, na sequência, o conceito de registro para, posteriormente, fazer um percurso na obra lacaniana visando subsidiar nossa tese, anteriormente apresentada.

Do aforismo lacaniano sobre S.I.R.

Simbólico, imaginário e real são os “registros essenciais da realidade humana”, já vimos anteriormente. No original, registro é *registre* e possui, segundo o *Le Robert*, duas definições. A primeira, refere-se ao caderno no qual se inscrevem lembranças, tal como em um livro de registros onde se guardam nomes, datas e eventos. A segunda denotação diz respeito aos níveis, à classificação das vozes no canto: registro agudo, grave e médio, por exemplo; também à extensão existente na escala musical e, de forma figurativa, registro também pode ser compreendido como as características particulares de algo. Como um exemplo dado, temos as *características particulares* da fala. Ainda mais, o *Le Robert* diz que *registre* viria de *registrum*, que significa um certo livro no qual estão inscritas as memórias, as lembranças de outros livros.

Assim, para além da já apresentada frase, “simbólico, imaginário e real são os registros essenciais da realidade humana”, nos é possível, agora, explorar esse aforisma lacaniano a partir das denotações supra da seguinte maneira: S.I.R. são a memória essencial da realidade humana, são um livro, um sistema de inscrição essencial da realidade humana; um lugar onde a realidade humana se inscreve como marca. Ou, de outra forma, que entendemos ser mais adequada: S.I.R. são as características essenciais da realidade humana.

Apresenta-se um novo problema: a questão da essência. No original, *essentiel*. Novamente recorrendo ao *Le Robert*, temos que *essentiel* é o adjetivo daquilo que é por essência e não por acidente e a qualidade de algo que é necessário, em absoluto. Já, por *essence*, temos, entre outras definições, o conjunto das características necessárias e constitutivas de algo e o conceito filosófico de substância.

Que se recorde que o sujeito lacaniano, conforme trabalhamos em nossa introdução, não possui a qualidade de essencial, de substancial, porquanto Lacan se registra como partidário da desreificação da hipóstase, o que implica dizer, então, que até o momento temos duas conclusões prévias em nossa discussão e que precisam ser tomadas como premissas lógicas: primeiro, que não há substancialização no sujeito lacaniano; e, segundo, que S.I.R. são características substanciais, necessárias, da realidade humana. E o que isso implica? Implica que S.I.R., enquanto um conjunto ou um sistema, é a substância da realidade humana. Essa dita realidade humana possui como substância, como essência, necessariamente, esse conjunto de características denominadas real, simbólico e imaginário, que a constitui fundamentalmente.

Ato contínuo, abrem-se dois novos problemas: o que é a substância e qual sua relação com a realidade humana.

Não é novo o entendimento de que substância, quando tratada por Lacan, deve ser lastreada até a tríade cartesiana, mas também, e especialmente, à *ousia* aristotélica (Mohr, 2021). Aristóteles nos explica, em suas *Categorias*, que toda e qualquer coisa que é dita em sua simplicidade, em sua pureza, analiticamente, “significa ou substância, ou quantidade, ou relação, ou onde, ou quando, ou estar em uma posição, ou ter, ou fazer, ou sofrer” (Aristóteles, 2019, p. 113). Delas, a οὐσία, *ousia*, é a categoria que remete à essência das coisas, não estando ou pertencendo a nenhum sujeito enquanto particularidade, mas sendo da ordem do absoluto da coisa, sendo necessária à própria existência dela. Não está em nenhum sujeito, não possui contrário, tampouco é quantificável, mas é a essência absoluta sem a qual a coisa não é o que ela é.

Disso, deduz-se que, enquanto um sistema interligado, S.I.R. é a essência absoluta da realidade humana, mas que não pode estar em nenhum humano particular.

A natureza humana em Lacan

Lembremos a última parte do aforisma aqui trabalhado: a realidade humana. E, para pensar esse aspecto, gostaríamos de propor uma proximidade, senão uma equivalência entre realidade e natureza - essência ou substância. Realidade humana, então, seria equivalente à natureza humana. E isso porque é o próprio *Le Robert* que nos diz que *réalité* é sinônimo de substância no sentido de existência. Então, sobre a ideia de realidade humana, podemos entendê-la de forma muito próxima, senão equivalente, à substância humana, ou seja, a natureza de algo, aquilo que é essencial a esse algo para ser o que é. Dessa forma, leiamos novamente o aforisma: *S.I.R. são a característica essencial da substância humana*.

Em relação ao humano, alguns já colocaram que sua natureza é ser um animal político, *zoon politikon*, ou quiçá um animal ético, porque político (Aristóteles, 2009). Outros o entenderam como um animal de satisfação, um animal de volúpia, uma vez que seria apenas isso a ordem da natureza para ele (Sade, 1999). Mas, como Lacan entende a natureza humana? O que é o humano para Lacan?

É inviável tentar apresentar todo o percurso da construção do humano em Lacan nessas poucas laudas; inviável também tentar resumir em poucas linhas algo de um final de construção, uma vez que qualquer dessas tentativas está fadada, de antemão, a falhar. No entanto, propomos recortar duas construções do dito humano na obra de Lacan para tentarmos obter uma ideia, humilde que seja, daquilo que pode ser compreendido como natureza humana para o autor. Não obstante, precisamos recordar a questão de que, para Lacan, o dito sujeito com o qual trabalha ao longo de sua obra não é equivalente à pessoa, ao indivíduo,

ao humano. Vimos algo disso em nossa introdução, e é claro em toda a obra lacaniana que *sujet* refere-se a um conceito, uma construção, ainda mais, a um operador lógico para sua teoria. *Sujet* pode ser compreendido sim como pessoa, mas também, e essa é a conceituação de Lacan, como assunto, tema e súdito. Daí o sujeito do inconsciente, seu súdito, seu subordinado.

Com essa ressalva apresentada, faz-se necessário abordar um primeiro conceito para nossa discussão, introduzido por Lacan em 1974, e que utilizaremos no original para trabalhar: *parlêtre*. De imediato, verifica-se com o termo, *parl-être*, que a fala vem antes do ser.

Em 29 de outubro de 1974, em uma *Conferência de imprensa no Centro Cultural Francês*, Lacan disse que “o *parlêtre* é uma forma de expressar o inconsciente” (Lacan, 1974, p. 08), forma nova e necessária pela inexplicabilidade e imprevisibilidade do homem ser um animal falante. Esse é um giro curioso, pois o “ser falante” não é, para Lacan, a marca do animal humano; ou seja, a natureza humana não é ser um animal falante, é outra coisa.

Em 1975, na Universidade de Columbia, ele explica que *parlêtre* é um conceito que objetiva substituir o termo inconsciente de maneira vantajosa, pois se confunde, por um lado, com a tagarelice e, por outro, com o fato de que é da linguagem que tiramos essa loucura de que devemos ser. Mas esse *parlêtre* não é substância, é uma crença em ser porque há a palavra ser. Acreditamos ser, diz Lacan, pois frente ao fato de haver dizer, parece que há uma substância, mas tudo isso só é pelo fato de que “a linguagem faz uso do verbo ser” (Lacan, 1975b, p. 5).

Pois bem, se o sujeito não é substância, tampouco o *parlêtre*, de onde podemos recortar a ideia de essência humana em Lacan? O que faz do humano um humano? Vamos ao nosso segundo conceito.

Em 21 de outubro de 1966, em Baltimore, Lacan profere uma conferência em inglês que intitulou *Of structure as an inmixing of an Otherness prerequisite to any subject whatever* e que poderíamos traduzir algo como *Da estrutura como imissão de Outreidade, pré-requisito para qualquer sujeito* (Lacan, 1966); assertiva que implica diretamente a dita imissão de Outreidade como sinônimo da estrutura e como pré-requisito, algo essencial, de qualquer sujeito. Imissão significa mistura, mas também intromissão e ingerência; é o ato de uma coisa se intrometer em outra, ingerir-se sobre outra no sentido de se fazer ingerir em outra, uma forma de mistura impossível de se desfazer. A estrutura, o fundamento do sujeito, e quiçá daquilo que é do humano, é ser misturado, ingerido pelo Outro, A, e o ter ingerido em si.

Se o sujeito não é substância, tampouco o *parlêtre*, mas ambos precisam ser compreendidos como efeitos de algo, o que seria sua causa? Que se questione que sujeito e *parlêtre* não equivalem ao humano da dita natureza humana, tudo bem, mas em Lacan não encontramos o termo humano ou homem com tanto peso; em contrapartida, tanto sujeito quanto *parlêtre* ocupam esse lugar de objeto de trabalho da ciência psicanalítica. Então nossa pergunta é: qual a causa do sujeito e do *parlêtre*?

Vimos anteriormente que o *parlêtre* se vincula à fala, ou ao verbo ser do qual a linguagem faz uso, e agora percebemos como o sujeito nasce ou existe apenas em imissão de Outreidade. Se pudermos associar, mesmo que sem muita precisão, a fala, a linguagem e o Outro, A, enquanto sinônimos - ao menos enquanto conceitos intimamente costurados -, poderemos entender que a causa do sujeito e do *parlêtre* é o Outro.

Outro é um dos nomes de Deus; ao menos é, para Lacan (1973), o único lugar que podemos atribuir a Deus. Deus, ou o

Outro, se quiserem, é a causa do sujeito e do *parlêtre*, por ser *causa sui* (Spinoza, 2013) e causa das demais coisas.

Aliás, a questão da criação feita por Deus é um problema teológico e se apresenta, minimamente, como uma questão dual: onde Deus criou a criação? Em si ou fora de si? A criação é emanativa ou imanente? Aqui sustentamos a tese de que Lacan é imanentista, o que significa entender que Deus e a sua criação seriam uma e mesma coisa; se confundem, pois Deus cria a criação em si. É a mesma posição de Spinoza (2013) e de Agostinho (2017), assim como do salmista (Sl 139:8). Deleuze (2019) nos apresenta uma definição interessante sobre a causa imanente: “causa de tal maneira estranha que, não somente ela [a causa, Deus] permanecia em si para produzir, mas aquilo que ela produzia permanecia nela. Deus está no mundo, o mundo está em Deus” (p. 79).

A imissão de Outreidade traz a marca do pensamento imanentista de Lacan. Então, temos que sujeito e *parlêtre* são criados imanentemente n’Outro, sendo ele causa de si mesmo e de todo o resto das coisas no universo simbólico.

Na aula de 1º de dezembro de 1954, baseando-se no estudo de Lévi-Strauss, Lacan diz que na ordem humana, à diferença da ordem animal, devemos lidar com algo que é de uma totalidade, uma nova função nomeada função simbólica. Diz ainda que “a ordem humana é caracterizada pelo fato de que a função simbólica intervém em todos os momentos e em todos os níveis de sua existência” (Lacan, 1955, p. 16). É como se tudo na ordem humana estivesse interligado e fosse covariante, justamente a definição de estrutura que encontramos no seminário sobre as *Psicoses* (Lacan, 1956). Isso que ulteriormente podemos considerar como estrutura, aqui em 1954 Lacan denomina universo: “a totalidade na ordem simbólica é chamada universo e é dada primeiro e em seu caráter universal” (1955, p. 16), ou seja, o universo simbólico,

universo humano, é primeiro e total, não aparece aos poucos, mas é criado totalmente por si mesmo e suas determinações são também causadas em si, imanentemente. Continua Lacan: “não é aos poucos que um começo de relação simbólica se constitui em algum lugar, um primeiro símbolo: assim que o símbolo surge, há um universo de símbolos que abrange toda a questão” (idem).

Esse universo simbólico, que se liga à estrutura da linguagem, também podemos associar-se não igualar - ao A, grande Outro enquanto bateria dos significantes. Esse A, Deus, é causa de si e das demais coisas do universo humano, é o *Lógos* do princípio.

Retomando nossa problemática, agora podemos dizer que S.I.R. é a substância do animal humano; aquilo sem o qual não é possível entender o humano em sua natureza. O homem é, portanto, um animal caracterizado substancialmente pelo sistema S.I.R. Por sua vez, S.I.R. são as características substanciais da realidade humana, uma natureza que tem como registro, como memória, o fato de ser imanente ao Outro, ao universo de linguagem.

Assim, S.I.R. são as características substanciais do fato do humano - seja sujeito, seja *parlêtre* - ser uma sequela imanente d’Outro. Ao menos é assim que se pode entender S.I.R. em 1953, quando não estava em jogo ainda o nó Borromeu. Essa construção se manteria na ciência lacaniana ao final de seu ensino?

30 anos de S.I.R.

De 1953 a 1980 são quase 30 anos de elaboração teórica da parte de Lacan, o que trouxe importantes avanços. Mas o que intentamos demonstrar é que mesmo na derradeira construção, S.I.R. não deixou de ser um sistema que fala sobre a

substancialidade da existência humana enquanto imanente ao A, em imissão de Outreidade.

Salvo melhor juízo, é na aula de 30 de junho de 1954 que Lacan apresenta a primeira representação geométrica do sistema S.I.R.: um diedro de seis faces. Ainda não tinha o recurso do nó Borromeu para fazer diferente, mas o interessante dessa representação está além, ou aquém no próprio texto, para sermos exatos. Antes de apresentar o diamante S.I.R., Lacan falava da análise e da sua distinção com a vida comum, em especial no que concerne à fala plena. Explica que não haveria fala plena fora da situação analítica, porque nas situações comuns a interrupção é lei e porque o discurso sempre esbarra no desconhecimento. Na sequência fala sobre o sonho e explica que ele é uma das patentes da identificação do ser, no sentido de que pelo sonho o ser se dá a conhecer por causa do desejo nele implicado. Pelo sonho, o ser pode se revelar, a verdade pode aparecer. O sonho revelaria a verdade por meio de uma nova encarnação simbólica do ser. Assim, é em relação ao valor existente nessa revelação pelo sonho, que Lacan nos apresenta seu diedro.

No desenho que nos apresenta, é como se houvesse duas pirâmides que dividem uma de suas faces, que ele vai chamar de plano mediano: “aquele em que está o triângulo que divide esta pirâmide em duas, é, se preferir, a superfície da realidade [*réel*]” (Lacan, 1954, p. 282). Ele diz que nessa superfície da realidade, a simples realidade, nada a pode cruzar, pois nela “todos os lugares estão ocupados, a todo momento todos os lugares estão ocupados” (idem). Mas, a partir da entrada do universo simbólico em jogo, um buraco é instalado e com ele a possibilidade de intercâmbio entre as coisas. Esse oco na realidade, ele vai dizer que podemos nomear de ser ou nada, ligados fundamentalmente ao fenômeno da fala. Além disso, afirma que “é nesta dimensão do

ser que se situa a tripartição, na qual sempre insisto com vocês para ajudá-los a compreender as categorias elementares sem as quais não podemos distinguir nada em nossa experiência” (idem).

Nossa experiência. A experiência da realidade ou experiência analítica - se tomarmos as construções imediatamente anteriores à apresentação do diedro -, só pode ser compreendida pela tripartição, pelas características que ele nos entrega como chave de leitura para a realidade imanente do humano junto ao universo simbólico: o sistema simbólico, imaginário e real.

Quase duas décadas depois, na aula de 9 de fevereiro de 1972, Lacan não mais usa da geometria do diedro para pensar seu sistema, mas recebe da topologia uma carta nova para transmitir o que é da ordem de S.I.R. É nessa aula que o psicanalista explica o entrelaçamento lógico do sistema por meio do nó Borromeu, apresentado a ele a partir do brasão da família Borromeu.

O curioso é que ele não inicia diretamente o uso do nó Borromeu no sistema S.I.R., mas com a denominada *Carta de Amuro*: “Eu te demando que me recuses o que te ofereço: porque não é isso” (Lacan, 1972, p. 34). O nó Borromeu, em sua característica de enodamento singular, no sentido de que se um dos laços se rompem, os outros se soltam, é usado para pensar, aqui, a relação lógica entre os três verbos dessa carta: demandar, recusar e oferecer.

Na aula de 10 de dezembro de 1974, no seminário intitulado *R.S.I.*, Lacan questiona de forma direta o que seriam esses três, Real, Simbólico e Imaginário, e o que isso tudo significa. Responde dizendo que o nó Borromeu foi a única maneira que encontrou para dar a esses termos uma igualdade de medida, de valor, porque ao enodá-los borromeanamente, fica claro que todos possuem a mesma importância, o mesmo valor, pois quando um solta, soltam-se os demais. A topologia do nó

Borromeu, então, serve a Lacan para explicar, tal qual fez outrora com a *Carta de Amuro*, que cada um dos três termos possui um valor equivalente. Ainda mais, diz nessa mesma aula que a operação que se pode desenvolver com os toros do nó Borromeu, enquanto instrumentos essenciais para o entendimento da relação R.S.I., “permite-nos dar conta de nossa própria - nossa, dos analistas - operação” (Lacan, 1975a, p. 09). Ou seja, a manipulação topológica possível com o enodamento borromeano serve para compreender a operação analítica, uma operação que, por conseguinte, é feita pela manipulação, ao menos pelo entendimento das relações fundamentais, da realidade humana.

Finalmente, chegamos a 1980. Em especial, à Conferência de Caracas. É ali onde Lacan diz que seus três não são os de Freud. Que Freud havia apresentado ao mundo o sistema Isso, Eu e Supereu enquanto registros do humano, mas que ele, Lacan, havia legado aos seus o Real, o Simbólico e o Imaginário, situando-os na topologia do nó Borromeu. E porque Lacan deixou aos seus o nó Borromeu enquanto esquema imaginário, topologia necessária para trabalhar os registros R.S.I.? “Eu o dei a eles para que pudessem encontrar seu caminho na prática”, é sua resposta (Lacan, 1980, p. 22).

O nó Borromeu, e seu trabalho topológico, não diz respeito à individualidade de uma pessoa, mas serve aos analistas para pensarem os movimentos na experiência analítica, movimentos da natureza humana essencialmente imanente n’Outro, cujo lugar o analista ocupa transferencialmente na relação analítica.

O analista, transferencialmente no lugar do Outro, A, criador do universo humano, usa do entendimento borromeano das características humanas, Simbólico, Imaginário e Real, enquanto existindo apenas em imissão de Outreidade, para operar (n)a análise. Eis a sustentação de nossa tese.

Considerações finais

De 1953, como um registro fundamental da natureza humana, a 1980 como legado que substitui as instâncias freudianas, S.I.R. é a leitura lacaniana da substância humana. Substância que inegavelmente é imanente ao seu criador, A, lugar do simbólico, criador do universo simbólico em si mesmo.

O percurso que realizamos sustenta nossa tese inicial de que os registros enquanto características da natureza humana, não podem se tratar de um entendimento individualizante, reificante do homem, seja sujeito ou *parlêtre*, mas precisa ser compreendido como a leitura de um conjunto totalizante como fundamento da relação de imissão de Outreidade, característica fundamental, essencial daquilo que é da ordem do humano.

Além disso, nosso percurso demonstrou também que o sistema R.S.I. deve ser pensado como instrumento lógico do trabalho analítico enquanto operado por um analista que transferencialmente ocupa o lugar de A na relação que ocorre em uma análise. Nesse sentido, o jogo possível com os toros borromeanos serve ao analista para estruturar a análise que opera com aquele humano que para a psicanálise, ao menos a lacaniana, é caracterizado como parte de um universo cujas características fundamentais podem ser descritas como Simbólico, Imaginário e Real, um universo circunscrito a um campo simbólico imanente a isso que Lacan nomeou como A.

Referências

AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Penguin Classic Companhia das Letras, 2017.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Atlas, 2009.

ARISTÓTELES. *Categorias*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

DELEUZE, G. *Cursos sobre Spinoza* (Vincennes, 1978-1981). Fortaleza: EdUECE, 2019.

DUTRA, F. G. Sujeito e Responsabilidade. El Rey está desnudo. *Apertura, Sociedad Psicoanalítica*, v. 8, n. 8, Outubro, 2015.

EIDELSZTEIN, A. *Otro Lacan: estudio sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano*. Buenos Aires: Letra Viva, 2017.

ESSENCE. Disponível em <https://dictionnaire.lerobert.com/definition/essence>.

ESSENTIEL. Disponível em <https://dictionnaire.lerobert.com/definition/essentiel>.

GOLDENBERG, R. *Desler Lacan*. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

LACAN, J. *Le symbolique, l'imaginaire et le reel*. 1953. Disponível em : <https://ecole-lacanienne.net>.

LACAN, J. *Les écrits techniques de Freud, 1953-54*. 1954. Disponível em: <http://staferla.free.fr>.

LACAN, J. *Le moi, 1954-55*. 1955. Disponível em: <http://staferla.free.fr>.

LACAN, J. *Psychoses, 1955-56*. 1956. Disponível em: <http://staferla.free.fr>.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. Posição do inconsciente. In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. *Of structure as an inmixing of an Otherness prerequisite to any subject whatever*. Inédito. 1966. Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net>.

LACAN, J. . . . *Ou pire*, 1971-72. 1972. Disponível em: <http://staferla.free.fr>.

LACAN, J. *Encore*, 1972-73. 1973. Disponível em: <http://staferla.free.fr>.

LACAN, J. *Conférence de presse du docteur Jacques Lacan au Centre culturel français*. Inédito. 1974. Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net>.

LACAN, J. *RSI*, 1974-75. Inédito. 1975a. Disponível em: <http://staferla.free.fr>.

LACAN, J. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. *Scilicet* n° 6/7, pp. 42-45, 1987b. Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net>.

LACAN, J. *Dissolution*, 1979-80. Inédito. 1980. Disponível em: <http://staferla.free.fr>.

LIBERA, A. de. *Arqueologia do sujeito*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2013.

MEZZA, M. Lacan a revolução negada. In: DUTRA, F. G.; ARAÚJO, K. C.; MEZZA, M. *Lacan. A revolução negada*. Curitiba: CRV, 2021.

MOHR, A. M. O gozo, a substância lacaniana e o corpo incorpóreo. *Analytica: Revista De Psicanálise*, v. 10, n.18, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/4049>.

NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. Curitiba: Hemus, 2001.

RÉALITÉ. Disponível em <https://dictionnaire.lerobert.com/synonymes/realite>.

REGISTRE. Disponível em <https://dictionnaire.lerobert.com/definition/registre>.

SADE, M. de. *A filosofia na alcova, ou, os preceptores imorais*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

Reflexões sobre o autismo a partir da teoria e prática e/ou prática e teoria?

Reflections on autism from theory and practice and/or practice and theory?

Juratriz Salete Ribas¹

Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir o autismo na atualidade a partir da abordagem psicanalítica, considerando a estrutura autista na sua singularidade, priorizando o olhar e a escuta na subjetividade em cada sujeito, diante da “epidemia” de casos de autismo que recebemos na clínica, a partir do conceito de pulsão do texto de Freud, a “Pulsão e suas Vicissitudes” e de Lacan que, ao retomar Freud, ultrapassa suas elaborações e reitera a pulsão como um conceito essencial à experiência analítica para aquisição da linguagem. Situando o lugar do psicanalista no trabalho transdisciplinar na clínica do autismo.

Palavra-chave: Autismo; Subjetividade; Psicanálise.

Abstract

This article aims to discuss autism today from a psychoanalytic approach, considering the autistic structure in its singularity, prioritizing looking and listening to the subjectivity of each subject, given the “epidemic” of autism cases that we receive at the clinic. based on

¹ Juratriz Salete Ribas: Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC); graduada em Psicologia (UTP-PR) e em Pedagogia (UPF-RS); Mestra em Ciência da Educação (Universidade Internacional de Lisboa); especialista em Saúde Mental e Psicologia (UTP). Contato: juraribas@hotmail.com

the concept of drive in Freud's text "Drive and its Vicissitudes" and Lacan, who takes up Freud, goes beyond his elaborations and reiterates the drive as an essential concept in the analytical experience for the acquisition of language. Situating the place of the psychoanalyst in transdisciplinary work in the autism clinic.

Keywords: Autism; Subjectivity; Psychoanalysis.

Diante de alguns anos de estudos sobre a questão do autismo pelo viés psicanalítico e a circulação incansável pelos mais diversos autores (estudiosos), desde os clássicos até os da atualidade, continuo com muitos questionamentos a partir da prática clínica, onde observo que vem se apresentando uma "epidemia" de casos de autismo.

A Organização Mundial da Saúde – OMS (Revista Espaço Aberto, 2024) calcula em 2 milhões os autistas no Brasil e o Centro de Controle e Prevenção de Doenças – CDC, 5,95 milhões de autistas (Canal do Autismo/Revista Autismo, 2024).

O que arrisco trabalhar aqui não são os números e muito menos a porcentagem que vem crescendo significativamente dia a dia. O que me interroga a cada caso que recebo na clínica é o autista na sua particularidade, porque, a rigor, não existe sujeito no autismo, trabalhamos supondo um, essa pessoa única em sua história, sua estrutura, seu jeito particular de se colocar no mundo. A primeira questão com a qual me interrogo, é o autista como estrutura, o que considero o seu jeito de se colocar no mundo. Muitos dos casos já vêm com o diagnóstico médico de autismo e suas comorbidades. E pergunto: o que é a comorbidade? Na maioria das vezes, essa palavra vem para ocultar o que de fato é o cerne da questão ou a possível doença de fato: vem para recobrir o que aflige o sujeito e a sua família, porque o autismo tem uma aceitação maior no social.

Por exemplo: uma criança de 11 anos que está em atendimento e no decorrer das sessões, observa-se que o que lhe causa sofrimento não são as pautas autistas como vem sendo nominadas na sua hipótese diagnóstica. Durante várias situações na escola e nas demais terapias (terapia ocupacional entre outras), ela tem surtos nos quais se desorganiza e quebra objetos, agride os terapeutas e colegas, o que abre a possibilidade de uma possível psicose. Após colocar para a sua mãe essa hipótese diagnóstica, ela não aceita. Alguns dias depois, foi encaminhada para uma psiquiatra infantil para uma avaliação, mas a mãe não foi. Na semana seguinte, essa criança se joga do terceiro andar, machucando-se muito. Foi internada no hospital infantil onde a psiquiatra, que já havia sido recomendada, trabalha e confirma a hipótese de uma possível psicose e não um autismo.

O que pretendo ilustrar com esse exemplo é o cuidado em fechar diagnósticos precoces e, ao mesmo tempo, o quanto é angustiante para os familiares não terem o diagnóstico médico fechado.

Entretanto, para os psicanalistas, o diagnóstico não é o mais importante, pois priorizamos o olhar e a escuta, voltada para o sujeito. Os sinais que vêm se apresentando na clínica, a partir do trabalho com esses pacientes autistas, são: uma retenção dos objetos pulsionais; a fuga do olhar; a retenção das fezes; a recusa precoce ao alimento e à voz. Não são apenas as interações escópicas que os bebês autistas evitam, mas todos os objetos que mobilizam as primeiras trocas com os pais, como: voz, fezes, alimento. O que lhes causa muita angústia. Como diz a mãe do pequeno Artur, pacientezinho bebê de 8 meses: “Eu venho tentando, tentando me comunicar com ele, mas não responde”. Recorrendo ao princípio, à leitura do texto “A Pulsão e suas Vicissitudes”, de Freud, ao conceito de pulsão, ele trata como uma necessidade

de contar com uma construção significativa, uma ficção que lhe permitisse abordar o que se apresenta de mais real na clínica psicanalítica (Freud, 1915).

Lacan, que retoma o texto de Freud, ultrapassa suas elaborações e reitera a pulsão como um conceito “essencial à experiência analítica” (Lacan, 2008, p.159). Retornando ao fragmento clínico citado, quando a analista questiona: “me fale sobre essas tentativas, vamos trabalhar juntas?” Aparece no fazer da mãe, ações de movimentos, embalos e aconchego, porém com a ausência da palavra.

A primeira afirmação de Freud, de que a pulsão é um conceito limite entre o psiquismo e o somático, aponta para a sua diversidade e inacabamento. As pulsões são indeterminadas, desde as suas origens até os seus destinos, elegendo pelo caminho objetos incertos que dependem da articulação com a linguagem para que se constituam. Logo, o objeto variável da pulsão é uma vicissitude da história do sujeito. Há pulsão porque há linguagem. Não fosse pela linguagem, haveria necessidade, instinto. Freud situa que a origem das pulsões nos é absolutamente, desconhecida, escapando totalmente à psicanálise. “A teoria das pulsões é por assim dizer, a nossa mitologia” (Freud, 1915, p.136). Sendo assim, só podemos acessá-las por intermédio de seus efeitos, já que sua origem está no campo do real, do impossível, do que não pode ser representado ou simbolizado. Por isso, nos interessa o conceito de pulsão, uma vez que nos deparamos com os efeitos desse impossível no discurso na clínica psicanalítica.

Diante de uma criança que apresentava mutismo severo, a partir de entrevistas com a mãe e o seu pai, mais adiante, verifica-se que os seus balbucios eram pobres e a sua fala foi se constituindo com ecolalia, evitando a interação social. Considerando que a apreensão da linguagem passa pela interação social e a significação, a recusa de inserir a voz na troca com o outro,

segundo Motttron (2016), existem dois canais maiores na entrada da linguagem pelos autistas: balbucios pobres, ecolalia e outro pela escrita (Maleval, 2017). Coloca-se que há uma constante discernível em todos os níveis do espectro autista, ela está na dificuldade do sujeito em tomar uma posição de enunciador. Ele fala sem problemas, contanto que não diga.

A voz enquanto objeto pulsional não é a sonoridade da palavra, mas aquilo que carrega a presença de um sujeito em seu dizer. É uma constante capital do funcionamento autístico, proteger-se de toda a qualquer emergência angustiante do objeto voz. Da sua própria, pela verborreia ou pelo mutismo, da do Outro, pela evitação da interlocução (Maleval, 2017, p. 91).

Foi constatado, a partir de estudos - desde os anos setenta - que a evitação do olhar e a ausência de balbucios e, muitas vezes, choros e gritos, quando estão acordados e outros em silêncio, acompanhada da falta de reciprocidade de bebês com a sua mãe ou quem possa fazer essa função, durante os primeiros meses de vida, podem indicar um provável futuro autista.

Estudos recentes demonstram que balbucios e vocalizações do bebê autista apresentam uma pobreza estatisticamente significativa de mínimas trocas e busca de trocas interativas. Até os 6 meses de idade não se nota a diferença, mas quando o balbucio está presente, os estudos constataam que a forma de manifestação é pouco coordenada com o olhar, mais solitário, menos socialmente orientado. Os elementos do balbucio só podem adquirir significação a partir da resposta do outro, e, segundo Lacan, a entrada na linguagem se dá a partir da transformação do grito em apelo. O significante da resposta do Outro deve ser escutado para que o grito desapareça frente ao Si de apelo, para que a alienação ao discurso do Outro seja demarcada desde o balbucio,

considerado vocalização com sentido, se tratando da protolinguagem que precede à entrada na linguagem.

Lacan aproxima o balbúcio da lálíngua, escolhe esse termo de forma que ficasse “o mais próximo possível da palavra lalação” (Lacan, 1974). A lálíngua, pura bateria de significante, sem gramática, constituída de S1, fundada nas homofonias infantis, baseia-se no balbúcio. É constituída pela incorporação do significante: “Lálíngua”, afirma Lacan, “aos olhos do gozo fálico é só uma parcela de gozo. É assim que ela se expande para além do corpo” (Lacan, 1974). E, é desse encontro da lálíngua com o corpo que nascem as marcas que são marcas no corpo, o que Lacan chama de sintoma: “a consistência de tais marcas”. Portanto, “É assim que o sintoma pode ser reduzido a um mero evento de corpo, algo que aconteceu ao corpo pela lálíngua” (Miller, 2005, p.152).

O fato de o grito do autista não ter se transformado em apelo, receber significantes de forma passiva e não interativa, não atribuir sentido para articular a outros significantes, mostra a especificidade da lálíngua autista onde não emergem significantes mestres, não há articulações. “não é só o S1 que falta ao autismo, mas sim todo o tronco do significante mestre inicial, o S1, está foracluído” (Lefort; Lefort, 1998, p. 26). A lálíngua no autista não se apaga, por não se articular ao discurso do Outro. É constituída de vários S1 isolados, justapostos. Então, suas satisfações são solitárias, não da comunicação, seus S1 não têm possibilidade de se transformarem em significantes-mestres que podem marcar o corpo de uma letra no princípio de um sintoma.

Até aqui, venho discorrendo sobre bebês e crianças, mas nos 2 últimos anos, tenho me deparado na clínica com uma explosão de encaminhamentos com diagnóstico de autismo em adultos, que são sujeitos que traçaram um caminho afetivo, construíram

famílias e a maioria bem-sucedidos profissionalmente. Então interrogo, o que fazer com essas demandas? Pergunto: O que lhes incomoda? O que lhes causa sofrimento? Essas perguntas abrem-se para as mais diversas questões e tentativas de resposta, o que importa é a abertura para o início de um trabalho de análise, na maioria dos casos. Aqueles que vem em busca apenas dos benefícios do diagnóstico, vão embora. Serão abordados de modo semelhante a qualquer outro paciente, ou seja, escutá-los na tentativa de compreender o seu funcionamento, auxiliando-os a expandir seus recursos para viver e se relacionar sem serem engolidos pelo social. Ainda que em tais pacientes haja uma maior prevalência de modos autísticos de funcionar, é singular e único, o que faz com que o diagnóstico seja pouco útil, a priori, no processo analítico propriamente dito.

É importante considerar que no sujeito com TEA, a busca por relações é substituída por uma busca por sensações, o que leva a dificuldades frente às demandas do Outro, onde as experiências de relação com o Outro ficaram prejudicadas. É fundamental retomar o que já foi abordado: o autismo é resultante de falhas na instalação da pulsão no sujeito, ou seja, durante o processo de constituição do psiquismo do bebê é preciso realizar e fortalecer a sua experiência de presentificar-se no mundo. E muitas vezes o adulto que chega até o consultório está cristalizado no modo autístico de funcionar, onde pensam a partir de signos e não há uma construção de significantes. Há uma separação entre a cognição e afetos. O raciocínio é como um computador, não sabem lidar com os afetos. Observo que se constituiu uma organização mental mais rígida, menos apta para as adaptações necessárias à imprevisibilidade. A análise, tanto em crianças quanto em adultos, tem por objetivo criar caminhos novos para sofrer menos ao lidar com os percalços do viver.

Então, qual é o lugar do psicanalista no tratamento do sujeito autista? É oferecer a escuta da angústia parental, dar suporte aos pais e aos cuidadores, tratando-se de bebês ou crianças. Acomodar a criança na fala do brincar, na constituição psíquica. Trabalhar em conjunto com equipes transdisciplinares, reinventar modos de trabalhos diferentes, de acordo com a idade e o momento de cada sujeito. Tornar mais compreensível o universo autístico é uma das tarefas particulares da psicanálise, que pode contribuir trazendo mais familiaridade com ele. Ainda assim, corremos o risco de divulgarmos clichês: daí a importância do olhar da singularidade de cada um de nossos pacientes.

O que mantêm o desejo é surpreender e aprender no desafio de que cada caso abre para questões e mais questões no trabalho com a clínica do autismo. E assim, continuo trilhando o caminho, dando lugar à singularidade, na tentativa, na investigação do caso a caso, para tentar decifrar cada sujeito no seu autismo.

Referências

CDC. *Centro de Controle e Prevenção de Doenças*. Canal do autismo.com.br/revista do autismo, 2024.

FREUD, S. *Os Instintos e suas Vicissitudes*. Ed. Standard Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, 1987.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LEFORT, R.; LEFORT, R. *L'autisme, spécifique. In Fondation du champ freudien. Le symptôme-charlatan*. Paris: Seuil, 1998.

MALEVAL, J. Claude. *O autista e sua voz*. São Paulo: Blucher, 2017.

MALEVAL, J. Claude. Da Estrutura Autista. *Revista aSEPHallus de Orientação lacaniana*. Rio de Janeiro, v. 13, n.. 26, p. 4-38, maio 2018 a out. 2018.

MILLER, J-A. "*Piècesdétachées*", *La Cause Freudienne*, n. 61, 2005.

MOTTRON, L. *L'intervention précoce pour enfants autistes*. Paris: Mardaga, 2016.

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Revista Espaço Aberto*, USP, Universidade Corporativa da Polícia Federal – 2 de abril de 2024.

O sujeito entre a solidão da angústia e a companhia da palavra

The Subject Between the Solitude of Anguish and the Companionship of the Word

Luzia Carmem de Oliveira¹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo articular os conceitos de *Unheimlich* (o infamiliar) e angústia na psicanálise de Freud e Lacan, tomando como ponto de partida reflexões suscitadas durante o período da pandemia da COVID-19, compreendida aqui como um evento traumático. Tais reflexões estão fundamentadas na experiência clínica, a partir da qual se observou um aumento expressivo de queixas relacionadas à ansiedade e a crises de pânico – manifestações frequentemente abordadas pela psiquiatria a partir de um viés diagnóstico. Do ponto de vista psicanalítico, esses fenômenos podem ser escutados como expressões do infamiliar e da angústia, afetos que denunciam uma ruptura subjetiva frente ao real e se configuram como elementos norteadores da escuta clínica. Nesse sentido, o *Unheimlich* e a angústia tornam-se operadores teóricos que possibilitam uma aproximação com o desejo do sujeito, orientando a clínica em direção à singularidade da experiência psíquica.

Palavras-chave: Angústia. Inquietante. Ansiedade. Pânico. Psicanálise.

1 Luzia Carmem de Oliveira: Psicanalista, Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Psicologia (UTP-PR); Doutoranda em Psicologia Clínica (PUCSP); Mestre em Psicologia (UFPR); Especialista em Saúde Mental e Psicanálise (PUCPR). Contato: lcarmemoliveira.psi@gmail.com

Abstract

This article aims to articulate the concepts of *Unheimlich* (the uncanny) and anguish in the psychoanalysis of Freud and Lacan, taking as a starting point reflections prompted during the COVID-19 pandemic period, understood here as a traumatic event. These reflections are grounded in clinical experience, from which a significant increase in complaints related to anxiety and panic attacks was observed – manifestations frequently addressed by psychiatry from a diagnostic perspective. From a psychoanalytic point of view, these phenomena can be heard as expressions of the uncanny and anguish, affects that indicate a subjective rupture in the face of the real and serve as guiding elements of clinical listening. In this sense, *Unheimlich* and anguish become theoretical operators that allow an approach to the subject's desire, orienting the clinic toward the singularity of psychic experience.

Keywords: Anguish. Uncanny. Anxiety. Panic. Psychoanalysis.

Angústia pode ser não ter esperança. Ou conformar-se sem se resignar. Ou não confessar nem a si próprio. Ou não ser o que realmente se é, e nunca se é. Angústia pode ser o desamparo de estar vivo. Pode ser também não ter coragem de ter angústia – e a fuga é outra angústia. Mas a angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai.
Clarice Lispector

Às duas horas da madrugada, enquanto a cidade repousa em aparente tranquilidade, um cenário silencioso contrasta com a realidade vivida por seus habitantes. Silvia² desperta com sintomas intensos como: sensação de sufocamento, tremores, agitação motora, um aperto que lhe comprime o peito, causando um medo iminente de morte. Sozinha em casa, encontra-se

2 Baseado em diversas situações reais que ocorreram durante a pandemia.

paralisada, incapaz de compreender ou nomear o que se passa, o que aprofunda sua sensação de desamparo. Após algum esforço, consegue contatar um amigo, que prontamente a auxilia. O desespero, o choro incontrolável, a respiração descompassada e o medo da morte compõem uma experiência que escapa à simbolização imediata, dificultando a construção de qualquer resposta subjetiva.

A possibilidade de buscar auxílio hospitalar é rapidamente descartada. Em seu lugar, opta por contatar um colega médico, de plantão, que sugere uma medicação a ser providenciada posteriormente. Nesse momento, porém, destaca-se a função do outro como presença acolhedora: o colega investe no diálogo, escuta com atenção, oferece palavras de contenção e tenta guiá-la no resgate de uma respiração mais serena. O sentimento de amparo e segurança viabiliza uma remissão parcial da crise, que, em suas palavras, é nomeada como uma crise de pânico.

Esse episódio subjetivo se insere em um tempo histórico marcado por uma contingência traumática de dimensão coletiva: a pandemia de COVID-19. De maneira abrupta, o mundo se viu confrontado com o desamparo humano em sua forma mais evidente. Nas palavras do poeta Ferreira Gullar (2015, p. 350), em *Espera*: “Um grave acontecimento está sendo esperado por todos [...] e nem Deus e nem a polícia poderiam evitá-lo.” Essa expectativa se converteu em angústia cotidiana, permeando o laço social e exigindo adaptações drásticas nas formas de viver.

Ainda que o progresso técnico-científico da civilização tenha alcançado marcas expressivas, a natureza segue impondo limites ao humano. Freud (1930/2010) já advertia sobre as três fontes do sofrimento: o corpo que se deteriora, a força do mundo externo e a relação com os outros seres humanos. A pandemia trouxe o impacto simultâneo dessas três vias de sofrimento, evidenciado

pelo adoecimento físico e sofrimento mental, pelas mortes, perdas e pelo colapso dos modos usuais de convívio.

As restrições impostas – como o isolamento social, o uso de máscaras, a suspensão de atividades e eventos – reconfiguraram não apenas o cotidiano, mas também a experiência subjetiva. Relações afetivas foram tensionadas, projetos interrompidos, e muitos se viram obrigados a um mergulho forçado em suas próprias interioridades, até então anestesiadas pela aceleração do cotidiano contemporâneo.

A experiência da pandemia, como em qualquer situação traumática, pode ser comparada a um mergulho em ambiente aquático: quando munido de equipamentos adequados, o indivíduo pode permanecer submerso por algum tempo em relativa segurança. Contudo, na ausência desses recursos, o tempo é breve e o risco, elevado. Assim, também ocorre com os recursos psíquicos: cada sujeito dispõe de sua própria aparelhagem simbólica para enfrentar os desafios do real. Mas existem momentos que encontrar sustentação nas próprias formações subjetivas é difícil, e a sensação é de que o mergulho é um afogamento.

Sempre escutamos narrativas marcadas por desconforto, dúvidas, sofrimento e angústia, material de trabalho no cotidiano do psicanalista. Para muitos, nomear o mal-estar constitui uma tarefa árdua, envolta em estranhamento e silenciamento. As sensações parecem escapar à linguagem, revelando-se como inomináveis. Inúmeras vezes há um aparente paradoxo entre a ‘normalidade’ superficial e um ‘algo’ que se impõe como estranho, paradoxo que se apresenta nas posições do sujeito entre ‘querer mudanças’ e ao mesmo tempo ‘não as querer’. Demonstração de que somos feitos de contradições.

A escuta clínica, no âmbito da psicanálise, constitui-se como um espaço privilegiado para interrogar o estranhamento, o

paradoxo e a contradição. Esses elementos emergem por meio das palavras com as quais o sujeito busca expressar suas vivências subjetivas, muitas vezes marcadas por ambivalências e sentidos opacos. Partindo desta perspectiva, o presente trabalho resulta da ampliação de uma apresentação anterior realizada na Associação Psicanalítica de Curitiba, oriunda de reflexões surgidas durante o período da pandemia de COVID-19.

A partir da Psicanálise, propomos examinar essa experiência à luz do conceito de *Unheimlich*, tal como formulado por Freud (1919/2010), articulando-o com a noção de angústia. Trata-se de um esforço teórico-clínico voltado para esse afeto que, embora cause sofrimento, pode funcionar como um operador psíquico, convocando o sujeito à elaboração e ao movimento interno. Nesse sentido, a angústia, longe de ser apenas um sinal de desorganização, revela-se como um elemento norteador do trabalho clínico, orientando a escuta e abrindo possibilidades de deslocamento subjetivo, segundo o desejo do sujeito.

Entre a ânsia e a inquietação

A ansiedade constitui um afeto amplamente referenciado no discurso cotidiano, figurando como uma queixa recorrente entre as pessoas. Tal termo tornou-se de uso corriqueiro, extrapolando os limites clínicos e adquirindo um estatuto quase universal para nomear estados afetivos pouco compreendidos ou de difícil elaboração. Diante da dificuldade de nomear determinadas vivências emocionais, a ansiedade se apresenta como uma designação imediata e acessível. No entanto, do ponto de vista da escuta psicanalítica, o vocábulo “ansiedade” carece de sentido se não

for mais amplamente contextualizado, detalhado e articulado à história singular do sujeito.

Segundo o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5, 2014), os transtornos de ansiedade compreendem um conjunto de diagnósticos que compartilham duas características centrais: o medo e a ansiedade excessivos. O medo consiste numa resposta a uma ameaça real ou percebida, enquanto a ansiedade refere-se à antecipação de uma ameaça futura. As distinções entre ambos residem no caráter dos objetos ou situações que os desencadeiam. Dentre os diagnósticos contemplados, os ataques de pânico se destacam como respostas específicas ao medo, sendo incluídos dentro da categoria mais ampla dos transtornos ansiosos. Sua ocorrência pode se manifestar em diversos quadros psicopatológicos.

A crise de pânico, conforme descrita pelo DSM-5 (2014), caracteriza-se por ser um evento abrupto, inesperado, com forte intensidade de medo, acompanhado de manifestações fisiológicas como taquicardia, sudorese, tremores, falta de ar, sensação de sufocamento, tontura, parestesias, entre outras. Há também a vivência de medo de perda de controle ou de morte iminente. Esses sintomas acometeram a Silvia, que, após sua primeira crise, passou a temer novas ocorrências, instaurando um estado de hipervigilância permanente. Apesar do uso de medicação e do acompanhamento analítico, ela relatava uma sensação estranha, difícil de nomear ou representar.

A Psicanálise propõe um paradigma teórico distinto da Psiquiatria, centrando-se na escuta do sujeito e em uma nova elaboração a partir de sua história e de seu desejo. Já em seus primeiros escritos, Freud (1895[1894]) descreveu a neurose de angústia como um quadro sintomatológico bastante próximo do atual entendimento sobre as crises de pânico, incluindo sintomas

como irritabilidade, ansiedade latente, distúrbios cardiorrespiratórios, sudorese, vertigem, e episódios de pânico noturno. Tal semelhança permite aproximar conceitualmente a neurose de angústia freudiana ao pânico contemporâneo, considerando este último como uma atualização sintomática daquele primeiro modelo, com destaque para o transbordamento do afeto além das possibilidades de simbolização do sujeito.

Nos dias que antecederam sua primeira crise de pânico, Silvia relatava um sentimento de estranhamento generalizado, sem conseguir delimitar seu estado afetivo. Apesar de sua vida manter uma aparência de estabilidade, a sensação de inquietude se intensificava, como se algo se passasse em outra cena, fora de sua capacidade de apreensão consciente. Como compreender esse estranho?

Freud nos oferece um fio condutor. A fim de aprofundar a compreensão da natureza do “estranho”, ele elabora em *Das Unheimliche* (1919/2010) o conceito traduzido para o português como ‘inquietante’, ‘infamiliar’ e ‘estranho’. Nesse trabalho, ele inicia sua reflexão a partir da estética, destacando que ela não se limita ao campo do belo, mas abrange também a teoria das qualidades afetivas, incluindo experiências como a aflição e a repulsa.

O inquietante/infamiliar/estranho inclui aquilo que provoca angústia e terror, diferindo do medo comum por evocar algo que, embora desconhecido, possui ressonância íntima com o sujeito. O que significa dizer que se refere a algo que o sujeito olha, se percebe tomado por um sentimento de estranheza, pois esse algo lhe parece infamiliar, mas na realidade um dia lhe foi familiar. A questão é que todo esse processo pode ser incompreensível.

Essa é a proposição de Freud, o inquietante remete ao que é familiar, mas que deveria permanecer oculto e retorna de forma disruptiva. Tal formulação é ilustrada por meio de algumas

análises, dentre elas a do conto “O Homem da Areia”, de E.T.A. Hoffmann (1817), no qual um jovem revive, na vida adulta, o terror infantil associado à figura mítica que lhe ameaçava os olhos. Essa figura inquietante reativa o complexo infantil de castração, produzindo angústia não plenamente representável pela consciência.

Outra narrativa analisada por Freud é “O Elixir do Diabo” (1815-1816), também de Hoffmann, na qual o tema central é a figura do duplo, ou sósia. A partir dos estudos de Otto Rank, o duplo é compreendido, num primeiro momento, como garantia contra a morte — um prolongamento do Ego — e, posteriormente, como um presságio dela. O duplo permanece como vestígio do narcisismo primário, assumindo novas funções psíquicas ao longo do desenvolvimento, como no caso do Superego, instância crítica e auto-observadora.

No romance contemporâneo *O Homem Duplicado*, de José Saramago (2002), temos uma reatualização literária da temática do duplo. A história do professor Tertuliano, que descobre um sósia seu atuando em um filme, simboliza a inquietação diante das possibilidades não realizadas, representadas pelo outro idêntico. Esse encontro com o duplo desvela a angústia, mas também sugere a chance de uma vida alternativa, a possibilidade de continuar vivendo apesar da morte, ainda que às custas de uma tragédia.

Freud também associa o inquietante à repetição de eventos aparentemente fortuitos, que, ao se reiterarem, produzem estranhamento e impressão de destino. Tal repetição remete à compulsão presente no inconsciente, que opera independentemente do princípio do prazer, e cuja força demoníaca é percebida como inquietante. Repetição que é essencial na clínica, sendo o norteador para escutar algo que remete à verdade do sujeito.

A morte, tema central nas reflexões sobre o inquietante, continua a suscitar temor e desconhecimento, pois como afirma Freud (1915/2010), o inconsciente não a reconhece, sustentando uma crença na imortalidade psíquica. Ele sintetiza duas fontes principais do inquietante: uma, que deriva de complexos infantis, especialmente o de castração; e outra, oriunda de crenças primitivas que, embora aparentemente superadas, ressurgem de forma perturbadora. Ambas as fontes frequentemente se confundem, dificultando uma separação nítida entre elas.

O infamiliar/inquietante/estranho - *Das Unheimliche* - remete a uma cena traumática, a castração, ao que há de mais íntimo ao sujeito. A pandemia escancarou a presença constante da morte, intensificou a angústia coletiva frente à ausência de tratamentos eficazes e à demora na distribuição da vacina (no Brasil), remetendo muitos sujeitos a esse lugar interno infamiliar. Importante destacar que essa não foi uma experiência universal, visto que para sermos remetidos a esse lugar - *Unheimliche* - há que se sentir identificado com o Outro/outro.

Como enfatiza Kristeva (1994), citada por Souza (2008), a ética freudiana proposta em *Das Unheimliche* aponta para o fato de que o inquietante não é algo exterior, mas resulta da estranheza do próprio Inconsciente. O inquietante, assim, revela-se como manifestação do retorno do recalcado, e em uma análise exige para sua irrupção a articulação entre dois planos: o estético — responsável pela produção do sombrio — e o psicanalítico — que remete à reativação de um funcionamento mental primitivo (De Martini; Coelho Júnior, 2019). Qual a relação do inquietante com a angústia?

A solidão da angústia

A angústia ocupa uma posição central na teoria psicanalítica, sendo considerada por Lacan (1962-1963/2005) como o afeto que não engana. A esse respeito, é possível situar o desenvolvimento do conceito desde os escritos freudianos iniciais até as elaborações posteriores, articulando-o à noção de *Unheimliche*. Na primeira tópica freudiana, a angústia é concebida como um afeto, matriz dos demais estados afetivos — um sentir do sujeito que alcança a consciência. Nesse momento, não havia distinção rigorosa entre angústia e medo, sendo ambos considerados reações a uma ameaça externa, desencadeando respostas como fuga ou defesa.

Com o advento da segunda tópica, Freud conferiu à angústia um novo estatuto. Ela passa a ser concebida como um sinal ligado à função da castração, e diferencia-se do medo, que exige um objeto específico. Ela expressa um estado particular de expectativa frente a um perigo difuso, por vezes não identificável. Se, na primeira tópica, a angústia era considerada produto do recalque, na segunda, ela aparece como sua causa — sendo a angústia de castração o fator precipitador da repressão.

Para Freud (1926/2014), quando o Ego é confrontado com uma situação de perigo iminente, ele realiza a retirada do investimento libidinal no representante pulsional, reprimindo-o. Esse movimento acarreta o surgimento da angústia como afeto sinal, permitindo ao aparelho psíquico identificar uma ameaça e operar a defesa por meio do recalque, segundo o princípio do prazer. Esse mecanismo se ancora no traço mnemônico, de modo que experiências afetivas atuais podem evocar registros de vivências traumáticas passadas. A angústia, portanto, emerge como reação a essa atualização do passado, tal como ocorre nos sonhos, nos

quais parte do conteúdo é manifesto e outra permanece latente, encoberta por formações substitutivas. Nesse contexto, o Ego se torna a sede da angústia.

O nascimento é apontado por Freud (1926/2014) como o evento inaugural da angústia — uma ruptura da unidade com o corpo materno. No entanto, a criança ainda alienada à mãe não se angustia propriamente, apenas registra a separação posteriormente. À medida que passa a integrar a realidade, o bebê, ao não ter sua necessidade imediatamente satisfeita, sinaliza seu desconforto ao outro cuidador, confiando que será acolhido. O perigo, nesse momento, reside na possibilidade de desamparo diante da não-satisfação.

A angústia caracteriza-se, portanto, como um afeto que resulta da percepção de ameaça — interna ou externa — sinalizando ao sujeito a urgência de proteção. Essa sinalização ativa estratégias defensivas, dentre as quais a formação do sintoma é uma via possível. Para Freud, o sintoma constitui, assim, uma tentativa de aliviar a angústia. O Ego, ao tentar integrar o sintoma à sua organização, acaba por se enredar com ele. Tal entrelaçamento faz do sintoma um elemento indispensável ao Ego, dificultando sua dissolução, pois atua junto às resistências. O sintoma exige satisfação contínua do Ego, que, em resposta, emite sinais de desprazer, mas o mantém para evitar a emergência da angústia.

As crises de pânico podem ser entendidas como manifestações viscerais da angústia, marcadas por uma vivência de dissolução do ser. Em tais episódios, há um medo vivido como realista, ainda que sem fundamento objetivo. No caso de Silvia, sua primeira crise ocorreu enquanto dormia, sem qualquer ameaça concreta no ambiente. No entanto, o contexto pandêmico impregnava seu cotidiano de incertezas e riscos. Apesar da

ausência de grandes temores conscientes, seu inconsciente sinalizava a presença de um terror que, somente a posteriori, pôde ser elaborado pela via da palavra. Tratava-se do medo da morte — uma ameaça externa internalizada, mas não reconhecida por essa via direta.

O diagnóstico de transtorno de pânico efetuado Medicina visa somente o fenômeno somático, aquilo que é manifesto, deixando de lado aspectos importantes para a Psicanálise como o fantasma (neste trabalho não entrarei neste conceito que exige um desenvolvimento mais aprofundado) do sujeito e seu trauma primordial.

Freud (1926/2014) equipara o medo da morte à angústia de castração. O Ego, confrontado com a perda da proteção do Superego, experimenta o desamparo, sentindo-se desguarnecido diante dos perigos. Tal desamparo, constitutivo da condição humana, remete à dependência do infante por cuidados externos. A experiência do bebê, ao ser acolhido e, simultaneamente, confrontado com a alteridade do cuidador — que também é fonte de angústia —, deixa marcas profundas no psiquismo.

A angústia, enquanto afeto, possui caráter desprazeroso, frequentemente se manifestando no corpo por meio do aumento da excitação. O alívio é buscado por descargas motoras. Freud afirma que, por seu modo de funcionamento, a angústia pode eclodir em qualquer momento da vida. Ainda que derive de uma angústia primordial, ela não se submete à linearidade cronológica. Sua irrupção instaura um abismo subjetivo, remetendo o sujeito à experiência originária do desamparo. Tal vivência é relatada por Silvia em sua crise de pânico, descrevendo um sentimento de aniquilamento, como se seu ser desaparecesse.

Freud buscou compreender a causa e o princípio da angústia, mas deixou abertas as possibilidades de ampliação do conceito,

trabalho efetuado por Lacan em alguns momentos de sua obra, mas principalmente em seu seminário *A angústia* (1962-63). Ele toma de Freud a ideia da angústia como sinal, não da falta de objeto, mas sim da presença do objeto. O que isso significa? Significa que o objeto, Das Ding, ao qual Freud se refere no texto *Projeto para uma Psicologia Científica*, não é tão perdido, já que é possível encontrar vestígios dele no sintoma e nas formações do inconsciente, denotando que “a angústia não é sem objeto”. Essa concepção da angústia também dá notícias da castração simbólica, que faz referência ao falo, mas ela traduz a busca por um objeto perdido.

Esse objeto perdido, que na realidade nunca existiu, mas está estruturalmente presente, Lacan o nomeou de Objeto ‘a’. Ele é “aquilo que falta”, no imaginário, no simbólico e no real, e que os objetos que não faltam na realidade procuram fazer esquecer, como afirma Colette Soler (2011). Ou seja, quando qualquer coisa vem a aparecer no lugar ocupado pelo objeto causa de desejo (objeto a), na medida em que, para que haja desejo é necessário a falta, é na iminência de faltar a falta que a angústia aparece.

Dito de outro modo, o sujeito é lançado ao inquietante e é então que surge a angústia, ou seja, “ela ocorre quando algo aparece, ou vai aparecer, nesse lugar vazio, convocando a presença desse hóspede inapreensível do qual não há imagem nem ideia, mas que faz aparecer alguma saliência” (Soller, 2011). Algo aparece.

Para Lacan (1962-63), é sempre enquadrada que a angústia se manifesta, como uma cena ou como um fantasma, onde se inscreve o assombroso, inquietante, inominável. Qualquer imprevisito no campo perceptivo, pelo vazio ou pelo pleno, pode fazer o fantasma da causa se levantar. Mas como argumenta Colette Soler (2011), e como podemos verificar na clínica, a angústia não

aparece somente no campo das imagens, mas também no campo dos significados. Ela aparece onde há rupturas de significações esperadas, quer seja por um imprevisto no campo perceptivo ou por um fracasso no campo do discurso. A isso é necessário que se acrescente uma outra condição: que o sujeito angustiado ou angustiável, se sinta concernido em seu próprio ser.

É isso que faz da vivência da angústia uma experiência sempre solitária e singular, o que significa dizer que ela não é um afeto compartilhado socialmente, embora vivenciado por todos. Pode-se buscar colocar palavras, mas sempre há algo que escapa à simbolização plena. Situações traumáticas, reativam o infamiliar como um ponto de confusão entre o conhecido e o desconhecido, mobilizando angústia, que, muitas vezes, é descrita com outros nomes, como: medo, desamparo, ansiedade, pânico.

Elaborações para concluir

Uma situação traumática faz aparecer o infamiliar, a angústia, o desamparo, que produzem e são produzidos como respostas sempre singulares para o ocorrido, a partir de um registro que já concerne àquele sujeito. As estatísticas, a clínica e a experiência cotidiana demonstram a crescente incidência de queixas relacionadas à ansiedade e ao pânico na contemporaneidade, que para a psicanálise, trata-se da angústia em ação. O inquietante que retorna — esse (in) familiar — serve como bússola para o analista, orientando-o na escuta dos conteúdos inconscientes, levando-o à verdade do sujeito, aproximando-se do real.

A angústia pode ser o sinal do aparecimento do infamiliar a partir do rompimento da rede de significações, ou seja, acesso ao “vazio da significação como enigma do Outro”, sendo que esse

vazio se torna certeza de que ‘isso quer dizer algo’ ao sujeito e que o sujeito ‘é visado por isso’. Significa dizer que a angústia é um afeto que se encontra entre o enigma e a certeza. Ela revela o ser do sujeito, aparecendo sempre que este se sente ameaçado em ser reduzido a objeto. Um ponto importante, mas não explorado neste trabalho é a relação da angústia com o gozo, ficando abertas outras elaborações.

Freud (1930/2010) afirmou que a felicidade é o objetivo mais almejado pelos seres humanos, mas a realidade impõe obstáculos a essa busca. A travessia da angústia a partir de uma análise, ainda que não garanta felicidade, pode afastar o sujeito da paralisção psíquica, pela responsabilização quanto ao próprio desejo. Essa é a aposta! Trata-se de uma construção singular, realizada na presença do analista e sustentada nas possibilidades únicas de cada um, sob transferência. Como bem nomeia Clarice Lispector: “a angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai”.

Referências

American Psychiatric Association. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-5*. (M. I. C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

DE MARTINI, A. e Coelho Júnior, N.E. O sentimento de si e o estranho. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 53, n. 1, p. 195-212, 2019.

FREUD, S. Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia” (1895[1894]). In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 3. pp.87-114). Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915). In: S. Freud. *Obras completas: Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos* (1914-1916) (Vol. 12, pp. 209-246). (P. C. de Souza, Trad. e notas). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. O inquietante (1919). In S. Freud. *Obras Completas: história de uma neurose infantil ("o homem dos lobos")*, além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) (Vol. 14, pp. 328-376). (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In S. Freud. *Obras Completas: história de uma neurose infantil ("o homem dos lobos")*, além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) (Vol. 14, pp. 161-239). (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia (1926). In S. Freud, *Obras Completas: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)* (Vol. 17, pp.13-123). (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In S. Freud. *Obras Completas: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (Vol. 18, pp. 13-122). (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GULLAR, F. *Toda poesia*. 21 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

HOFFMANN, E.T.A. *Los elixires del diablo (1815-16)*. Madrid: Mascarón, 1983.

HOFFMANN, E.T.A. O homem da areia. In: HOFFMANN, E.T.A. *Histórias fantásticas (1817)*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LACAN, J. *O seminário: livro 10 – A angústia (1962-1963)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. (3. ed). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

KRISTEVA, J. A universalidade não seria a nossa própria estranheza? In: KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SARAMAGO, J. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SOLER, C. *Os afetos lacanianos*. Trad. Cícero Oliveira. São Paulo: Aller, 2011.

SOUZA, M. R. de. A psicanálise diante do outro (ou o "inquietante" divã de Procusto). *Psychê*, v. 12, n. 23, 2008.

Bastidores Eternos da Formação

The Eternal Backstages of Formation

Rosane Weber Licht¹

Resumo

Este breve texto retoma questões antigas e sempre atuais da formação do analista e do trabalho com crianças.

Palavras-chave: formação do analista; desejo.

Abstract

This brief text revisits old – and always current – issues regarding the formation of the analyst and the psychoanalytic clinical work with children.

Keywords: analyst formation; desire.

As instituições psicanalíticas estão sempre às voltas com a questão da formação, do desejo, do trabalho com crianças e a APC não é exceção. Esta é a principal função de uma instituição, estando o assunto em pauta – sendo discutido em grupos, estudado em cartéis – ou não. É função tanto propiciar as condições para que a formação aconteça, quanto acompanhar os passos dados nessa direção e sua eficácia, ou não. A revista da APC, em seu número 40, dá mostras da persistência e da implicação

1 Rosane Weber Licht: Psicanalista e membro fundadora da Associação Psicanalítica de Curitiba.

no trabalho institucional, sempre focando em pontos essenciais para que esse trabalho aconteça. Tendo sempre em vista que mil vezes se faz necessário voltar ao tear – assim como em uma análise – com temas que, apesar de antigos, permanecem atuais.

Quando da sua fundação, em 1997, em algumas instituições ainda se discutia a pertinência da psicanálise com crianças ou sua especificidade. Apesar do que a clínica amplamente demonstrava, existia e ainda existe hoje, no social, uma espécie de cegueira em relação a isso, apontada por Contardo Calligaris, na época:

[...] uma obstinada cegueira, parece que não queremos reconhecer que crianças e adolescentes podem sofrer hoje, como nós mesmos, adultos, e que o luminoso futuro que gostaríamos de lhes proporcionar não basta para curá-los. É bem possível, aliás, que sofram principalmente de um amor - o nosso - que neles só consegue contemplar um brilho futuro. Afinal, não deve ser bom viver muito tempo como um cheque pré-datado (Calligaris, 1998).

Retomo esse tema porque quero abordar algumas formas de aproximação à psicanálise, e uma delas é pela via do trabalho com crianças.

Muitas vezes a opção inicial de um candidato a analista é a de trabalhar com crianças. Indagado a respeito, coloca que “é porque é mais fácil”. Será?! Parece que aí encontramos um pouquinho a ideia do “saber como fazer, afinal, criança, todos fomos um dia”.

Muito facilmente fica de lado que a criança traz todos os personagens que um adulto traz — pais, avós, irmãos, tios, etc. —, com a diferença de que traz na sua literalidade, em carne e osso! É que a criança muitas vezes põe o analista a correr - tanto metafórica quanto literalmente - em análise e fora dela, para dar conta dos interrogantes. É habitual que a neurose da criança venha chacoalhar a neurose –infantil – do analista.

A dificuldade no trabalho com crianças não é somente por sair do conforto da poltrona, mas por posturas difíceis de sustentar, que colocam em xeque basicamente o seu desejo. Não é simples emprestar o corpo a uma pequena criança em sua incipiente subjetividade, menos ainda confrontar-se com dar sustentação a um outro fragilizado, quase incorpóreo para algumas. Resgatar vivências infantis, identificar-se quando nem sempre se trata de reminiscências agradáveis ou passíveis de resgate, também é dureza. Como não se deixar levar pelas mais nobres intenções (das quais sabemos que o inferno está cheio [...]), caindo na mais pura pedagogia? Como não cair na maternagem corretiva, muitas vezes também coercitiva? Trabalhar ou não trabalhar com os pais? Será que precisa mesmo...

Como não se deixar levar por impetuosidades curativas, por uma certa visão saudosa e nostálgica da infância maravilhosa, que esconde em seu bojo sutis e disfarçadas estratégias de domínio e condução?

Realmente não é pouco e não é “mais fácil”! Angela Vorcaro, no livro *Crianças em Psicanálise*, nos alerta:

Pelo fato da criança se apresentar do lado do gozo que falta ao sujeito, ela solicita e convoca o fantasma do clínico, tornando a prática da psicanálise com crianças muito mais difícil do que com adultos. Para curar-se de sua tentação pedagógica, o analista precisa, antes, localizar o que ele próprio é como objeção a todo saber (Vorcaro, 1999, p. 90).

Essas são dificuldades mais específicas do trabalho com crianças, em que subjaz uma certa ideia de que “todo mundo sabe como lidar”, ocorrendo então em sessão uma réplica do que cada terapeuta faz em casa - com seus filhos ou na vida particular - como se esta fosse a fórmula, confundindo análise com educação familiar e orientação. Esquecendo-se das relações

estabelecidas na família, bem como do lugar particular que cada filho ocupa no narcisismo parental, isso faz com que tanto as orientações quanto o trabalho sejam inócuos, tornando-se verdadeiro somente o dito popular que diz que “se conselho fosse bom, ninguém daria”!

Apesar de mais específicas, não são restritas ao trabalho com crianças; fazem parte das questões referentes à formação. E uma instituição deve propor espaço para todas elas serem pensadas e discutidas, buscando abordar os interrogantes colocados pelo trabalho analítico.

Espaços que visam aprofundamento teórico, possibilitar produções, articulações da teoria com a clínica, buscando sempre diluir os efeitos imaginários de mestria e favorecer a transferência de trabalho.

Dizendo isso, não estou transmitindo uma fórmula de “perfeição ou de coisa pronta”, como se finalmente tivéssemos descoberto a boa forma. Não, nada disso é ou foi pensado como um ideal finalmente alcançado. É fruto de uma longa história e de muitos impasses, e a instituição se mantém trabalhando com base nos eixos do tripé (análise, supervisão, estudo teórico) sempre interrogados na sua efetividade, para serem lembrados — numa espécie de “volta ao texto” —, questionados e criticados em sua pertinência ou não. Servem de base à qual sempre se retorna, e não de modelos no sentido burocrático.

Fazendo um pouco de história, percebemos que a procura pela psicanálise se dá de diferentes maneiras, tantas quantas forem as pessoas interessadas, é claro, mas algumas são mais frequentes. Uma dessas maneiras é o interesse em saber um pouco de psicanálise, “saber um pouquinho”, para ver se é a psicanálise mesmo que interessa. Habitualmente são estudantes, “bombardeados” na faculdade com diferentes abordagens, acreditando que “sabendo

um pouquinho de cada coisa” será mais fácil uma escolha. Alguns também acreditam que saem da faculdade analistas.

Outra forma de aproximação é produzida quando o profissional é tomado por questões e impasses no seu trabalho e vem em busca de um lugar onde encontre com quem compartilhar essas questões e encaminhá-las, seja nas discussões, seja nos momentos de estudo.

Outras vezes, a procura é motivada pela busca de respostas rápidas e eficientes, que não levem a nenhuma implicação, sendo previsível a ocorrência de desencontros. Nessas ocasiões, desconhece-se que o acesso às respostas passa pela busca das perguntas sobre as próprias questões. É necessário transitar pelo chamado “conhecer-se”, que segundo Gérard Pommier (1998, p. 91),

[...] exige o abandono de toda concepção de mundo e se encontrar nesse próprio abandono: te encontrarás lá onde ignoras, pois é essa ignorância que enquadra todo saber. É ela que teus mestres, os mestres da cidade, te impedirão sempre de reconhecer, porque ela significa a descoberta de teu desejo, a prescrição de sua autoridade, mesmo que jamais digas não aos seus mandamentos.

Aproximam-se também aspirantes à psicanalista tomados por um “querer”, que dá lugar às decisões egoicas, narcísicas, enfim, imaginárias. É necessário muito tempo de análise para diferenciar “querer” e “desejar”. Longo e doloroso trabalho para sacar que posso até não querer aquilo que desejo!!

Independentemente do tipo de aproximação, se algo das discussões e do trabalho “picar” o interessado, pode surgir uma questão, um interrogante que mobilize um desejo genuíno com relação à psicanálise, com tudo o que tal desejo comporta. São os casos em que a “peste” se instala para valer, com todos os seus efeitos.

Mas, assim como diversas são as formas de aproximação, diversos são também os efeitos da “picada”. Algumas vezes ela produz efeitos colaterais adversos, indesejáveis, ocasião em que se faz aconselhável consultar novamente o motivo desta procura.

Pode ser também que o efeito seja o de produzir um determinado saber sobre alguma questão pessoal, que, em vez de propiciar uma busca, uma corrida atrás disso, faz a “vítima” correr em disparada para abordagens mais seguras, que disponham de “antídotos” para sepultá-la.

Outro efeito pode ser buscar refúgio no saber teórico, exclusivamente. Mesmo que uma análise seja iniciada, vemos alguém que procura respostas às próprias questões na teoria, teorizando sobre sua análise. Pode ser uma forma de digerir melhor, mas também de produzir um prudente afastamento. Também de encontrar sentido em tudo, absolutamente tudo, se perdendo em inúmeras divagações, deixando de lado o que seria fundamental. Nestas situações, vale lembrar a famosa frase de Freud: “Às vezes um charuto é apenas um charuto!”

O saber teórico também pode produzir alguns fechamentos, ao proporcionar “dicas” sobre como deveriam ser as coisas nos “bons casos”, sobre o que deve ser procurado e perguntado, produzindo um “saber fazer” que Alfredo Jerusalinsky, em antigo seminário proferido na APC, em 1993, chama de “Tabela de Psicologia Psicanalítica”. Muitas vezes no trabalho com crianças extremamente comprometidas, se faz uso desta “tabela”, porque:

[...] o tempo é curto, elas não podem esperar o tempo necessário para que seus pais resolvam sua problemática, e se faz necessário fazer uso da ‘psicologia psicanalítica’, exercendo um certo saber, fazendo indicações e interrogações quando os pais não falam, não associam, nunca foram tocados pelo fato de sua subjetividade ter algo a ver com o que seu filho apresenta.

Segundo Alfredo Jerusalinsky (1992), muitas vezes dizendo “bobagens”, mas que são imprescindíveis para viabilizar a aposta na possibilidade de surgimento de um sujeito, considerando que “ [...] o modo que o sujeito tem de encontrar o sentido é através de produzir uma forma de realização de um dos ideais que lhe foram impostos pelo Outro”.

Acontece que quem trabalha com a dita “Tabela de Psicologia Psicanalítica”, exclusivamente, exerce um saber, portanto, não corre o risco de trabalhar com a transferência, ufa!!!! Será que se descobriu finalmente uma vacina eficaz contra a picada?!

Aí está o ponto que me parece o mais difícil no engajamento de qualquer um na psicanálise: a bendita transferência... não dá para pular esta parte? Dá, é claro que dá, só que assim fazendo, pulamos não só a transferência quanto à própria psicanálise. Estaremos fazendo alguma coisa, qualquer coisa, mas não psicanálise.

É evidente que a teoria psicanalítica é extremamente complexa, densa, com conceitos de difícil apreensão e que a formação é permanente. A formação é permanente não somente porque os conceitos são difíceis, mas porque se trata da única “disciplina” que, a cada vez que é lida, proporciona mais uma migalha de compreensão, tanto pelo trajeto pessoal do leitor quanto pela diversidade dos casos ou do assunto que estiver instigando a leitura. É do fato de que a possibilidade de entendimento passa pela possibilidade de conseguir ler o que as palavras dizem. Quanto mais prosseguimos nossas análises, mais abertos estamos para ouvir a “outra cena”, já apontada por Freud. Mas nos despojamos do imaginário para ler o que está escrito. Sem contar com o fato de que entendemos quando fazemos parte do que é dito. Isso é Lacan quem nos diz.

Sabemos que onde se supõe saber no outro, existe transferência e ela é universal. Se é universal, o que especifica a transferência analítica?

O primeiro que faz diferença é que o cerne do trabalho analítico se encontra na possibilidade de trabalhar *na* e *com* a transferência, utilizando o fato dela existir, o que não ocorre em outras áreas, onde a transferência está (porque sempre está agindo, não inventaram ainda outra forma para o sujeito se colocar em suas relações) sem que se tenha notícias, se pense nela, quiçá que ela é importante e que haveria algo a fazer através dela. É uma suposição de saber colocada no outro, que ocorre universalmente, em cujo bojo se encontra o pedido de entendimento, de compreensão, de que exista alguém em algum lugar, que finalmente diga como é que é, como é que se faz para gozar, para encontrar uma plenitude. Esta é a demanda implícita: complementaridade. Alguém que responda ao chamado, que permita ao sujeito prosseguir narcísicamente encravado numa posição, tentando realizar o que supõe como o desejo do outro. A cada um seu tema, daí as diferentes formas em que as demandas se apresentam. É especificamente a esta demanda que um analista não responde; é sacando este lugar onde o paciente tenta colocá-lo que o analista vai responder de outro, interpretando esta demanda. Ao interpretar esta demanda e produzir o levantamento do véu que encobria o desejo, “produz-se” transferência, produz-se suposição de saber. Escutou-se a outra cena que permite a entrada em análise, que permite passar da demanda ao desejo, ao que é o *x* da questão do sujeito. Logo, para produzir um efeito de giro na subjetividade de alguém, é só escutar a outra cena.

Se essa suposição se esvai, deixa de existir ou não chega nunca a se constituir, não existe análise também: existe alguém que conversa/ouve outro alguém. Essa conversa pode durar um

tempo, quem sabe o tempo da simpatia/empatia dos participantes, mas o trabalho acaba ao não produzir efeitos.

Sem trabalhar na transferência, é extremamente frequente que o analista acabe trabalhando com os sentimentos, com os afetos, dando lugar a terapias de compadecimento e de adaptação. Assim fazendo, Freud se retorce na tumba, porque, na data do século passado, sua descoberta de que a verdade está no inconsciente e os sentimentos são conscientes. O que está em questão é chegar ao que produz esses sentimentos, esse mal-estar de estar mal, que são feitos e efeitos de uma particular articulação dos significantes.

Parece-me que a questão não é como se deixar tomar pelos lugares que o paciente aponta – porque tomados sempre somos –, a questão é como perceber o lugar para não responder desde ali, como ouvir a forma significativa em que isso se coloca para poder não responder à demanda do paciente. O que é necessário para tal?

Existem muitas possibilidades: ouvir ao pé da letra, na literalidade e na musicalidade, é uma forma de aproximação à letra que marca o sujeito. Surpreender-se, não compreendendo o significado socialmente estabelecido, é outra forma de ouvir as palavras como significantes e não como signos. Ter presente que o significante se repete sem significado unívoco e que conduz a algum lugar, tem uma certa direção, também é uma dica preciosa. Bom, mas pensar nisso e saber disso de nada adianta. Parece que para dar lugar a uma escuta, se precisa de muita análise e de esquecer de tudo isso. A começar pelos próprios significantes, abstenendo-se de um certo gozo de saber intelectual, caindo fora do “*furor curandis*”, da tentação de colocar “sabedoria” sobre o analisante, bem como da expectativa de que “enfim esse paciente dê certo”,

situação em que o mesmo é encarregado de dizer do analista em potencial...

Abster-se de um saber ... que coisinha complicada essa, tanto trabalho, tanto estudo, tanto empenho na formação para abster-se? Ou isso, ou a oclusão das possibilidades de interrogação e de construção do próprio saber pelo analisante. O saber do psicanalista consiste em saber que ele não sabe.

Algumas vezes, por sorte rara, ocorre a utilização desse saber analítico para a manipulação dos sujeitos — dentro ou fora de sessão —, estabelecendo-se uma relação de “uso”, de utilização da servidão voluntária do sujeito pelo suposto analista, em proveito próprio.

Isso nos remete à ética de nosso trabalho, que diz respeito ao desejo de analista, ao desejo de acompanhar seu paciente neste caminho de confrontação com a falta, o que é absolutamente distante do assujeitamento a outro. A esse respeito, Lacan (1985, p. 281-282) nos diz que “O desejo do analista (...) é um desejo de obter a diferença máxima, a que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem pela primeira vez em posição de aí se assujeitar”.

Como, tendo passado por esta experiência “primordial” de confrontação com a falta, com o nada em que se ancorou nossa existência, desejamos acompanhar outros nessa travessia? A principal preocupação de um psicanalista é que o desejo não venha a acabar! Não somente sua preocupação, mas também sua ocupação inicial: encontrá-lo oculto na demanda que leva alguém à análise.

Desde o início de sua formação, um psicanalista sabe que a constituição de um sujeito passa pela falta. Não uma falta qualquer, mas a produzida por sermos desalojados do lugar inicial de suposta complementaridade com quem exerceu a Função

Materna. Desalojados por quem exerceu a função paterna, que é por excelência função de separação. A Função Paterna “aciona” os significantes do Nome-do-Pai, que são aqueles que têm função de nomear e de significar, produzindo significado e efeito metafórico, produzindo desejo. Marca também a direção em que um sujeito fala e se reconhece. Isso é traço unário: se reconhecer em suas produções. A Função Paterna proíbe o impossível: complementaridade, fazer dois em um; isso é incesto. Não se deve pensar incesto de saída como uma relação sexual entre pessoas unidas por laços de parentesco; essa é a definição desde o ponto de vista jurídico. A palavra *incesto* advém de *incastos*, sendo que *castos* é aquele que se conforma com as regras.

E o desejo? Etimologicamente, desejo vem de *desiderium*, que inicialmente significava “esperar pelo que as estrelas trarão”, significando um movimento de cima para baixo. Esperar pelo que as estrelas trarão... logo, esperar por algo, ter expectativas, viver em eterna inquietude. Parece que aquele que não se conforma com as regras, no sentido de *incastos*, quem sabe acabe ficando a ver navios, à deriva com relação ao desejo, enroscado no querer.

Para fazer frente a essa nova era, onde existe um certo desânimo e apatia, com conseqüente tédio em baixa e simbólico também, não podemos esquecer que fazemos parte dela; também somos tomados pelos acontecimentos, pelas “novidades”. Vivemos em uma época em que o “querer” – que é da ordem do ter e parece falar da busca por um gozo sem faltas – tende a se confundir com o “desejar”, que é da ordem do ser.

Certamente Lacan foi um homem à frente do seu tempo, nos deixando algumas pérolas, seguido de outros analistas:

Em 1938, em *Os complexos familiares*, Lacan situa as transformações na família a partir do século XIX, com a noção de declínio social da imago paterna. “Um grande número de efeitos

psicológicos nos parece depender de um declínio social da imago paterna. Declínio condicionado pelo retorno de efeitos extremos do progresso social do indivíduo”.

Em *Introdução às funções da psicanálise em criminologia*, Lacan (1950, p.146) coloca que

Numa civilização em que o ideal individualista foi lançado a um grau de afirmação até então desconhecido, os indivíduos descobrem-se tendendo para um estado em que pensam, sentem, fazem e amam exatamente as mesmas coisas, nas mesmas horas, em porções do espaço estritamente equivalentes.

Em *O avesso da psicanálise*, Lacan diz:

Um dos sinais da entrada nesse mundo diferenciado é a criança generalizada; não existe gente grande. Somos todos crianças; somos todos iguais. (...) a criança comparece como objeto de gozo do Outro, também a posição de objeto em que o homem contemporâneo é colocado pelo discurso científico e capitalista. Ser humano reduzido a objeto da ciência e a corpo biológico (Lacan, 1963, p.367).

Charles Melman (2003) refere que recebemos hoje os frutos de mudanças sociais que vêm se estabelecendo há muito tempo. Ele coloca o desenvolvimento da economia liberal como uma das suas razões, posto que a ideologia implícita nesse modelo é convidar os parceiros sociais a transpor todas as restrições de gozo que poderiam vir da mensagem recebida do Outro, o que levaria à abolição das restrições e aceitação da dimensão do excesso como uma categoria normal na relação com os objetos, tudo se torna possível. Na sequência de sua fala, surge a questão: será que dessa forma o homem preservará sua característica mais essencial, que é a de refletir e decidir sobre sua conduta? Outra preocupação sua é referente à constatação de que o saber é cada vez menos simbólico e muito mais de opinião. Bem, opinião... cada

um tem a sua... Parece que nada mais atual do que isso, posto que vivemos em um momento em que cada vez mais os estudos e as pesquisas são desconsiderados e cada vez se dá mais lugar aos “achismos”, em que tudo é relativo.

Com tudo isso, parece que nos encontramos hoje com algumas neuroses que apresentam particularidades simbólicas. Nas neuroses organizadas pelo Nome-do-Pai, o jogo da vida consiste em reencontrar o objeto perdido, que nunca existiu para ninguém. E hoje? Chemama (1995) dizia que nessas “novas neuroses” ocorria algo parecido com um “desmentido do falo”. Ou seja, é sabido que há uma instância fálica, mas se faz como se não se soubesse, como se se decidisse não querer saber!

Nos cabe prosseguir oferecendo nossa escuta, como sempre, não atendendo à demanda, e sim trabalhando-a para chegar ao sujeito, apostando na sua subversão. Sabemos do longo tempo necessário para deixar de se propor como aquilo que falta ao Outro, vivendo na época do “tudo já”; parece cada vez mais complicado “esperar pelo que as estrelas trarão!”

Bom, tudo isso diz respeito à psicanálise e aos psicanalistas. Voltando ao princípio, são inúmeras e inesgotáveis as aproximações e os afastamentos em relação à psicanálise. Se encontrássemos a “boa forma”, de que estaríamos falando? De alguma coisa, de outra coisa, de qualquer coisa, mas certamente não de psicanálise!

Encerro com as palavras de Radmila Zygouris (2001), que nos diz: “[...] podemos desejar formar analistas sem, no entanto, confundir formação, formatação ou titularização [...] uma escola, por definição, ensina o que já existe. Não existe escola da criação. Só existem condições para tanto”.

Referências bibliográficas

CALLIGARIS, Contardo. *Folha de São Paulo*, Caderno *Mais*, 3 de maio de 1998.

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de Psicanálise*. São Paulo: Artmed, 1995.

JERUSALINSKY, Alfredo. *Seminário proferido em Curitiba*, no mês de abril de 1993.

JERUSALINSKY, Alfredo. *Seminário proferido em Curitiba*, no mês de outubro de 1992.

LACAN, Jacques. *Os complexos familiares*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

LACAN, Jacques (1950). Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia, pg. 146. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1950.

LACAN, Jacques (1969-70). O Seminário, *Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

LACAN, Jacques. O Seminário, *Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MELMAN, Charles. *Novas formas clínicas do início do terceiro milênio*. Porto Alegre: CMC Editora, 2003.

POMMIER, Gérard. *Freud apolítico*, 1998.

VORCARO, Angela. *Crianças na psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 1999.

ZYGOURIS, RADMILA. Stardust. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 2001.

Ato analítico na análise com crianças: um trabalho de corte ou costura? A infância entre o saber e a verdade

The analytic act in analysis with children:
a work of cutting or sewing?
Childhood between knowledge and truth

Simoni R. Cousseau Coletti¹
Rosa Maria Marini²

Resumo

O presente estudo visa discorrer sobre o ato analítico na análise com crianças que, como já se sabe, estão em um tempo de constituição subjetiva. Seria possível pensar o ato analítico como um corte no Real na análise com crianças? Esta pergunta foi norteadora para a tessitura deste estudo. Foi preciso, contudo, compreender o que é a infância para a Psicanálise e, neste contexto, considerar a construção do saber e da verdade a partir da articulação entre os três registros propostos por Lacan: Real, Simbólico e Imaginário. Uma pergunta provocativa poderá levar o leitor a se interessar mais à temática: no trabalho com crianças, o ato analítico é um corte ou uma costura? Bem, se são as perguntas que movimentam o ofício do analista tem-se,

- 1 Simoni R. Cousseau Coletti: Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; graduada em Psicologia pela Faculdade de Pato Branco (FADEP); Especialista em Psicopatologia da Infância e da Adolescência (SOCIESC-SC); Especialista em Clínica Psicanalítica, Freud e Lacan (UNIPAR). Contato: simonicousseau@hotmail.com.
- 2 Rosa Maria Marini: Psicanalista; Analista membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; Graduada em Psicologia (PUC-PR); Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (IPUSP). Mestre em Psicologia (UTP). Contato: rosamariamarinimariotto@gmail.com.

aqui, um convite ao trabalho, uma vez que é o desejo de analista que movimentará a sua clínica e é somente a partir dela que ele poderá escrever algo.

Palavras-chave: Análise com crianças; Ato analítico; Psicanálise.

Abstract

This study aims to discuss the analytical act in the analysis of children who, as we already know, are in a period of subjective constitution. Is it possible to think of the analytic function as a cut in the Real in analysis with children? This question was the guiding principle for this study. However, it was necessary to understand what childhood is for psychoanalysis and, in this context, to consider the construction of knowledge and truth based on the articulation between the three registers proposed by Lacan: Real, Symbolic and Imaginary. A provocative question may lead the reader to become more interested in the issue: in working with children, is the analytical act a cut or a seam? Well, if it's questions that drive the analyst's work, this is an invitation to work, since it's the analyst's desire that drives his clinic and it's only from there that he can write something.

Keywords: Analysis with children; Analytical act; Psychoanalysis.

Introdução

A questão balizadora para a construção deste artigo adveio da participação de um Grupo de Estudos durante o ano de 2024, denominado “Intervenções em Análise: ato e resistência do analista”, coordenado pela psicanalista Andrea Silvana Rossi, vinculado à Associação Psicanalítica de Curitiba (APC). Durante o percurso foram discutidos alguns textos de Freud e Lacan com o intuito de aprofundar a temática e abrir novas questões.

No final de 2024, após um ano de estudos, alguns membros do grupo decidiram apresentar suas produções na Jornada de Encerramento das atividades da APC. Na ocasião, alguns colegas

apostaram em suas produções e, a partir da temática estudada durante o ano, formou-se uma Mesa de Trabalhos. Por vieses muito singularizados, cada um pôde apresentar algo que construiu durante o seu percurso de estudos. Dessa forma, a palavra circulou entre os pares, fomentando o diálogo e a interlocução. A partir dessa vivência sentiu-se a necessidade de aprofundar o tema em questão.

Este artigo partiu da seguinte indagação: se a clínica psicanalítica é, como apontado por Lacan, uma clínica estrutural, considerando que o inconsciente é estruturado como linguagem, e que o diagnóstico diferencial e o direcionamento do tratamento partem dessa premissa, como pensar o ato analítico nas diferentes estruturas? Mais ainda: como pensar o ato analítico no trabalho com crianças?

A partir dessas balizas pretende-se discorrer especificamente o ato analítico no trabalho com crianças, uma vez que elas ainda estão em um tempo de constituição subjetiva. O tema adquiriu importância após a constatação de que não há uma variedade de publicações que discorram sobre a análise com crianças e o ato analítico. O fator aumenta o interesse pelo estudo, mas também expõe a dificuldade da escrita, provocando desdobramentos entre a teoria e a clínica, o que leva à seguinte questão: é possível pensar o ato analítico na análise com as crianças? Necessário, pois, arregaçar as mangas para construir pilares importantes que sustentem o avanço desta temática.

No começo era ação – é preciso saber sobre o ato

*“No começo era ação porque sem ato não poderia.”
(Lacan, [1967-68], p. 79).*

Esta frase extraída do *Seminário 15* (Lacan, 1967-68) enfatiza que o ato psicanalítico é o início. Como é sabido e amplamente difundido, só há um caminho para alguém ser analista: ser atravessado pela própria análise. É o desejo *do* analista que antecede o desejo *de* analista. O ato analítico, portanto, é um acontecimento que se sente na carne. Não existe analista que não tenha sido atravessado por ele. É partir da sua própria análise que o analista poderá pensar sobre os efeitos que o ato analítico pode produzir. Primeiro, em si mesmo, depois, em seus analisantes. Lacan (1967-68, p. 81), ainda no *Seminário 15*, não deixa dúvidas quando aponta que o ato se caracteriza por suscitar no sujeito um novo desejo.

É somente a partir de sua experiência no divã que um analista poderá fazer uso de sua atenção flutuante para escutar o inconsciente daqueles que se enveredam numa análise. Como pensar uma intervenção no Real sem nunca ter sido atravessado por ela?

É importantíssimo pontuar: saber sobre não significa replicar um aforisma dito por Lacan e, sim, estar na posição de analisante. Clarice Lispector, numa passagem da sua obra *A Paixão segundo GH* (2020, p. 10), metaforiza o que é saber o ato analítico a partir dos efeitos que dele suscitam:

Perdi alguma coisa que me era essencial [...] assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna, que até então me impossibilitava de andar [...] essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que eu nunca fui [...] sei que somente

com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira perna me faz falta e me assusta.

Este recorte do texto de Lispector é um apanhado clínico. O sintoma – essa terceira perna – que, fantasiosamente, pode parecer um ponto de equilíbrio, um tripé, também impede a caminhada. Numa pequena frase do *Seminário 2 – O eu na teoria de Freud e na Clínica da Psicanálise*, Lacan (1954-55, p. 286) expressa: “[...] não há resistência por parte do sujeito. Trata-se de libertar a insistência que existe no sintoma.”

Gozo e desejo fazem parte do jogo, e a palavra do analista é o verbo que pode conduzir à ação. Seria, portanto, uma coincidência chamar essa intervenção de ato?

Ato, atravessamento e travessia são significantes que deslizam e auxiliam o sujeito a sair da repetição. Segundo entendimento de Chemama e Vandermersch (2007, p. 45), “Se o tratamento permitir uma travessia, reconhecer-se-á que ele foi realmente um ato analítico.” Quem, no entanto, confirma o ato não é o analista; na melhor das hipóteses ele recolhe algum efeito no decorrer do trabalho.

O ato analítico visa, de forma inconsciente – o que não quer dizer inteiramente não calculada – redirecionar a cadeia de significantes antes utilizada para nomear o sujeito.

Se o ato analítico é a clínica do Real e visa decifrar a verdade – a verdade do inconsciente –, pensar as estruturas clínicas e o tempo lógico no qual cada analisante se encontra parece um cálculo a ser considerado. Na clínica, é preciso estar atento às diferentes estruturas e ao tempo lógico que acometem as crianças, por exemplo, pois nem toda intervenção é um ato analítico.

Mesmo que este artigo tenha como referência a análise com crianças é importante ressaltar que o analista deve estar atento

a cada estrutura clínica pois, a depender de cada uma delas, fará suas intervenções com os cuidados necessários.

Um paciente psicótico, por exemplo, requer que o ato seja pensado na construção de uma borda que lhe possibilite circular pela vida. Já uma intervenção no Real poderia desencadear um surto. Neste caso, a direção do tratamento parece ser na condução do que Calligaris (2013) aponta: servir de secretário. O trabalho visa à construção de uma borda para que o paciente não fique à deriva. Pode-se, aqui, pensar na arte das mandalas usadas por uma paciente. Essa arte, que parte de um ponto central, lembra que é necessário localizar o ponto de sustentação de cada sujeito.

Já sujeitos autistas requerem que se considere a sua rigidez, a compreensão ao pé da letra, as categorizações, o fechamento autístico. Tudo isso faz pensar que o trabalho ou a direção de tratamento, como propôs Maleval (2022), é alargar a borda que faz fronteira e limita o mundo do autista, considerando a maior previsibilidade possível. Nesse contexto, preserva-se a borda, mas tenta-se ampliá-la. Talvez este seja o ponto em que o analista possa operar, emprestando-se como um duplo, ou seja, alguém ou algo em quem o autista pode se apoiar para sair da sua solidão. O trabalho, portanto, visa à possibilidade de abrir um mundo que seja menos estranho para ele, o autista.

Estes apontamentos servem para que se considere que um conceito psicanalítico sempre deve ser lido e interpretado de acordo com as diferentes estruturas e funcionamentos subjetivos daqueles que nos procuram.

Diante do estudo psicanalítico, pode haver uma tendência, enquanto neuróticos, de ler e interpretar a teoria a partir de uma visão distorcida: geralmente pela via da neurose, ou de acordo com o aparelho psíquico, em que já tenham ocorrido operações

fundantes do sujeito, ou seja, sujeitos considerados adultos. É preciso ter cuidado para não cair nesse reducionismo teórico.

Retoma-se, agora, a linha de pesquisa em questão. O ato analítico visa no sujeito neurótico um corte no Real, uma quebra no sentido que aponte para algo novo na cadeia significante: o encontro com a verdade e, conseqüentemente, uma mudança de posição subjetiva. No sujeito psicótico, a construção é de uma borda. E, no sujeito autista, trabalha-se para o alargamento da borda.

Na clínica com as crianças, seria a costura o enodamento entre Real, Simbólico e Imaginário que estariam em jogo? Parte-se desta pergunta para dar sequência ao estudo.

A saber, o saber antecede a verdade

Sabe-se que quando uma criança chega no consultório, não é ela quem procura o analista, mas são os adultos responsáveis que contatam e demandam um trabalho de análise para os pequenos sujeitos, muitas vezes ainda assujeitados. Quanto menor a idade da criança, mais ela será dita por meio do Outro, pois são eles – os adultos primordiais – que possuem um saber sobre a pequena criança.

Recolhe-se, aqui, um ponto importante: esses adultos estão se apropriando do saber que, infere-se possuir?

Cada vez mais o analista está sendo colocado na berlinda da fila dos especialistas, inquerido como quem sabe o que a criança tem. Quando a pergunta primordial é apagada (quem é essa criança?), na maioria das vezes são pais desbussolados cobertos por cursos de educação parental que ceifam o saber

transgeracional. Educar uma criança, muitas vezes, tem partido da pirotecnia técnica e não do desejo.

Se a criança está em um tempo de construção de saber sobre si mesma, sobre seu corpo, a história familiar à qual pertence, o lugar que ocupa na família e o que os adultos ao seu redor desejam e esperam dela, como poderá se constituir quando esse saber passa a ser técnico- científico? Estariam as crianças órfãs de histórias e narrativas? O Outro primordial, portanto, é o depositário dos significantes que marcarão o bebê para fazer do corpo biológico um corpo pulsional que o impulsione para a vida.

Para ajudar a pensar essa questão recorre-se a Lacan (1967-68, p. 125) que, no *Seminário 15*, afirma: “A verdade do pequeno sujeito ainda se encontra incorporada em quem faz a função materna – Outro primordial. [...] aquele que chamemos o Outro (A), o lugar da fala, virtualmente o lugar da verdade.”

A verdade só se constitui no depois. O saber antecede a verdade. E, para a pequena criança, o saber que ela passa a construir advém do saber que lhe é transmitido.

É possível que o analista esteja diante de crianças às voltas com sua constituição subjetiva e em busca de um saber parental? E, se ele está diante de adultos que recorrem à técnica como um saber, o que transmitem às crianças da atualidade? Transmitir um saber é transmitir um saber-fazer que constitui a todos como humanos: a falta. Arrisca-se dizer que o saber técnico vai na contramão do que está sendo abordado aqui, pois esse saber é totalitário. Algo do imaginário que recai sobre o Real, ou seja, não há falta. Vende-se a ideia de que haverá treino e técnica para dar conta de educar uma criança, e que é só saber treiná-la. Vale ressaltar, segundo Petri (2008, p. 59), que “[...] um sujeito apenas se efetiva por meio das respostas que a criança produz a partir

daquilo que recebeu.” Alguns recortes clínicos podem ajudar na construção dessa ideia.

A analista, relata que, em determinada ocasião, os pais lhe solicitaram que trabalhasse com uma criança autista de seis anos de idade a fim de interromper o seu ímpeto de correr para a rua. Nesse momento, a analista interpelou: *“Vocês já disseram a ele que poderá morrer se correr para a rua?”* Muito assustados com o fato de dizer sobre a morte, os pais relataram que esse assunto não era conversado com o garoto. Assuntos como a morte e a sexualidade têm sido banidos da transmissão parental.

Outro relato envolve uma criança também diagnosticada com autismo ainda na primeira infância, e que agora, aos sete anos de idade, não fazia distinção entre masculino e feminino, utilizando o neologismo “fêmeo”. Nas sessões, iniciou-se a fazer nomeações: grande/pequeno; dentro/fora; vai/volta; em cima/embaixo; macho/fêmea; menina/menino, etc. Certo dia, a criança lhe falou: *“O (falou seu nome ainda na terceira pessoa) é um menino, com certeza, Simoni!”* Ao retomar isso com a mãe, ela lhe contou que todas as vezes que a criança mencionava que a mãe era “fêmeo”, ela dizia não ter “pipi”, mas não dizia o que ela tinha, ou melhor, o que não tem! Ou seja, não nomeava a diferença sexual. Neste caso, pode-se até repensar o diagnóstico diferencial: seria mesmo um caso de autismo? Bem, isso não vem ao caso, mas não passou despercebido.

Tem-se aprendido com as crianças, sejam as que apresentam alguma psicopatologia ou não, que o saber parental tem sido substituído pelo silêncio. Na falta de técnica, paira um silêncio de palavras que afetam a pequena criança nos três registros: Real, Simbólico e Imaginário. O Real – que afeta o corpo; o Simbólico – a criança passa a não ser considerada um sujeito capaz de compreensão; o Imaginário – que precisa do Real e do Simbólico para

que os pais façam antecipações funcionais e que projetem um saber a ser conquistado pela pequena criança.

Sabe-se que o trabalho da análise passa do saber ao reconhecimento da verdade. No entanto, isso só é possível quando o terreno do saber é regado pelo solo fértil do Outro.

É preciso considerar que a infância é o momento da construção de um saber e que a criança não é passiva, mas atua de forma ativa no laço que constrói com os adultos primordiais. Nesse sentido, Lacan (1964, p. 122), no *Seminário 11*, aponta: “[...] o inconsciente é a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante”.

A criança é efeito da linguagem e a infância é o momento cronológico no qual estão abertas as inscrições, ou o momento de abertura aos significantes.

Dessa forma, retoma-se a concepção de que um corpo biológico não garante um sujeito, e reitera-se: a linguagem é a pele que reveste o corpo do bebê.

É a linguagem que desaloja o bebê do seu corpo biológico e organiza seu corpo imaginário, lugar intermediário antes da sua posterior residência no discurso e na cultura. Vimos como a palavra escreve, grava, entalha o corpo imaginário e como, desde os primórdios da vida, ela remete tanto à satisfação orgânica quando ao desejo do outro parental [...]. Desta forma, o pequeno ser é sustentado no discurso parental antes de ser eu (Molina, 2008, pp. 51- 52).

É possível, então, que a análise com crianças não seja uma especialidade da Psicanálise, um “braço”, mas, sim, que existem algumas especificidades dessa prática clínica.

Análise com crianças: um sujeito ainda na infância

Neste ponto, passa-se a clarear um pouco mais sobre o ato analítico e a análise com crianças. Para tanto, é preciso considerar que há especificidades na análise com crianças que não podem passar despercebidas.

Para a Psicanálise, a criança é um sujeito que ainda está no tempo cronológico, sendo atravessada pelas operações que constituem o sujeito. Ponderar isso é saber que esse tempo de constituição ainda está inacabado, e que será finalizado apenas na adolescência.

No trabalho com crianças, os aspectos orgânicos e instrumentais precisam ser considerados, assim como os aspectos subjetivos. A Psicanálise se debruça sobre esses três aspectos. Impreterivelmente, porém, diferente de outras áreas, o diagnóstico genético ou psicopatológico, por exemplo, não dá a direção de um destino. A criança pode apresentar atraso na fala, ultrapassando o marco cronológico e, mesmo assim, ter essa aquisição. A Psicanálise, por sua vez, considera que, além do tempo cronológico, há o tempo da constituição subjetiva. Uma criança não nasce constituída psiquicamente, sendo a infância o momento de abertura para essa construção.

Quando uma criança chega aos consultórios, nada está posto como definitivo. Ela será lançada para o campo das possibilidades, ainda que sua idade cronológica não seja condizente com os esperados marcos de desenvolvimento. Para elucidar tal colocação, novamente se busca auxílio na clínica.

Uma criança autista com dois anos de idade sai a esmo, mostrando um “curto circuito” no circuito pulsional. O enlace com o Outro materno, algo que acontece nos primórdios da relação entre mãe e bebê, era extremamente frágil. A direção de tratamento foi

retomar o fio que poderia conduzir a essa relação pulsional. Mãe e criança passaram a interagir nas sessões; a analista, com sua indiferença calculada, como descreve Maleval (2022), sustentava a dificuldade desse enlace. Duas frases marcaram muito esse trabalho: a primeira ocorreu ainda nas primeiras sessões quando a mãe reconheceu o que capturava a atenção do menino: “*São essas brincadeiras bobas?*” Ela se referia às brincadeiras constituintes do sujeito! Estão chegando nos consultórios pais que demandam sugestões de brinquedos ou brincadeiras com cunho pedagógico. É preciso ter um objetivo específico: aprender algo que seja considerado útil. Esquece-se, com isso, que a criança brinca por prazer e que o aprendizado é a consequência do brincar, fator que apareceu na segunda fala dessa mãe: “*Como está prazeroso brincar com ele!*”

Outra especificidade – que também é o motor que conduz uma análise – refere-se à transferência. É preciso considerar que a relação transferencial que se estabelece na análise com crianças perpassa pela relação transferencial com os pais. De antemão, uma criança não escolhe seu analista! É a transferência com os pais que possibilita o trabalho analítico com elas – quando o analista é colocado no lugar de sujeito suposto saber que a relação transferencial se estabelece. Segundo Lacan (1967-68, p. 89), no *Seminário 15*, o “final de análise consiste na queda do sujeito suposto saber”, pensando na análise com sujeitos adultos e neuróticos. Já a análise com crianças se dá no anteparo desse saber. Supor um saber não significa encarnar a posição de mestre, mas fazer semblante. De fato, o analista sabe: ele sabe que não sabe!

É importante que a suposição de um saber por parte dos adultos que se ocupem da criança seja mantida para que, pela via da transferência, o trabalho possa avançar. O analista não sabe sobre a criança e, muitas vezes, é apenas uma ponte entre

a criança e quem dela se ocupa, alinhavando, esticando ou ajudando a esgarçar esse laço, quando necessário.

Outra especificidade refere-se ao lugar que o analista ocupa na análise com crianças, a depender do tempo da constituição subjetiva. Com bebês, a leitura é realizada a partir da relação com o Outro. Identifica-se se a pequenina criança está no momento de alienação, separação, estágio do espelho, como ela é tomada no desejo desse Outro, se nele se supõe um sujeito, além de outros critérios que aqui não serão especificados. Já na fase edípica, o analista ocupa o lugar do Outro, fazendo semblante da alteridade paterna, ocupando o lugar Simbólico que representa a Lei. Com as crianças na fase da Latência é tomado o lugar de mestre (uma criança nesta fase chamava a analista de *professora* e se referia à análise como *aula*), o qual passa a ser colocado, diferindo muito de ocupar de fato o lugar.

Nessa fase da Latência, por exemplo, as crianças podem repetir o que lhes foi transmitido e, só no depois, no tempo de compreender, poderão ressignificar saberes que até então eram incontestáveis. Traz-se, aqui, um exemplo para refletir sobre essa idealização da verdade advinda do outro. A analista oferece uma canetinha rosa para um menino que a recusa. Ela questiona se ele não gosta dessa cor, ao que prontamente ele responde: “É *que meu pai disse que essa cor é de menina; é a minha irmã que gosta dessa cor.*”

Não é mera coincidência que a adolescência é, via de regra, o momento de desfazer e destituir os saberes parentais. Este também é o momento de reatualizar a operação de separação. Lacan (1967-68, p. 71), no *Seminário 15*, expressa que: “[...] quanto ao saber é uma função imaginária, uma idealização incontestável, é isto que torna delicada a posição do analista que está no lugar de desejo.”

Enquanto na análise com adultos o inconsciente é um saber que auxilia o sujeito a ser decifrado, na análise com crianças a condução deve ser no sentido de cifrar o sujeito (\$), conduzindo-o à castração e ao enodamento entre Real, Simbólico e Imaginário.

A castração tem importância central na constituição do sujeito e, nesse rumo, retoma-se a importância dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário que, igualmente, operam na construção do psiquismo, enodando-se a partir dessa operação simbólica. Laznik (2016, p. 43) é precisa ao clarear a questão: “Se esta castração simbólica ocorre, os fios da trança se enodarão de tal forma que eles produzirão o nó borromeu”. Ou, como descreveu Lacan, são os Nomes- do-Pai que conduzirão a essa amarração.

Não tomar a criança como um sujeito já constituído, mas em constituição, talvez seja uma das premissas mais importantes da análise com crianças.

O cálculo clínico ou a direção de tratamento é que o analista fará com a criança semblante de Outro, considerando as diferentes posições de alteridade conforme cada tempo da constituição psíquica dela. A criança é colocada na posição de analisante, no entanto, as especificidades próprias da infância guiam o trabalho do analista.

A fim de corroborar com esse apontamento, recorre-se ao que Petri (2008, p. 43-44) escreveu na obra *Psicanálise e infância, clínica com crianças*:

O que determina tais especificidades é simplesmente o fato de, para a criança, a inter-relação entre os elementos constitutivos de sua estrutura não estar fixada de modo estável e o sujeito, efeito da estrutura sofrer as consequências desse percurso. Para estruturar-se como sujeito, a criança depende irremediavelmente de um Outro sustentado por um agente de linguagem, personalidade que lhe nutrirá um desejo, dirigindo-lhe demandas, o que propiciará o seu desenvolvimento.

O trabalho com o sujeito criança permite acompanhar essas operações sem olhá-las pelo microscópio e, sim, vê-las a olho nu, de forma aumentada, e até mesmo fazendo parte dessa constituição.

Até aqui foram construídos pilares que sustentam a ideia de que a infância é o momento da construção de um saber. Por isso, parece coerente afirmar que no trabalho com crianças o analista é o ato, pois ele participa da constituição subjetiva do pequeno analisante.

O ato do analista – o brincar, o silêncio, o trabalho com os pais, as visitas nas escolas, o trabalho com a rede de apoio, quando necessário – aponta para essa dobradiça que está sendo construída: o saber antecede a verdade.

Não se pode perder de vista que a clínica psicanalítica com crianças opera no momento em que os três registros – Real, Simbólico e Imaginário – se enodam. O ato do analista é a sustentação do enodamento de um brincar simbólico que ressoa no Real e no Imaginário. É na infância e no tempo de ser criança que os três registros se articulam: o corpo (Real), a linguagem (Simbólico) e o ideal materno (Imaginário). Esses três aros se formam concomitantemente e, somente na adolescência haverá um quarto aro: o Sinthoma, descrito por Lacan (1975-76) no *Seminário 23*.

É aqui que o sujeito é colocado à prova quanto a saber-fazer com aquilo que lhe foi transmitido. É aqui, também, que ele diminuirá o peso do Outro e acessará a sua verdade. Recorre-se novamente a Petri (2008, p. 64):

[...] É na infância que se formam os pilares sobre os quais o sinthoma será posteriormente construído [...]. Na infância, é o sintoma que vem num primeiro

momento cerzir a falha no enodamento, mais tarde tal costura se desfará para ser refeita no *sinthoma*.

É coerente, pois, falar em ato analítico na análise com crianças. Não, porém, como um corte, pois o tempo de constituição subjetiva é o tempo da construção de um saber que, posteriormente, levará à verdade do inconsciente que, a partir da adolescência, desvelará o desejo do sujeito.

Conclusão

Este pequeno apanhado teórico-clínico permitiu compreender que a análise com crianças visa o ato analítico, no entanto, por outro viés. Em outras palavras, não visa o corte no Real e, sim, a costura que possibilita o enodamento entre o Real, o Simbólico e o Imaginário. As crianças estão no tempo da constituição subjetiva, portanto, na construção de um saber. Neste ponto é importante frisar que, na análise com crianças, o ato analítico enquanto costura visa a um “novo sujeito” e não um “sujeito novo” como na análise com adultos. Por isso, não se pode perder de vista as especificidades da análise com crianças, fatores que fundamentam o trabalho do analista e a direção do tratamento.

É possível considerar, também, que o ato do analista na análise com crianças visa emprestar seu corpo, seu desejo e suas palavras como anteparo naquilo que demonstra fragilidade na constituição do sujeito no laço com o Outro. Por isso, e a partir disso, cabe falar de um trabalho de costura e não de corte. Aqui é preciso fazer o remendo, o cerzido, a costura para só no depois fazer o corte.

Este artigo demonstra o refinamento que o analista precisa ter em seu ofício, não tomando um conceito psicanalítico ao pé da letra mas, sim, interrogando-o em sua clínica. Foi com essas lentes que este artigo foi construído.

Entende-se, portanto, que a Psicanálise é uma teoria viva que precisa ser desdobrada com o rigor e a ética que permeia o ofício do analista sob o viés da transferência dentro do *setting* terapêutico, considerando o tempo cronológico e subjetivo de quem se envereda por uma análise. Para isso, pinçou-se uma frase do *Seminário 21*, de Lacan (1973-74, p. 26) que esboça de onde parte a pesquisa – Viva! – do analista: “Há de ser tolo. Há de ser tolo, é dizer, ajustar- se à estrutura.”

Referências

CALLIGARIS, Contardo. *Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses*. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2013.

CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. *Dicionário de psicanálise*. São Leopoldo, RS: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro II: O eu na teoria de Freud e na Clínica da Psicanálise*. 1954-55. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, 1964. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. (1967-68) *O Seminário, Livro XV: O Ato Psicanalítico*, 1967-68. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

***Verwerfung* e *Verdrängung* em Lacan: sobre um significante primordial**

Verwerfung and *Verdrängung* in Lacan: on a primordial signifier

Zama Caixeta Nascentes¹

Resumo

O trabalho levanta um problema: como entender a expressão lacaniana “significante primordial” se em Saussure e Lacan um significante só o é na relação com um outro, não havendo precedência nem hierarquia entre um e outro? O entendimento disso exige percorrer alguns textos. De Lacan, os seminários e os artigos em que se encontra a expressão. De Freud, *A negativa* (1924), em que aparece *Bejahung*, oposto de *Verwerfung*; *A pulsão e seus destinos*, cuja conexão entre os três opostos de amar e as três polaridades que regem a vida psíquica traz a teoria sobre a formação do eu subjacente em *A negativa*; *Wolffsmann (O homem dos lobos)*, de onde Lacan selecionou *Verwerfung* e sua combinação com *Verdrängung*. De Hyppolite, em que se comenta *A negativa*. De Lacan, em que se dá a acolhida ao comentário de Hyppolite. Conclui-se que são dois os significantes primordiais, Nome-do-Pai e falo, ancorados por Lacan no algoritmo S/s de Saussure.

Palavras-chave: Significante primordial; *Verwerfung*; *Bejahung*; *Verdrängung*.

1 Zama Caixeta Nascentes: Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC). Graduado em Psicologia (UTP-PR); Doutor em Literatura Brasileira (UFPR); Mestre em Filosofia (UFPR); Professor da UTFPR, campus Curitiba. Contato: zcaixeta@utfpr.edu.br

Abstract

The work raises a problem: how can we understand the Lacanian expression “primordial signifier” if in Saussure and Lacan a signifier is only such in relation to another, with no precedence or hierarchy between one and the other? Understanding this requires going through some texts. From Lacan, the seminars and articles in which the expression is found. From Freud, *The negativity* (1924), in which *Bejahung*, the opposite of *Verwerfung*, appears; *The drive and its destinies*, whose connection between the three opposites of love and the three polarities that govern psychic life brings the theory about the formation of the ego which underlies in *The negativity*; *Wolffsmann (The Wolf Man)*, from which Lacan selected *Verwerfung* and its combination with *Verdrängung*. From Hyppolite, in which *The negativity* is commented. From Lacan, in which Hypolite’s commentary is welcomed. It is concluded that there are two primordial signifiers, Name-of-the-Father and phallus, anchored by Lacan in Saussure’s S/s algorithm.

Key-words: Primordial signifiers; *Verwerfung*; *Bejahung*; *Verdrängung*.

Apresentado na Jornada da APC, em dezembro de 2024, este trabalho resultou de uma dupla experiência na APC: apresentar o Caso Clínico “O Homem dos Lobos” (em 2021 e 2022) e ministrar o módulo “Lacan e o inconsciente estruturado como linguagem” (a partir de 2021). Constituiu-se o problema em 2024, quando estudando o Seminário 5 para o módulo, deparei-me com duas afirmações. A primeira, “Vocês precisam compreender a importância da falta desse significante especial do qual acabo de falar, o Nome-do-Pai, no que ele funda como tal o fato de existir a lei, ou seja, a articulação numa certa ordem do significante.” (Lacan, 1999, p. 153), em que se fala de um “significante especial”, o Nome-do-Pai. A segunda, “A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno”, em que se aponta para um “primeiro significante”, o “significante

materno”. Sabendo ser a Linguística uma das matrizes do pensamento de Lacan, para a qual não há significante “especial” nem “primeiro” e sim oposições entre um e outro, conforme se lê no *Curso de Linguística Geral*, “a língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas” (Saussure, 1993, p. 124), era dado o problema: como entender esse passo teórico em Lacan?

Sobre um significante primordial: Seminários 1 e 3, *O homem dos lobos*

Nascido, o problema levou-me de volta aos capítulos iniciais do Seminário 5: “No terceiro ano de meu seminário, falamos de psicose como fundamentada numa carência significante primordial.” (Lacan, 1999, p. 14). Primordial: mais um qualificativo para significante. Primordial por ser importante, portanto “especial”, ou por estar nos “primórdios”, portanto “primeiro”? Em vez de apegue-se, agrandava-se o problema. Ajustou-lhe as medidas esta outra frase, logo a seguir: “Mostramos o que sobrevém de subducção do real quando, arrastado pela invocação vital, ele vem tomar lugar na carência do significante da qual falávamos ontem à noite sob a denominação de *Verwerfung*”. (Lacan, 1999, p. 14).

Fui então reconduzido ao caso clínico do Homem dos Lobos, em que aparece o substantivo *Verwerfung*: “Eine Verdrängung ist etwas anderes als eine Verwerfung.” (Freud, 2008, p. 204)². A frase é cara a Lacan; por ela avançará na teorização sobre as diferenças entre os dois processos, conforme espalha-se pelos

2 “Uma repressão é algo diferente de uma rejeição.” (Freud, 2016, p. 81).

Seminários 1 e 3; no 1, toma *Verwerfung* (como o fez Paulo César de Souza) por “rejeição”: “as contradições que apresentam os traços através dos quais seguimos a elaboração da sua situação no mundo humano, indicam uma *Verwerfung*, uma rejeição – o plano genital sempre foi para ele como se não existisse, literalmente.” (Lacan, 1986, p. 73); no 3, alvitra por “foraclusão”: “Não torno a voltar à noção da *Verwerfung* de que parti, e para a qual, tudo bem refletido, proponho que vocês adotem definitivamente esta tradução que creio ser a melhor – a *foraclusão*.” (Lacan, 1988, p. 360).

No caso clínico, aparece ainda o verbo correlato, *verwerfen*. Em sua forma de pretérito, *verwarf*: “Er *verwarf* das Neue (...) und hielt am Alten fest.” (Freud, 2008, p. 204)³; “Die anfängliche Stellungnahme unseres Patienten gegen das Problem der Kastration ist uns bekanntgeworden. Er *verwarf* sie und blieb auf dem Standpunkt des Verkehrs im After. Wenn ich gesagt habe, daß er sie *verwarf*, so ist die nächste Bedeutung dieses Ausdrucks, daß er von ihr nichts wissen wollte im Sinne der Verdrängung.” (Freud, 2008, p. 209 – destaque meu)⁴. E ainda em sua forma de pretérito mais que perfeito (“Plusquamperfekt”, na gramática alemã), *verworfen hatte* (Freud, 2008, p. 209), “rejeitara”; neste emprego, o sujeito gramatical é “correntes opostas” (“*gegensätzliche Strömungen*”), e não “ele” (“*er*”), o sujeito em análise com Freud.

Verwerfung concentra-se no capítulo 7, de onde foram extraídas as passagens anteriores. Logo, o termo concerne sempre à

3 “Rejeitou o que era novo (...) e apegou-se ao velho.” (Freud, 2016, p. 81).

4 “Já nos é conhecida a atitude inicial do paciente para com o problema da castração. Ele a *rejeitou* e se ateu ao ponto de vista da união pelo ânus. Ao dizer que a *rejeitou*, o significado imediato da expressão é que não quis saber dela, no sentido de que a reprimiu” (Freud, 2016, p. 87).

castração. Nem mesmo no capítulo 3, que menciona o tema no relato da experiência do paciente de observar o urinar da irmã e da amiga dela (o que confirmaria a ameaça de castração feita pela babá Nânia), Freud emprega *verwerfen*: “Er *lehnte* die Idee, daß er hier die von der Nanja angedrohte Wunde bestätigt sehe, *ab*, und gab sich die Erklärung, das sei der ‘vordere Popo’ der Mädchen.” (Freud, 2008, 150)⁵. Escolhe *ablehnen* (que também se traduz por “rejeitar”, “recusar”), cujo conjugar no pretérito dá-se separando-se seus constituintes morfológicos, *lehnte (...)* *ab*. Sendo o tema aqui o mesmo lá do sétimo capítulo, o uso de *ablehnen* em vez de *verwerfen* mostra que a semântica específica do substantivo dele derivado (*Verwerfung*) é adquirida na relação com *Verdrängung*.

No capítulo 4, na análise do sonho, segundo a qual a angústia pelo lobo está no lugar da satisfação do desejo de copular com o pai, cria-se uma ambiência argumentativa em que os dois termos poderiam aparecer:

Die Angst war eine *Ablehnung* des Wunsches nach Sexualbefriedigung durch den Vater, welches Streben ihm den Traum eingegeben hatte. Ihr Ausdruck: vom Wolf gefressen zu werden, war nur eine – wie wir hören werden: regressive – Umsetzung des Wunsches, vom Vater koitiert, d.h. so befriedigt zu werden wie die Mutter. Sein letztes Sexualziel, die passive Einstellung zum Vater, war einer *Verdrängung* erlegen, die Angst vor dem Vater in Gestalt der Wolfsphobie an ihre Stelle getreten.“ (Freud, 2008, p. 171 – destaque meu)⁶.

5 “Rejeitou a ideia de que via confirmada a ferida com que a Nânia o ameaçara, e deu a si a explicação de que aquilo era ‘o bumbum da frente’ das meninas.” (Freud, 2016, p. 24).

6 “A angústia era uma *recusa* do desejo de satisfação sexual com o pai, aspiração que lhe havia inspirado o sonho. Sua expressão, ser comido pelo lobo, era apenas uma transformação – regressiva, como veremos – do desejo de ser possuído sexualmente pelo pai, isto é, ser satisfeito do mesmo modo que a mãe. Sua última meta sexual, a atitude passiva para com o pai, havia sucumbido a uma

Aos pares surgem *Ablehnung* e *Verdrängung*. *Verwerfung* permanece, pois, reservado para o capítulo 7 para nomear a não aceitação da castração. Reserva mantida pelo tradutor brasileiro que, neste momento, traduziu *Ablehnung* por “recusa” (e não “rejeição”, guardada só para *Verwerfung*), depois de usar “rejeitar” para *ablehnen* (verbo matriz para o substantivo *Ablehnung*). Só no capítulo 7 *Verwerfung* e *Verdrängung* andarão parmente; citando de novo, constata-se que a sintaxe as une para visualizar a semântica que as separa: “Eine Verdrängung ist etwas anderes als eine Verwerfung.” (Freud, 2008, p. 204). Visualização porque se enxerga um termo longe do outro, um em cada ponta da frase, distanciados entre si pelo miolo da sentença.

Verdrängung distribui-se mais regularmente. Está no capítulo 4, na análise do sentido do sonho com os lobos como sendo a mudança da satisfação do desejo homossexual pelo pai em angústia pelo animal, como acabamos de ver. Reaparecerá na conclusão do capítulo, ao sumarizar o desenvolvimento sexual advindo da cena primária reconstruída pelo sonho: “Und die treibende Kraft dieser *Verdrängung*? (...) Dieses feminine Ziel verfiel nun der *Verdrängung* und mußte sich durch die Angst vor dem Wolf ersetzen lassen.” (Freud, 2008, p. 171-172 – destaque meu)⁷.

Conclui-se que, em *O homem dos lobos*, o termo *Verwerfung* encontra sua força semântica em *Verdrängung* e que a teoria de um aclara a do outro – tanto quanto em *A pulsão e seus destinos* o termo pulsão alumia-se semanticamente com os outros quatro

repressão, e a angústia ante o pai havia tomado seu lugar na forma da fobia de lobos.” (Freud, 2016, p. 47 – destaque meu).

7 “E a força motriz dessa repressão? (...) Essa meta feminina sucumbia agora à repressão e era obrigada a ser substituída pela angústia diante do lobo.” (Freud, 2016, p. 47-48 – destaque meu).

com os quais seu sentido se constrói: pressão, meta (finalidade), objeto e fonte.

Conduzido ao caso clínico “O Homem dos Lobos” pelas considerações de Lacan no Seminário 5, vi-me levado aos textos que maturam o significado de *Verwerfung* e sua conexão com outro, *Behajung: A negativa* (de Freud), o comentário dele feito por Hypolitte e a acolhida de Lacan a esse comentário. Trato disso a seguir.

Juízo de existência e juízo de atribuição, *Bejahung: a negativa*

Freud, em seu texto de 1925, entende a função do juízo como responsável por duas decisões. A primeira, “afirmar ou desafirmar” “a posse, em alguma coisa, de um atributo particular” (Freud, 1976a, p. 297); a segunda, asseverar ou discutir que uma representação tenha uma existência na realidade. Isso para usar os verbos da edição brasileira da *Imago*. Em alemão, Freud emprega “*zu-absprechen*” (afirmar, negar) “*zugestehen/bestreiten*” (conceder, discutir). Na primeira, a matriz é o verbo *sprechen* (falar); *zu* indica aproximação, movimento de lá para cá; *ab*, distanciar, movimento de cá para lá. Portanto, *zusprechen* é falar aproximando do sujeito da sentença um atributo; *absprechen*, falar afastando do sujeito um atributo. Constituição morfológica idêntica dá-se com *sagen* (dizer), matriz para *zusagen* (aceitar um convite, aproximando-se dele) e *absagen* (recusá-lo, afastando-se dele). As duas partículas são de largo uso na língua alemã: *zunehmen*, *abnehmen* (aumentar, diminuir; ganhar peso, perder peso), *zuwenden*, *abwenden* (virar para, desviar de). Em *Wolffsmann*, Freud seleciona *abwenden* e emprega-a na voz passiva passada

(wurde *abgewiesen*) para nomear a operação psíquica do paciente frente à castração: “Die neue Aufklärung wurde abgewiesen, die alte Theorie festgehalten”. (Freud, 2008, p. 204)⁸.

Na primeira decisão, “O atributo sobre o qual se deve decidir, pode originalmente ter sido bom ou mau, útil ou prejudicial.” (FREUD, 1976a, p. 297). Detalha o sentido lógico recorrendo à teoria do desenvolvimento da sexualidade: “Expresso na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais – os orais – o julgamento é: ‘Gostaria de comer isso’, ou ‘gostaria de cuspi-lo fora’, ou, colocado de modo mais geral, ‘gostaria de botar isso para dentro de mim e manter aquilo fora.’ (...) o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau.” (Freud, 1976a, p. 297). Na segunda, trata-se de decidir “se algo que está no ego como representação pode ser redescoberto também na percepção (realidade)”. (Freud, 1976a, p. 298).

Bejahung aparece uma vez em *A negativa*, o que exige um escrutínio do texto semelhante àquele a que Lacan submeteu *O homem dos lobos* para apurar o sentido de *Verwerfung*. Surge na retomada da primeira decisão: “Julgar é uma continuação, por toda a extensão das linhas da conveniência, do processo original através do qual o ego integra coisas a si ou as expelle de si, de acordo com o princípio de prazer.” (Freud, 1976a, p. 299). Ego que integra coisas a si ou as expelle de si tipificava a primeira decisão. Integrar e expelir: eis aí uma polaridade.

Em *A pulsão e seus destinos*, três são as polaridades que regem a vida mental, “Sujeito (ego)-Objeto (mundo externo), Prazer-Desprazer e Ativo-Passivo” (Freud, 1976, p. 155), apresentadas para se desenvolver as três oposições para o amar (amar-odiar,

8 “A nova explicação foi afastada, a velha teoria mantida”. (Freud, 2016, p. 81).

amar-ser amado, amar-ser indiferente). Discutindo as três polaridades e os três opostos de amar, Freud assevera:

Na medida em que o ego é autoerótico, não necessita do mundo externo, mas, em consequência das experiências sofridas pelos instintos de autopreservação, ele adquire objetos daquele mundo, e, apesar de tudo, não pode evitar sentir como desagradáveis, por algum tempo, estímulos instintuais internos. Sob o domínio do princípio de prazer ocorre agora um desenvolvimento ulterior no ego. Na medida em que os objetos que lhe são apresentados constituem fontes de prazer, ele os toma para si próprio, os ‘introjeta’ (para empregar o termo de Ferenczi); e, por outro lado, expela o que quer que dentro de si mesmo se torne uma causa de desprazer (Freud, 1976, p. 157).

Orgânico como é, Freud plantou aqui, ao correlacionar polaridades da vida psíquica e oposições ao amar, a teoria a cuja sombra semeia agora seu ensino sobre as duas decisões em jogo na função do juízo. Com efeito, a introjeção pelo ego de objetos situados no mundo externo (polaridade: ego-mundo externo; oposições: amar-odiar) ligados ao prazer (polaridade: prazer-desprazer; oposições: amar-odiar) será tomada, na linguagem lógica da função do juízo, como afirmação.

Em *A negativa*, vimos que há duas polaridades, integrar e expelir. Arquitetônico em seu pensar, Freud integra essa teoria lógica (duas funções do juízo) à teoria pulsional (dois tipos de pulsão): “A polaridade de julgamento parece corresponder à oposição dos dois grupos de pulsões que supusemos existir.” (Freud, 1976a, p. 300). Em seguida, declara: “A afirmação – como um substituto da união – pertence a Eros; a negativa – o sucessor da expulsão – pertence à pulsão da destruição.” (Freud, 1976a, p. 300). Em alemão, é nesta passagem que se lê *Bejahung*: “Die Bejahung – als Ersatz der Vereinigung – gehört

dem Eros an, die Verneinung – Nachfolge der Ausstoßung – dem Destruktionstrieb.” (Freud, 2018, p. 536).

Em alemão e em português, as frases desenham-se sintaticamente simétricas:

Posição 1 (sujeito)	Posição 2 (comentário)	Posição 3 (predicado)
A afirmação	- como substituto da união	- pertence a Eros;
a negativa	- o sucessor da expulsão	- pertence à pulsão da destruição.
Die Bejahung	- als Ersatz der Vereinigung	- gehört dem Eros an,
die Verneinung	- Nachfolge der Ausstoßung	- dem Destruktionstrieb.

Em alemão, na segunda parte, há elipse do verbo “pertencer a” (*angehören*, desmembrado em *gehört an* ao se conjugar), motivo pelo qual a simetria dá-se só no complemento verbal (*dem Eros / dem Destruktionstrieb*). Em português, também há elipse como regra gramatical para evitar repetições, opção não mobilizada pelo tradutor. Tamanho rigor na construção sintática confere força semântica à construção teórica em curso, algo que Lacan enxergou em *Wo Es war, soll Ich werden*. Enxergou, admirou, desentranhou os sentidos aí condensados e fez render o que jazia no estilo de Freud. Há motivos para o mesmo com a frase em que *Bejahung* é empregado. Por fim, o desenho sintático estampa que afirmação e negativa polarizam o julgamento, vinculadas à polaridade pulsional (Eros, reunião; Tanatos, destruição). E, o que mais importa, é notar que afirmação se relaciona à operação pela qual o ego integra, reúne, introjeta em si objetos, como estava disposto em *A pulsão e seus destinos*.

Hypollite comenta, a pedido de Lacan, o texto de Freud. Hypollite interpreta, então, pela via da Filosofia, essas duas decisões: “O juízo tem aí, portanto, sua primeira história. E dele, Freud distingue dois tipos. Conforme o que todos aprendem

dos elementos da filosofia, há um juízo de atribuição e um juízo de existência.” (Hypollite, 1998, p. 898). Hypollite introduz um novo elemento; em Freud não há dois tipos de juízos e sim duas decisões que a faculdade de julgamento toma – o que, considerando o conteúdo eminentemente lógico do assunto, não é a mesma realidade. Lacan subscreverá isso: incorporará a terminologia de Hypollite (“dois tipos de juízo”) e abandonará a de Freud (“duas decisões da função do julgamento” – Freud, 1976a, p. 297). A primeira decisão está para o juízo de atribuição e a segunda para o de existência. Comentando o primeiro, Hypollite sublinha o que fora apontado por Freud:

Por trás do juízo de atribuição, que é que existe? Existe o “eu quero (me) apropriar, introjetar”, ou o “eu quero expulsar”. Ora, pouco antes disso, Freud acabara de dizer que se introjeta e se expulsa, ou seja, que há uma operação que é a operação de expulsão e [sem qual] a operação de introjeção [não teria sentido]. Aí está a operação primordial em que [se funda] o que será o juízo de atribuição. (Hypollite, 1998, p. 898-899).

Bejahung é destacada por Hypollite em seu comentário de Freud: “Por trás da afirmação, existe o quê? Existe a *Vereinigung* [unificação], que é Eros.” (Hypollite, 1998, p. 897-898)⁹. E, mais adiante, volta ao mesmo ponto: “A afirmação, diz-nos Freud, enquanto simplesmente equivalente à unificação, é o feito de Eros: que é o que está na origem da afirmação; por exemplo, no juízo de atribuição, é o fato de introjetarmos, de nos apropriarmos,

9 Em alemão, *Vereinigung* e *Verneinung* são substantivos fonologicamente próximos e morfológica e semanticamente distantes. O primeiro se forma do numeral *ein* (um) e o segundo do advérbio de negação *nein* (não). O prefixo *ver-* cria os verbos *vereinigen* e *verneinen* (significando a ação de tornar *ein*, de ficar um, uno ficar, unificar; de dizer *nein*, de não-izar – para neologizar em português); o sufixo *-ung* cria os substantivos a partir dos verbos, *Vereinigung* e *Verneinung* (significando o ente advindo dessa ação), a unificação, a negação.

em vez de expulsarmos para o lado de fora.” (Hypollite, 1988, p. 900). De igual modo, Hypollite vê um “por trás” da outra polaridade do julgar, a negativa: “E, por detrás da denegação, o que há? O surgimento, nesse ponto, de um símbolo fundamental dissimétrico. O processo que leva a isso, que se traduziu por rechaço, sem que Freud se sirva aqui do termo *Verwerfung*, é ainda mais fortemente acentuado, uma vez que ele emprega a *Ausstossung*, que significa expulsão.” (p. 897-898). O comentarista traduz *Verneinung* por “denegação”, em vez de “negativa”, como avisa no começo.

Lacan, no Seminário 1, no encontro de 10 de fevereiro de 1954 (capítulo V), tão logo Hypollite conclui seu comentário, retoma o caso clínico do Homem dos Lobos e fixa em seu ensino os termos *Verwerfung* e *Bejahung*:

Lembrem-se do exemplo que lhes citei da última vez no *Homem dos Lobos*. O progresso da análise do sujeito em questão, as contradições que apresentam os traços através dos quais seguimos a elaboração da sua situação no mundo humano, indicam uma *Verwerfung*, uma rejeição – o plano genital sempre foi para ele como se não existisse literalmente. Essa rejeição, fomos levados a situá-la no nível, eu diria, da *não-Bejahung*, porque não podemos colocá-la, absolutamente, no mesmo nível do que uma denegação (Lacan, 1986, p. 73).

Sem rebuço algum, Lacan declara que a *Verwerfung* é uma *não-Bejahung*; as duas operações se opõem. Ainda que *Bejahung* se forme do verbo *bejahen* (afirmar, dizer sim), vindo do advérbio de afirmação *ja* (sim), seu oposto não procede do verbo *verneinen* (negar, dizer não), derivado do advérbio de negação *nein* (não), que daria *Verneinung*. *Bejahung* vincula-se à integração de objeto ao ego; é o sim dado pelo ego à questão “vou comer isso?”, isto é, colocá-lo dentro de si.

Lacan, no Seminário 3, reinterpreta esse léxico oral-canibal-freudiano:

De que se trata quando falo de *Verwerfung*? Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranóia. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante.” (Lacan, 1988, p. 174).

Seguramente, não é de corpo significante que fala Freud quando debuxa o juízo de atribuição; a linguagem empregada é a “dos mais antigos impulsos instintuais” (Freud, 1976a, p. 397), “comer”, “cuspir”; portanto, corpo comida e cuspe. Lacan emprega “corpo de significante”. Como compreender? Pegando um termo de cada vez, “corpo” e depois “de significantes”, o primeiro no sentido biológico, carne em que se inscrevem “significantes”, no sentido de pulsionalização, e por isso deixa de ser “corpo” só para tornar-se corpo “de significantes”, como proclama o segundo termo? Pegando os dois termos de uma só vez, “corpo de significante”, no sentido linguístico de sistema em Saussure, “Seu conteúdo [de uma palavra] só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente.” (Saussure, 1993, p. 134), isto é, conjunto dos significantes, sentido preservado por Lacan, “Quero dizer que o significante tem seu lugar no dado da bateria significante, na medida em que ela constitui um certo sistema de signos disponíveis num discurso atual, concreto” (Lacan, 1999, p. 356)? Seja pegando seus constituintes lexicais um de cada vez, primeiro “corpo” e depois “de significantes”, seja pegando-os de uma só vez, “corpo

de significantes”, o sentido em Lacan é este: não se trata de uma operação objetual expressa em linguagem dos primeiros impulsos orais em que o ego introjeta objetos apazíveis do mundo externo (“comer”) e projeta no mundo externo representações desagradáveis do mundo interno (“cuspir”) e sim de uma operação simbólica em que um significante passa a fazer parte do sistema. Não mais corpo, comida e cuspe (sentido biológico), e sim, sistema fonema e morfema (sentido linguístico). E isso é um construto teórico de Lacan.

Wahrnehmungszeichen, a primeira sinalização: a carta 112 de Freud a Fließ

Construto lastreado em outro texto de Freud, a carta a Fließ, de 6 de dezembro de 1896. Lacan (1988, p.175) referencia-a no Seminário 3 pelo número 52, posto empregar a edição de 1950, “com uma série de cortes e expurgos; farei pelo número 112, por manusear a edição alemã de 1986, “Ungekürzte Ausgabe” (Edição não-encurtada), que organiza, ao final, a concordância das duas publicações, a de 1950 e a de 1986.

Na terceira seção do capítulo 11 do Seminário 3, Lacan percorre a carta resenhando a teoria da memória que dela emerge, mormente o esquema sequencial dos três registros com que funciona.

Wz [Wahrnehmungszeichen] ist die erste Niederschrift der Wahrnehmungen, des Bewußtseins ganz unfähig, nach Gleichzeitigkeitsassoziationen. Ub (Unbewußtsein) ist die zweite Niederschrift, nach anderen, etwa Kausalbeziehungen angeordnet. Ub-Spuren würden etwa Begriffserinnerungen entsprechen, ebenfalls

dem Bewußtsein unzugänglich. Vb (Vorbewußtsein) ist die dritte Umschrift, an Wortvorstellungen gebunden, unserem offiziellen Ich entsprechend (Freud, 1986a, p. 2018)¹⁰.

Freud emprega, para os dois primeiros registros, o vocábulo *Niederschrift* (registro) e para o terceiro, *Umschrift* (transcrição). Os três trazem consigo *Schrift* (escrita), mostrando que derivam de um mesmo ponto (a percepção). Essa seleção lexical de Freud permite compreender que a percepção é a primeira escrita (*Schrift*), à qual se sucedem: o primeiro registro (“die erste *Niederschrift*”), os traços de percepção; o segundo registro (“die zweite *Niederschrift*”), o inconsciente; o terceiro registro (“die dritte *Umschrift*”), o pré-consciente. Todos os sucessores carregam a mesma herança lexical, *Schrift*, indicando ser a percepção a origem da dinastia.

Um esquema desenhado à mão por Freud e o comentário logo abaixo do esquema indicam serem as percepções a matriz. Reproduzo-o mantendo as abreviações em alemão:

W → Wz^I → Ub^{II} → Vb^{III} → Bew

W são os neurônios, nos quais surgem as *percepções*, às quais a consciência está ligada, mas que em si mesmas não guardam nenhum vestígio do que aconteceu. *Consciência e memória são mutuamente exclusivas* (Freud, 1986, p. 218).¹¹

10 “Wz [traço de percepção] é o primeiro registro de percepções, completamente incapazes de consciência, de acordo com associações de simultaneidade. Ub (inconsciente) é o segundo registro, organizado de acordo com outros, como relações causais. As marcas inconscientes corresponderiam a memórias conceituais, também inacessíveis à consciência. Vb (pré-consciência) é a terceira transcrição, vinculada às representações de palavras, correspondendo ao nosso eu oficial” (Tradução minha).

11 “W sind Neurone, in denen die Wahrnehmungen entstehen, woran sich Bewußtsein knüpft, die aber an sich keine Spur des Geschehenen bewahren. *Bewußtsein und Gedächtnis schließen sich nämlich aus*.”

No esquema, W (Neurônios) é o ponto de partida onde nasce a escrita. Daí em diante, os três registros, marcados por Freud com um algarismo romano elevado sobre as siglas: I- Wz (os traços de percepção), II- Ub (o inconsciente), III-Vb (o pré-consciente). A sequência avança e chega a Bew (consciência – *Bewußtsein*), um elemento não indicado com o romano IV- e nem comentado no texto como “o quarto registro”. Visualiza-se no esquema que os registros três, dois e um procedem das percepções, o que se enxerga na morfologia dos três (*Umschrift*, *Niederschrift*), a qual carrega sempre o *Schrift* – as percepções, portanto, escrita primeira e fonte dos três registros.

No primeiro registro detém-se Lacan:

A questão da *Verneinung* permanece toda ela em suspenso. O importante é perceber que Freud só pôde concebê-la colocando-a em relação com alguma coisa de mais primitivo. Ele admite formalmente na carta 52 que a *Verneinung* primordial comporta uma primeira sinalização, *Wahrnehmungszeichen*. Ele admite a existência desse campo que chamo do significante primordial. Tudo o que ele diz a seguir nessa carta sobre a dinâmica das três grandes neuropsicoses às quais ele se prende, histeria, neurose obsessiva, paranóia, supõe a existência desse estado primordial que é o lugar eleito do que chamo a *Verwerfung*.” (Lacan, 1988, p. 180).

O primeiro registro é, para Lacan, a primeira sinalização, tomado por ele como o “campo do significante primordial”. Primordial por ter “alguma coisa de mais primitivo”, de aparecer desde o começo. Mas como pensar esse ponto da teorização de Lacan se sabemos que ele é leitor de Saussure, que concebe a língua como um sistema em que os elementos adquirem seu valor na relação com o outro, não havendo um primeiro cujo valor carregasse consigo, mesmo antes de emparceirar-se com os outros do sistema?

De volta ao significante primordial: Seminários 3 e 5

Eis-nos às voltas, de novo, com a noção de “significante primordial”, quer no sentido de um mais importante que os outros, quer na acepção daquele que vem primeiro que todos os outros. Lacan, via Linguística, sabe que não há isso. Busca-o em Freud, esquadrinhando a carta 112 a Fließ? Sim, quando lemos na citação anterior a expressão “primeira sinalização”, indicando ausência de anterioridade; não, quando lemos isto, “campo primordial”, atestando presença de outros significantes a comporem um campo – e não um ponto único ou de partida, que seria o significante primeiro.

Se retornarmos à carta de Freud, há, sim, um primeiro: o *Wahrnehmungszeichen* é o primeiro registro feito de uma percepção, *Wahrnehmung*. Pensamento recuperado em *A negativa*, ao discutir o juízo de existência: “A fim de entender esse passo à frente, temos de lembrar que todas as representações se originam de percepções e são repetições dessas.” (Freud, 1976a, p. 298). No texto alemão, Freud emprega a mesma palavra da carta, *Wahrnehmung*: “Um diesen Fortschritt zu verstehen, muß man sich daran erinnern, daß alle Vorstellungen von Wahrnehmungen stammen, Wiederhollungen derselben sind.” (Freud, 2018, p. 354).

Lacan oscila entre afirmar e negar a existência desse significante primordial. Ainda no mesmo capítulo do Seminário 3 que analisa a carta, é apodítico: “Há na dialética de Freud uma primeira divisão do bom e do ruim que só pode ser concebida se a interpretamos como a rejeição de um significante primordial. O que quer dizer o significante primordial? É claro que, de modo bem preciso, isso não quer dizer nada.” (Lacan, 1988, p. 174). Contudo, capítulos mais adiante, sustenta: “A linguagem, para

nascer, deve sempre ser tomada em seu conjunto. Em contrapartida, para que possa ser tomada em seu conjunto, é preciso que ela comece a ser tomada pela ponta do significante.”(p. 260). Pela ponta do significante ou de um significante específico? Lacan, no Seminário 5, dá-nos uma resposta que, se não a definitiva, definirá o fim deste artigo:

Assim como eu lhes disse que, no interior do sistema significante, o Nome-do-Pai tem a função de significar o conjunto do sistema significante, de autorizá-lo a existir, de fazer dele a lei, direi que, frequentemente, devemos considerar que o falo entra em jogo no sistema significante a partir do momento em que o sujeito tem de simbolizar, em oposição ao significante, o significado como tal, isto é, a significação. O que importa para o sujeito, o que ele deseja, o desejo como desejado, o desejo do sujeito, quando o neurótico ou o perverso tem de simbolizá-lo, isso, em última análise, é literalmente feito com a ajuda do falo. O significante do significado em geral é o falo.” (Lacan, 1999, p. 247-248).

Portanto, há dois significantes na ponta, dois significantes primordiais: 1) o Nome-do-Pai, que concerne ao próprio sistema significante, que significa o próprio conjunto de significantes; 2) o falo, que diz respeito ao significado, que entra em jogo quando o sujeito tem de simbolizar o desejo. O primeiro está “no interior do sistema significante”; o segundo, “entra em jogo no sistema significante”; logo, primordial não quer dizer o primeiro, o que funda o sistema. O sistema já está dado e eles fazem parte dele como os demais. Primordial nomeia suas especificidades, não desempenhadas por nenhum outro; do primeiro, “significar o conjunto do sistema significante”; do segundo, significar o significado (“o significante do significado em geral”). Há, pois, dois significantes primordiais.

E isso não é pouco em Lacan, posto apoiar-se no algoritmo saussuriano S/s que, em *A instância da letra no inconsciente*, ele

diz definir a tópica do inconsciente: “Trata-se, pois, de definir a tópica desse inconsciente. Digo que é justamente ela que se define pelo algoritmo S/s.” (Lacan, 1998, p. 518). Como é sabido de todos, é o significante Nome-do-Pai que pode ser rejeitado, alvo, pois, de uma *Verwerfung*, isto é, de uma não-*Bejahung*; havendo a *Behajung*, abre-se espaço para a *Verdrängung*.

Considerações finais

Contínuo é o processo de formação de um analista, sabem todos que circulam por instituições psicanalíticas. Num avançar rumo a textos recentes que dão conta dos efeitos sobre os sujeitos das novas configurações de instituições sociais dos tempos atuais, isto é, a produção teórica dos psicanalistas contemporâneos. Num recuar em direção aos textos antigos que erigiram as bases sobre as quais se entende o funcionamento do inconsciente e se interpreta as suas produções, isto é, a produção teórica dos clássicos da psicanálise. Lacan encarna esses dois movimentos quando avançou para a Linguística de Saussure e a Antropologia de Lévi-Strauss e quando recuou aos textos de Freud e deles às cartas com Fließ. Com isso parecia advertir: “Acautelai-vos contra a monocultura intelectual, contra a cultura de leitura de manual!” Continuando a minha forma na APC e assumindo em algumas ocasiões o ensino da Psicanálise àqueles que chegam à instituição, ocupo-me mais com o recuo de que com o avanço. Plagiando Machado de Assis em *O espelho*, “A melhor definição de amor não vale o beijo da moça amada”, diria que a melhor definição de *Verwerfung*, *Bejahung* e *Verwerfung* haurida em oitivas de preleções psicanalíticas ou em consultas furtivas a sites sobre psicanálise não vale o beijo do teórico consagrado. Com

ele aprende-se mais que a teoria: colhe-se um pensamento nascente, em sua força lógica, em seu rigor de expressão linguística. Este trabalho, resultado de minha experiência de ensino na APC, espelha este meu entendimento sobre formação continuada. Deu-se um beijo: dou-vos um texto.

Referências

FREUD, S. *A pulsão e seus destinos*. Rio de Janeiro: Imago. Obra completa, vol. XIV, 1976.

FREUD, S. *A negativa*. Rio de Janeiro: Imago. Obra completa, vol. XIX, 1976a.

FREUD, S. *Briefe an Wilhelm Fließ: ungekürzte Ausgabe*. Frankfurt am Main: Fischer, 1986.

FREUD, S. *Der Wolfsmann*. Frankfurt am Main: Fischer, 2008.

FREUD, S. *O homem dos lobos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras. Tradução de Paulo César de Souza, 2016.

FREUD, S. *Die Verneinung*. In: *Sigmund Freud: Das große Lesebuch*. Frankfurt am Main: Fischer, 2018.

HYPPOLITE, J. "Comentário falado sobre a 'Verneinung' de Freud". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 1, Os escritos técnicos de Freud*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

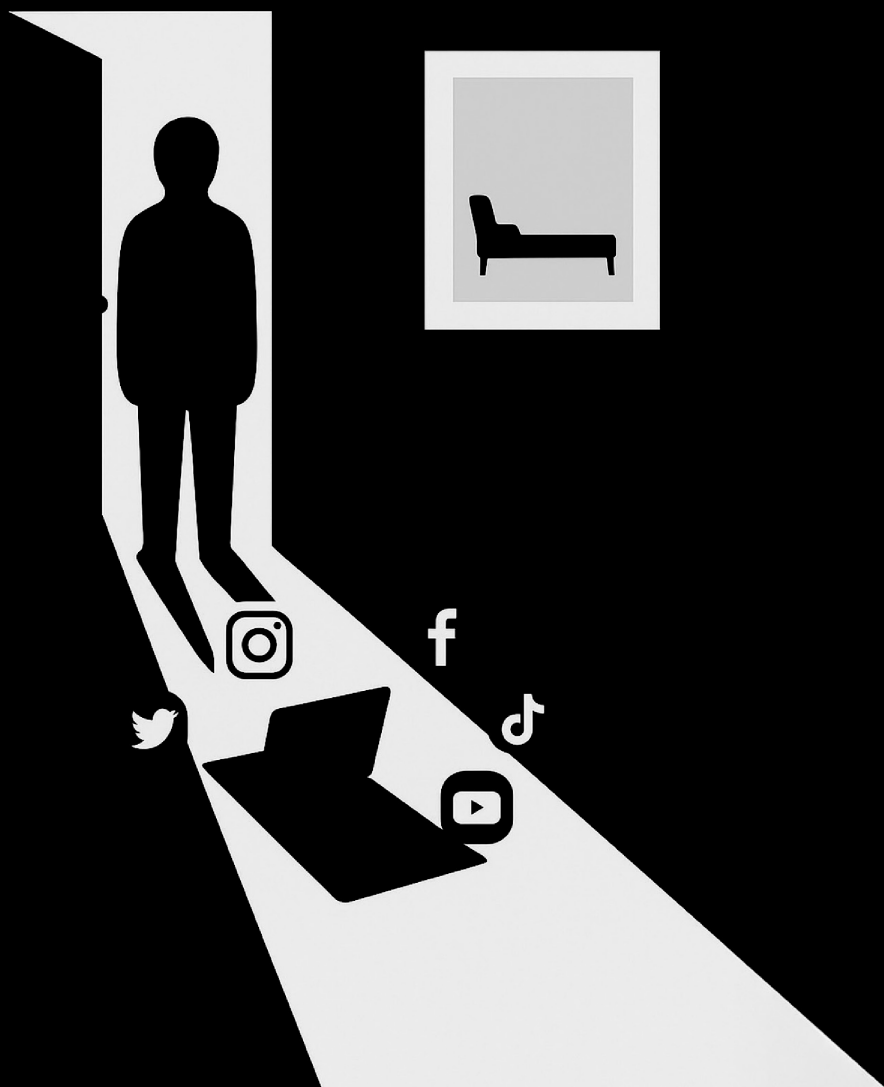
LACAN, J. *O Seminário, Livro 3, As psicoses*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, J. "A instância da letra no inconsciente". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. *O Seminário, Livro 5, As formações do inconsciente*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1993

Espaço Conferência



Linguagem, alteridade e fenômenos de massa nas redes sociais¹

Mario Eduardo Costa Pereira²

Transcrito por Tiago Rickli³

O tema que propus para nosso encontro – vocês viram – é: linguagem, alteridade, e fenômeno de massa nas redes sociais. Quando essa surgiu ideia, no ano passado, já era uma questão extremamente importante, extremamente atual, e eu diria que não há como ser mais atual. Realmente, é desafiador para a psicanálise, pois tal questão não apenas solicita dela algum tipo de referência, algum tipo de leitura: é um tipo de fenômeno que interpela a própria psicanálise, coloca em desafio suas categorias, sua maneira de pensar, como se exigisse uma atualização radical de algumas temáticas que lhe são importantes, centrais. É isso que eu tento trazer aqui para vocês.

Quando preparávamos o evento, eu disse que não precisaria de *slides* para conversar. Mas, saindo do hotel, agora de manhã,

1 Conferência apresentada na Associação Psicanalítica de Curitiba em 05 de abril de 2025.

2 Psiquiatra, Psicanalista e Professor titular de Psicopatologia Clínica pela Univeristé d'Aix-Marseille (França); Mestre em Saúde Mental pela Unicamp; Doutor em Psicopatologia Fundamental pela Unicamp; Vice-diretor do Núcleo São Paulo do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise; Professor associado do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, onde dirige o Laboratório de Psicopatologia: Sujeito e Singularidade (LaPSus – UNICAMP); Secretário da Seção de Psicanálise na Psiquiatria da World Psychiatry Association (WPA).

3 Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC); Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); membro fundador do Instituto Dominique. Contato: tiago.rickli@gmail.com.

eu li uma notícia no jornal que saiu há algumas horas, e eu compartilharei alguns elementos com vocês. Vai ser nosso ponto de partida, uma notícia que, talvez, alguns de vocês já tenham lido. O título da matéria é: “Hitler da Bahia liderava jovens em estupro virtual e mutilação recreativa”⁴. Hitler da Bahia... Vou pedir a paciência de vocês, pois vou ler alguns trechos para situá-los na notícia. A reportagem diz assim: “para familiares e colegas, Luís Alexandre de Oliveira Lessa era um jovem de 20 anos, soldado do exército e lutador de jiu-jitsu. No ambiente virtual, porém, ele se tornava o Hitler da Bahia. Ele liderava um grupo de adolescentes no Telegram que praticou estupro virtual com incentivo à automutilação, pedofilia e violência por diversão, segundo o Ministério Público do Estado de São Paulo”. Leio mais um trecho, para situá-los: “Lessa foi preso em novembro de 2024, em Salvador, acusado de liderar o grupo virtual Painel Country”.

Ouvinte: Parece nome de festa.

Tem uma coisa meio festiva aí. Mas o que interessa aqui é o termo painel. Descobri que há várias painéis. Não sei como é aqui em Curitiba, eu sou gaúcho: em Porto Alegre, quando era adolescente, os grupinhos eram as painelinhas. A reportagem diz: “painéis são pequenos grupos virtuais de jovens e adolescentes. Em redes sociais, como o *Discord* e o *Telegram*, os integrantes são chamados de paineleiros”. Ele criou, então, uma painel, um pequeno grupo, mas emocionalmente muito intenso, e a coisa operava assim: ele era o líder, o Hitler da Bahia. Um trecho interessante da notícia diz o seguinte: “a Painel Country foi fundada por dois adolescentes e já passou de 600 membros. Os jovens menores de idade que foram aprendidos eram conhecidos no

4 Link da reportagem: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/04/05/crimes-virtuais-telegram.htm>. Acesso: 13 de agosto de 2025.

ambiente virtual como Inative e Nêmesis. Lessa, o Hitler da Bahia ou Sagaz”, como ele também era conhecido, “é apontado pelo Ministério Público de São Paulo como um dos líderes, e o único maior de idade”, de 600..., “ao lado de Vitin, Lunatic e Maverick”. Não tem um com nome brasileiro: é o Hitler, o Vitin, o Lunatic, e o Maverick, todos abaixo de Lessa. Houve mais um que foi apreendido e responsabilizado pelo estupro virtual. “Nesses grupos, a violência é tratada como uma forma de diversão, diz o Ministério Público de São Paulo. Os membros comemoram e se divertem à custa do sofrimento alheio, demonstrando pouca ou nenhuma empatia pelas vítimas, sejam humanas ou animais, afirmou o desembargador Teixeira de Freitas, do Tribunal de Justiça de São Paulo, ao negar o pedido de habeas corpus feito pela defesa de Lessa”. Isto é: de alta periculosidade, sem empatia, não havendo por que confiar que essa pessoa ficaria bem socialmente.

Bem, o que eu queria mostrar para vocês nos slides não era apenas isso, porque isso vocês poderiam ler. Eu queria mostrar para vocês a foto do Hitler da Bahia, pois o Hitler da Bahia é negro, o que desperta estranhamento. Entretanto, tornou-se muito comum encontrar-se nessas painéis, nesses grupos, supremacistas brancos formados de negros, pardos... Grupos de supremacistas só com pessoas que, caso estivessem submetidas ao hitlerismo, estariam na linha de frente de sua violência. Então, vocês veem que não há nenhum tipo de conexão direta com a “racionalidade”, com a ideologia supremacista. Um dos elementos que conecta é a mobilização nos participantes de demônios extremamente profundos, conflitantes, ativos. Conseguimos imaginar isso, claro, como fenômenos de massa, mas de pequenas massas, onde se mobiliza intensamente coisas muito profundas, muito radicais, que são, contudo, mais explosivas e mais delimitadas. Nas grandes massas, os fenômenos são, de certa

maneira, mais visíveis. Há pouco mais de um mês, dois jovens supremacistas brancos se esfaquearam na França, ambos eram negros e membros de facções supremacistas brancas: apenas para se ter uma ideia do grau e da passionalidade do que está em jogo, do que isso é capaz de mobilizar. É sinal de que estaríamos diante de fenômenos sociais que têm uma conformação atual, contemporânea, e que, com os meios tecnológicos presentes – meios, enfim, do nosso tema aqui: do campo das redes sociais, da inteligência artificial, das tecnologias da comunicação – tomam uma configuração, talvez uma potência, um grau de alcance, que nunca conhecemos antes.

Eu queria trazer agora para vocês um outro elemento. Em função dessa onda crescente que começamos a ter de ataques nas escolas, o procurador de justiça do Estado do Rio Grande do Sul ficou responsável no Ministério Público de estudar este tipo de ataque e fazer ações públicas no Ministério da Justiça. Em relação a isso, ele precisou estudar vários ataques brasileiros. Havia no *background* dos ataques essa panela, esse grupo, esse ambiente virtual que, de certa maneira, era o campo de pressão emocional, de validação daquele ato. Também em diversos ambientes, na chamada *Deep Web*, essas comunidades proliferaram enormemente – agora elas começam a vir à tona, começam a se tornar mais visíveis.

Então, eu vou trazer alguns dados que o procurador conseguiu – claro, vemos aqui com uma ótica do Ministério Público. É algo que começa em janeiro de 2024: no Brasil é, portanto, extremamente recente. Nos Estados Unidos, por exemplo, isso já existe há muito tempo, como o famoso episódio de Columbine, ataque que ficou como uma espécie de “Shakespeare” para essas comunidades, uma espécie de “top” da especialidade, seu ponto mais alto. E o que frequentemente se encontra nessas comunidades é

que o sujeito, para realizar-se nesses ambientes, tenta ir além do ataque de Columbine: vai-se com armas pesadas, tudo bem planejado, discutido no grupo, mata-se muita gente; e, depois, você morre – isso é o “top”. Este elemento presente nas comunidades que se referem a Columbine – “não faz mal que se morra; aliás, é desejável que se morra” –, deixar de morrer na ação é, de certa maneira, não conseguir dar o complemento estético total solicitado. Columbine ficou como essa espécie de grande parâmetro, a grande referência.

Nesse um ano e pouco de estudos, o Ministério Público fez a identificação de preditores da violência, o mapeamento dessa zona de radicalização: e é bem impressionante, porque são muitas. A série da qual falaremos, *Adolescência*, coloca uma lente de aumento num fenômeno muito forte, presente, brutal.

Ouvinte: Que antes se tinha como eventual.

Como loucura de americano. Hoje somos nós, e não é preciso ir muito longe: há em Caxias do Sul, e em São Paulo houve vários. Bem, os membros do Ministério Público fizeram um mapeamento da radicalização e começaram a criar programas de desengajamento, porque as pessoas se engajam nisso: são moleques, uma comunidade de 600 jovens com apenas um maior idade. Então, vocês veem, não é possível que simplesmente se “prenda todo mundo”.

Ouvinte: No Brasil, houve o aumento destes ataques em 2022 e 2023, e boa parte dos jovens que cometeram os crimes tinham de 13 a 14 anos, de classe média.

Sim, de classe média. Mas, aqui, eles falam de todas as classes sociais. Vou dar a vocês os dados que tenho, depois posso mandá-los para vocês, é um documento que o Ministério Público fez. O Ministério Público usa uma noção de extremismo violento composto, que caracteriza quando o indivíduo não possui uma

filiação clara e sólida com apenas uma ideologia extremista. Frequentemente há várias, um combo de elementos ligados a várias ideologias extremistas. O sujeito é, ao mesmo tempo, nazista, racista, satanista, antissemita.

Ouvinte: Eles tomam todos os significantes...

De uma radicalidade odiosa. Faz parte de um combo, não é um só. É uma panela de ódio. Há uma psicanalista francesa, amiga minha, que é uma grande especialista. Houve também na França ataques desse tipo: jovens, em geral de origem muçulmana, que foram radicalizados em movimentos terroristas religiosos para cometer ataques desse tipo. Em todos os níveis: o ataque no Bataclan, em Paris; aquele ataque horroroso em Nice, em que o sujeito matou 70 pessoas com um caminhão na praia, esmagando no dia 14 de julho todo mundo, criança, mãe...

Há, então, dispositivos de radicalização: pode-se fazer, por exemplo, uma instrumentalização política, como ocorre em várias situações. Como se procede? Pega-se jovens, geralmente periféricos, expostos à pobreza, à humilhação, ao racismo: movimentos deliberadamente feitos para instrumentalizar pessoas em situação de fragilidade e para agir dessa forma. A “Panela Country” é uma espécie de combo disso, porque há um monte de jovens de diversas classes sociais que entram na panela, e há um líder que não tem propriamente um projeto político específico, mas cria uma causa à qual todos se identificam. Neste documento, o Ministério Público fala, por exemplo, dessa violência extrema chamada de pós-organizacional, que é uma espécie de novo paradigma de terrorismo. Houve um terrorismo com finalidade política, específico, e o documento diz: “nestes grupos as características principais são a ausência de estrutura organizacional tradicional; a atuação é descentralizada e impulsionada

por redes informais”. E, frequentemente, ela é operada por agentes isolados, os lobos solitários, ou em duplas.

Ouvinte: Eu só tenho uma dúvida: esse termo, ausência de estrutura organizacional. Mas me parece que existe uma organização. O que significa?

Ausência de estrutura organizacional tradicional. Muitas vezes há uma grande rede de pessoas que nunca se encontraram ou não se conhecem pessoalmente. Então, quais são as diferenças disso para o terrorismo clássico? Há abandono das hierarquias rígidas, superação do modelo de células, e maior flexibilidade e imprevisibilidade das ações. Quando existem serviços de inteligência que trabalham preventivamente, como o Ministério Público, são necessários hackers dentro desses grupos. Muitas vezes, porém, o processo de organização é muito sofisticado: os grupos levam tempo comprando armas, treinando, pensando na dimensão quase ritualística do que será feito – um ataque.

No documento comenta-se como se dá o processo de radicalização. Radicalização – talvez alguns já estejam familiarizados, outros vão escutar aqui pela primeira vez – é um termo bastante usado por aqueles que estudam esse fenômeno: é a noção dessa mobilização no outro de modo a tornar cada vez mais aguda a passagem ao ato. Eles definem assim: “a radicalização é o processo de crescente engajamento do sujeito a uma causa ou ideal baseado em valores e ideias extremistas que podem ser de natureza social, religiosa ou política. Ao se identificar com a miríade de valores extremistas”, que geralmente são múltiplos e, às vezes, até incoerentes; às vezes até incoerentes com a própria pessoa, como eu mostrava com o Hitler da Bahia, “que foram professados pelo grupo ou grupos ao qual aderiu ou está em processo de adesão, o radicalizado torna-se, paulatinamente, cada vez mais

radical”. É um processo crescente, e no momento da passagem ao ato, já há todo um histórico em que isso foi um ápice.

Para quem está de fora, é loucura; para quem está dentro, é pleno de significado. Funciona, realmente, como uma rede social, só que fechada. É a panela, uma espécie de amplificador dos demônios que estão em jogo. Vocês veem que tento não usar termos técnicos, psicanalíticos, porque talvez a nossa maneira habitual de pensar as coisas precise ser renovada para dar conta disso. A radicalização pode ser explicada, ainda, como um processo involutivo, onde o sujeito abandona sua singularidade para se tornar parte de um grupo acrítico, e isso de uma maneira crescente. A radicalização pode ser tanto politizada, dando uma aparência de que o sujeito faz tudo o que faz por uma causa – e aqui aparece que a “causa” é um epifenômeno, o motor mesmo não é a causa. Pode-se ter, digamos, uma racionalização da causa ou causas supérfluas, mas o motor está em outro nível, em outro plano.

A desradicalização, por outro lado, é um desafio ainda mais complexo, que não se confunde em percorrer o caminho inverso da radicalização e requer estratégias próprias. Nesta definição de radicalização, coloca-se que o processo de engajamento é o crescente envolvimento com as causas ou ideais extremistas. A base ideológica é, geralmente, fundamentada em valores e ideais extremistas, religiosos ou políticos, e ela aparece, neste documento que vou passar para vocês, como um sintoma social, reflexo de enfermidades sociais e relacionais profundas.

Ouvinte: Mas, do seu ponto de vista, o que você acha que leva esses adolescentes a reunirem-se em prol de uma causa? É preciso que haja uma causa que mobilize a entrada na panela, para fazer este motor funcionar. Do seu ponto de vista, da sua prática clínica, o que você diria que antecede isso nesse adolescente?

Acho que isso é o tema central do que iremos discutir. Mas, para termos primeiramente uma visão geral, voltaremos em seguida ao seu ponto, e veremos o que está em jogo nisso. Assim, ainda sobre esse panorama geral, para vermos como as coisas se apresentam e depois tentarmos ver de onde isso vem: como é que isso se coloca? Como se dá esse processo de radicalização? Primeiro, um elemento central no processo de radicalização é a identificação com o grupo e a sensação de pertencimento. O indivíduo encontra um senso de pertencimento e de aceitação no grupo extremista. Isso já havia sido discutido e apresentado por vários antropólogos que trabalham com comunidades extremamente miseráveis no Brasil: perguntar como o jovem acaba se identificando com o traficante mais violento da comunidade. Notou-se que não é apenas uma questão de medo, “vai lá, toma essa arma, você vai ser obrigado a proteger a favela”. Não, é uma adesão de coração. Em *Cidade de Deus*, mostra-se bem isso: como o sujeito, aderindo de coração, se transforma nestes grupos de extrema anomia, de sensação de não pertencimento, medo, falta de carinho. Lá pelas tantas aparece alguém muito poderoso com essa característica fálica de líder, viril, muito importante, participante desse ambiente de pessoas identificadas ao poder que decidem sobre a vida ou morte. No filme, é interessante que esses personagens, geralmente rapazes jovens, adquirem uma respeitabilidade pela própria violência, e aparecem, então, as cenas das meninas encantadas. Há tanto o elemento viril, fálico, e o encantamento.

Um segundo elemento do processo de radicalização é a aquisição de novos valores, ou seja: aqueles que estavam disponíveis se mostraram totalmente falsos, inacessíveis, simplesmente hipócritas. Vai-se adotar novas normas que dão sentido à vida do sujeito, e que certamente dão uma expressão à revolta que o

sujeito tinha – à sensação de humilhação, de ter sido enganado. O famoso artigo dos anos 80 do psicanalista Hélio Pellegrino, artigo de leitura obrigatória, sobre como se dá o pacto edípico em uma sociedade miserável brasileira é mais atual do que nunca. *Pacto Edípico e Pacto Social*, de 1983: um artigo de 42 anos que fala da realidade brasileira, e que fala de uma coisa muito importante para entendermos esse tipo de fenômeno. Porém, antes de entrarmos no artigo, apenas um último tópico, pois falei que há três tópicos no processo de radicalização: identificação e pertencimento, aquisição de novos valores e vulnerabilidade juvenil. São jovens em busca de identidade e especialmente suscetíveis a esse processo. O sujeito está lá na adolescência, perdido, tentando se encontrar, e isso é importante de se ter em mente. Vejam como isso está ancorado no laço social, e o artigo do Pellegrino coloca esse ponto em destaque. O artigo do Hélio Pellegrino diz, em suma, que no processo de alienação ao laço social – não usa esses termos, não era lacanianiano – o sujeito adere ao laço social, pela via edípica, através de um pacto.

Claro, num primeiro momento, é como Lacan dizia, não é propriamente uma opção que o sujeito tem, ele está lá com “ou a bolsa, ou a vida”, vocês lembram do Seminário XI. “Ou você adere ao pacto social, adere ao Édipo, ou acabo com você”. Então, esse é o aspecto radical, digamos, do qual Lacan falará nesse processo de alienação. “Eu vou me deixar colonizar pelo outro”, esse é o primeiro aspecto que a gente tem que ter em mente, o processo de construção subjetiva tem a ver com uma alienação, sermos moldados por dentro. Lacan destaca isso, é uma questão de vida ou morte: ou se adere a isso, ou se está ferrado. Em Freud, as coisas não são bem assim: há alienação, mas Freud dirá que não há alienação, não há colonização pelo outro, se anteriormente não houver um “sim”, uma primeira afirmação. É preciso

que o sujeito tenha dito sim ao “e aí? Topa entrar no laço social ou não?”. É preciso que haja uma *Bejahung*. Em *Die Verneinung*, A Denegação – artigo que aparece duas vezes nos *Escritos*, na ocasião do debate entre Lacan e Hippolyte – Freud diz que nada se instala na consciência sem ser precedido por um processo de aceitação. É por isso que vários freudianos farão uma teoria da sedução: como é que o outro vai seduzir o bebê humano, o pequeno humano, a se deixar colonizar?

Isso também é importante para pensarmos as pautas contemporâneas – que são muito importantes – que têm uma grande tensão em torno da questão da colonização e decolonização. Desde o período das afasias, Freud dizia que um aparelho de linguagem, um aparelho de fala, um *Spracheapparat*, só se constitui como tal num sujeito singular quando exposto ao *Spracheapparate* dos outros. Ele está fazendo um livro neurológico no qual ele explica que o bebê humano nasce com os apetrechos neurológicos para falar – sem os apetrechos neurológicos, ele não fala. Mas, só isso não é suficiente para que ele fale, porque ele tem que ser programado. Assim, com essa potencialidade neurológica, qualquer bebê humano pode vir a ser um falante nativo de qualquer língua humana, qualquer língua pode vir a ser sua língua materna. Mas, uma vez feito essa impregnação, já era: a língua materna torna-se então esta ou aquela, e todas as demais vão estar, a partir daí, numa relação dialética com essa programação fundamental. Porém, não é aprender apenas “o código do português”, não é apenas isso: a criança pega o pacote simbólico todo, e Freud desenvolverá isso extensamente no *Eu e o Isso*.

Aliás, eu recomendo vivamente, a quem se interessar por esse tipo de questão, que releia o *Eu e o Isso* à luz disso que estamos discutindo. Vocês lembram que a questão principal do *Eu e o Isso*

é que Freud quer demonstrar – contra ele mesmo – que ele estava equivocado, que a sua teoria estava errada, ou mesmo incompleta, no que diz respeito à constituição do Eu. Ele achava, até o *Além do Princípio de Prazer*, mas principalmente nesse artigo, que o Inconsciente correspondia ao inconscientizado: era aquilo que foi recalcado. Todo o inconsciente, em algum momento, foi recalcado, era um *Das Unbewusste*, e o *Unbewusste* tinha sido um inconscientizado. No *Eu e o Isso*, Freud quer demonstrar que existe uma dimensão do Inconsciente – a maior de todas – que não foi recalcada: nunca foi consciente. Esse tema vai ser um tema recorrente no seu pensamento, radicalizando-se cada vez mais. Vamos pegar um exemplo freudiano através de um salto: estamos no *Eu e o Isso*, mas vamos para o último texto do Freud, seu último grande livro: *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Se houve alguém que pertenceu à “desconstrução”, esse alguém foi Freud, pois não deixou pedra sobre pedra nem em relação à sua própria tradição de origem. Um judeu sem deus, pega uma das figuras centrais do seu imaginário, Moisés – Freud foi obcecado por Moisés: toda essa história de que ele não poderia ir a Roma sem visitar o Moisés do Michelangelo –, e a desconstrói por inteiro. Moisés não era judeu, era egípcio; não era um, era dois; não era divino, era um homem. E o que ele vai dizer é o seguinte: o Inconsciente não-recalcado é o que recebemos do outro. Por exemplo: já nos primeiros contatos, a mamãe do sujeito que nasceu numa matriz judaico-cristã não vai tocar no seu corpinho, nos seus bracinhos, da mesma maneira que ela vai lavar seus genitais. Ela não vai expressar afeto, certos tipos de afeto, quando ele estiver com a boca no bico do peito. Há algumas mães que poderão ficar até mesmo angustiadas com isso, e, principalmente, excitadas. Mesmo não sabendo de nada, a criança está sendo moldada com isso.

A criança é, então, colonizada pelo outro, moldada por dentro com o pacote que vai com a língua materna do outro, com sistemas de visão de mundo, moral, comportamentos, hábitos – tudo aquilo que Freud chamará de tradição. No livro *O homem Moisés e a religião monoteísta*, há um capítulo sobre a tradição – releiam esse capítulo. A tradição molda você por dentro, nunca foi consciente, e você funciona a partir disso, a partir da língua materna. Nada nos é mais íntimo do que a língua materna, mas nós não criamos a língua materna. Como o nome já diz, é a língua da mãe, e ainda que numa certa margem eu possa me apropriar de uma nova, eu fui moldado na alma, todavia, pela língua materna. É por isso que Lacan dirá que o Inconsciente é o discurso do Outro – é uma leitura derivada de Freud, que em 1923 se deu conta disso e quis então dizer: “o Inconsciente é o discurso do Outro”. Hoje, por exemplo, temos uma pauta muito importante, decisiva em nossos debates, sobre o racismo estrutural. O que quer dizer racismo estrutural? Viemos de uma sociedade escravocrata – no Brasil, mais ainda, foram mais de 350 anos de escravidão, uma história que, vergonhosamente, nós não conhecemos. Quando investigamos mais profundamente o que foi a história da escravidão, encontramos uma história horrorosa da qual temos apenas uma pálida ideia. É uma história muita indigesta, da qual é preciso ter *guts* para ver do que somos feitos. Você está lá, falando, falando e falando, e lá pelas tantas você pode dizer algo ou sonhar com algo de uma brutalidade racista na qual você não se reconhece: “puts, foi eu quem disse isso, brotou de mim”, do fundo do coração; foi um lapso, uma brincadeira, um sonho, uma formação do inconsciente. Tenho que reconhecer que veio de mim, dessa matriz da qual fui feito, e eu nem sabia.

Ouvinte: É a tradição.

É da tradição. Então, vocês veem, esse processo de decolonização é eterno, porque ele faz parte da nossa matriz. Essas coisas estão todas lá em nós. Mas estou dizendo tudo isso para tentar esclarecer o nosso tema aqui. Voltemos ao Hélio Pellegrino: Freud tomava como absoluto que havia uma única maneira fundamental de se entrar no laço social, que é através do Complexo de Édipo. Essa posição freudiana foi criticada por vários interlocutores de dentro e fora da Psicanálise. Enquanto Freud escrevia *Totem e Tabu*, achando a universalidade do Complexo de Édipo, Malinowski, praticamente no mesmo ano, publica seus estudos sobre os trobriandeses na Oceania, questionando essa universalidade. Quando Lacan entra no debate, fazendo um retorno ao Freud, ele tenta depurar o freudismo dessas coisas que eram muito datadas em Freud – por exemplo, que a função paterna dependesse do pai na vida concreta – através de seu contato com Lévi-Strauss e a antropologia estrutural, que trabalha as estruturas elementares do parentesco. Lévi-Strauss fez, em grande medida, sua teoria baseada em nós, nas etnias indígenas brasileiras, quando era professor da USP. Ele vai encontrar nas populações indígenas estruturas de parentesco que não correspondem à universalidade freudiana que supõe um pai central. Havia grupos indígenas cuja estrutura de parentesco não correspondia às existentes em outras sociedades – como naquelas em que, por exemplo, “o pai é quem cria”. Nesses grupos, a mulher poderia ter relações com qualquer membro do grupo e, caso engravidasse, quem exerceria a função paterna seria, em primeiro lugar, seu irmão. Se ela tivesse vários irmãos, a função paterna seria exercida pelo irmão mais velho. Lévi-Strauss então disse: Freud errou, pois há formas de organização da matriz simbólica fundamental que orientarão, por exemplo, a distinção dos papéis sexuais numa via diferente da dita por Freud. Porém, se

Freud erra na descrição, ele acerta na estrutura, pois alguém irá exercer uma função paterna, o que para Lacan resolve o nosso problema. Não há uma única maneira de se organizar o parentesco; mas, estruturalmente, há funções que são necessárias para estruturar um parentesco.

Desde *Totem e Tabu*, há para Freud um processo de humanização que se dá no interior do núcleo familiar. Freud concebia que Viena era uma amostra representativa do mundo inteiro, e ele achava que tudo se dava numa família nuclear, patriarcal, numa concepção ocidental que se inscrevia numa tradição vertical. Essa família se organizava por meio de sua inserção numa longa tradição iniciada no mito de *Totem e Tabu*, o qual tem a ver com o assassinato do pai e colocação no seu lugar de uma lei de parentesco, e não apenas de parentesco, mas também de organização social: uma parte legislativa e uma parte de tabu, um recalcado compartilhado. Todos devem então fingir coletivamente que nunca desejaram sua mãe, nunca tiveram desejos pedófilos ou infanticidas – todos são puros. Há uma frase da Clarice Lispector, enquanto ela conta a história da Macabeia, na *Hora da Estrela*. Ela descreve um negócio terrível na vida da Macabeia, e o narrador – Rodrigo S.M. – se dirige então diretamente ao seu leitor: “e você, leitor, sabe muito bem do que estou falando, só que está se fazendo de louco”. Clarice também disse: o que nos mantém em sociedade é nossa recusa compartilhada de ver as coisas.

Viver em sociedade não é somente a parte positiva, contratualista, como há em Hobbes, que montará o sistema social e jurídico contemporâneo de como faremos contratos para vivermos juntos. Há também a parte negativa do contrato, e sobre isso, com sua leitura psicanalítica do tabu, Freud nos diz: temos uma *Urverdrängung*, um recalque fundamental que funda todos

os outros recalques. É um dos conceitos mais difíceis, mas mais importantes do Freud. Estamos em sociedade, e o que vamos combinar? Que ficaremos igualmente cegos. Não combinaremos apenas o que fazer: há muitas coisas que não vamos tocar, vamos dar de louco, vamos ser, como diz a Clarice, os inocentes fundamentais.

O que Hélio Pellegrino vai dizer? Certo, é “a bolsa ou a vida”: vamos entrar nesse negócio aqui, vamos subjetivar e existir segundo essa pauta da tradição que tem um buraco no meio – com o Lacan, não é apenas um processo de alienação, é alienação *e* separação. A separação não é apenas um corte que é instituído; ela é, principalmente, a existência de um buraco na linguagem. Eu me dirijo à linguagem, à qual me deixei alienar; estou aqui constituído, moldado, pelo discurso do Outro, pela tradição; mas, já que o outro me colonizou e vou entrar nessa vida, quero então saber: de onde a gente veio, o que a gente está fazendo aqui, e para onde a gente vai? O Outro, porém, não tem a resposta, nem eu e tampouco ele a tem, e é isso que quer dizer a separação quando Lacan coloca aqueles dois círculos com um buraco no meio: ambos não sabem. Na alienação, o programa que eu instalo – a tradição, a linguagem, os costumes, o simbólico – tem um buraco essencial. Para Lacan, isso vai nos dar uma margem, pois, estando alienado no Outro, não estamos totalmente alienados, dado que nem eu, nem ele tem a resposta para essas questões fundamentais. Lacan bota no centro desse buraco, justamente, o objeto *a*.

No centro tem um buraco, e há alguma coisa ali que eu preciso descobrir, que preciso devorar, e essa é a ideia do objeto *a* no centro desse buraco. Voltemos ao Pellegrino: eu topo entrar nesse jogo esburacado, mas terei uma contrapartida: todos jogarão o jogo juntos, e eu terei ao menos uma ideia, uma alienação

de como posso ter uma satisfação desiderativa – de como terei, por exemplo, uma forma de realização na diferença sexual, na estrutura do parentesco. Como poderei, cedendo tanto, me deixar assujeitar – me deixei assujeitar pelo Outro, pelo campo simbólico, pela tradição – e ter uma contrapartida? Isto é, ter um vetor de realização desiderativa, legítima, e algum reconhecimento nesse laço social. Ora, o que acontece quando o Outro não cumpre com a sua parte do acordo? Pede-se que se faça um monte de coisas; há um monte delas que não posso fazer; há mesmo coisas que não posso nem pensar, nem tocar, preciso dar de louco... “Pede um monte de coisas, e às vezes fico na miséria; o cara não me dá nem reconhecimento, nem caminho... Ah, dane-se!”: chuta-se o pau da barraca.

É o que o artigo do Pellegrino diz: nossa condição, há 40 anos atrás, é a de termos um pacto social que vale somente para alguns, e esses que ficam de fora, num certo momento, legitimamente irão chutar o pau da barraca. “Me obrigam esse monte de coisa, vocês me assujeitam, me escravizam: tô fora”. Há uma revolta legítima. Se tudo estivesse bem, no centro estava um buraco: a coisa não é muito alvissareira. Porém, tampouco há isso. É preciso que seja periférico, rebaixado, humilhado, sem via de saída, e sem reconhecimento de diferença sexual. Notam a matriz explosiva nisso?

Ouvinte: É isso que Lessa faz? Chutar o pau da barraca?

Eu diria que o que ele faz é propor uma socialização alternativa que chuta o pau da barraca. Em qual sentido? No sentido de um plano B de socialização. Esse plano B funciona, num primeiro momento, como panela. Só é possível que funcione como panela, porque se você abre a panela, aí ela se difunde e entra na dialética. Uma das manipulações atualmente existentes nas redes sociais é a possibilidade de formação de clusters ideológicos, simbólicos:

há um grupo sendo sempre realimentado nas convicções que já tem ou nos ideais que deseja. O que é difícil é furar a bolha, com diz a expressão. Como é que se consegue furar a bolha? Pois isso funciona enquanto bolha, mas a bolha funciona – do meu ponto de vista, acho que o Pellegrino explica bem – porque há um mal-estar na civilização, que não é apenas um ônus que a gente paga para a civilização em geral: a civilização não dá o que me prometeu. Pede-se um sacrifício de assujeitamento e não dá a contraparte. No caso do Lessa, há uma promessa, uma oferta de contraparte: oferece-se, primeiro, um ideal, há lá o Hitler baiano; é preciso que haja essa característica bem pulsional mesmo, bem de objeto *a*; tem que funcionar com voz: “é para lá que nós vamos atacar”. Funciona mais pela convicção da enunciação – pela voz – do que pelo conteúdo.

Ouvinte: Poder-se-ia dizer que é uma lógica feudal? Virtual?

Há uma dimensão feudal, com certeza. Então, como vocês podem ver em nossos debates políticos atuais: pode-se falar a coisa mais absurda que for, mas é preciso que se fale com convicção, é preciso que se incorpore esse papel de convicção, de líder. É algo muito lacaniano: a liderança não se dá pelo conteúdo, mas primeiramente pela presença e pela voz. Falar com fervor, “com som e fúria” – como dizia Macbeth: a vida é uma peça encenada por um ator louco, cheia de som e fúria, mas que não significa nada. Mas é preciso que o som e a fúria se apresentem como tendo sentido, podendo-se assim se dizer qualquer absurdo. Em especial, há uma cultura esfacelada do ponto de vista de propostas de laço social dignas de adesão. Então, vocês podem ver, funciona mais no sentido ideal do que propriamente de conteúdo. O conteúdo pode ser qualquer um. Posso ser um pardo, como todo brasileiro, e ser um supremacista branco: vida que segue. E há adesão, sim? Seiscentos moleques entraram num negócio cuja

proposta é fazer com que as pessoas se matem, vejam pornografia e sacrifiquem animais. Há um gozo nisso, e não é apenas um gozo sádico, é um acerto de contas.

Se a gente perde essa dimensão desse acerto de contas, acho que não teremos condições nem de escutar, nem de propor algo alternativo. Pois, numa certa dimensão, tem-se toda a razão, entendem? Numa certa dimensão, somos levados à pergunta: como isso não explodiu antes? Essa coisa de “há algo que pode explodir” subsiste o tempo todo. Na nossa tradição escravocrata, quando os portugueses chegaram para colonizar o Brasil, não havia mão-de-obra suficiente para se fazer a invasão, e era preciso, então, que houvesse escravos. Tentaram primeiro com os indígenas, mas foi mais difícil, e era mais barato importar escravos negros. Foram 350 anos assim. Houve momentos em que as cidades eram habitadas por um número muito maior de escravos do que de senhores brancos, as fazendas tinham muito mais escravos do que senhores. A gente foi civilizado assim: o cara estava na sua vida africana, era pego à força, comercializado nos postos de troca, na costa do Benim, Moçambique, Uganda; vinha para cá, levado para uma fazenda de cana no interior de Pernambuco, Alagoas, onde havia duzentos escravizados em senzalas e uns dez brancos... Imaginem como eram as noites dessa gente, esses senhores brancos, pois, se esses caras se revoltassem, já era. E as cidades eram assim. Faz parte de um sistema tão injusto, para poder se manter, ter que exercer uma pressão ideológica. Jesus é quem tem as costas mais largas para fazer esse anteparo, e eu diria que isso é presente na cultura brasileira até hoje. O dia do grande acerto de contas, o dia em que o escravidão – em vários níveis – resolver realizar seu acerto de contas: acabou.

Ouvinte: É uma revolta a essa subserviência que se instalou.

Uma subserviência injusta, não é?

Ouvinte: Sim. Pode-se pensar nas questões femininas nas culturas. Como acontece a entrada desse poder concentrado em poucos... Quer dizer: é a não movimentação do falo.

Colocar que a pauta é fállica já coloca, por si só, um problema. É o tema do filme da adolescência: como acontece que na cultura contemporânea um moleque inglês seja um *incel*, um celibatário voluntário? Na sua cabeça, para ser reconhecido virilmente, ele precisa possuir uma certa mostra fállica, mas ele não vê meios de ter acesso a essa representação senão esfaqueando a menina que o rejeitou aos olhos da sua comunidade *incel*. É algo que a comunidade dele vai ver e aplaudir.

Ouvinte: Pode-se pensar que sim, todos entramos nessa função fállica. A questão é: esses que procuram esse lugar, mas ficam preso a isso, como se fosse apenas o que interessa.

Como se não houvesse outra coisa. Mas, principalmente nesse grupo, são pessoas que se veem totalmente sem acesso ao reconhecimento fállico. Há apenas uma maneira de se fazer reconhecer: sendo bem poderoso, como é o Hitler brasileiro, campeão de Jiu-Jitsu, militar, todos os traços fállicos – fala grosso, manda, não é? “Não posso me fazer reconhecer sendo rico, branco, elite. Vou me fazer reconhecer *nesse grupo*: vamos matar essa mulherada que não nos reconhece, elas vão ver agora com quem estão lidando”. Então, é como se se reorganizassem; como se, ao mesmo tempo, houvesse uma reivindicação fállica e um grande acerto de contas. No Brasil, o grande acerto de contas paira como uma espécie de fantasma o tempo todo. A hora que esse povo todo pedir para acertar as contas com a elite, não vai sobrar pedra sobre pedra, e tem-se, então, o condomínio com um muro cada vez mais alto e com seguranças cada vez mais armados. Há uma música do Geraldo Vandré, do tempo dos festivais...

a mais conhecida é *Para Não Dizer que Não Falei de Flores*, mas há uma outra – que não sei como foi permitida que ele cantasse, em 1976, no auge da ditadura, no AI5 –, chamada Aroeira. Ele fala assim: “E o dono senhor de tudo / Sentado mandando dar”, e também fala: “Mas o dia já vem vindo / que esse dia há de chegar / É a volta do cipó de aroeira / No lombo de quem mandou dar”.

Ouvinte: Pensando sobre isso, na revolta dos escravos. Os membros dessa panela se reconheciam como escravos? Penso, por exemplo, como essa panela não explodiu? Como esse acerto de contas é suspenso?

Na verdade, ela explodiu várias vezes, é que a nossa história oficial apagou isso. Houve várias revoltas, a “volta do cipó de aroeira” pairava o tempo todo. Houve a famosa revolução do Haiti, a revolução de São Domingos. Foi a maior colônia escravagista francesa, a mais rica, porque a economia mundial passava em grande medida pela venda de açúcar. Os franceses haviam se instalado em São Domingos, e 95% da população eram negros escravizados. Disseram: “quer saber? A volta do cipó de aroeira é agora”.

Ouvinte: Esse apagamento também é uma forma de poder, sim? Uma forma de enfraquecer esta revolta. Não existir.

São Domingos foi a única revolução de negros escravizados que tomou o poder. Houve uma repercussão no mundo escravagista todo, inclusive no Brasil. Houve um processo muito grande de tanto de aplacamento da sua importância, embora todos falassem a respeito. É quando começam também os processos de recrudescência da opressão, meios de se aplacar seus efeitos, pois existia o medo de que aquilo se espalhasse. Toda a América escravizada, se isso viesse à tona, iria tomar conta de tudo. No Brasil há o famoso quilombo de Palmares, que durou quase 100 anos, mas houve 500 revoltas. Agora está saindo o filme da

revolta dos Malês, que se deu em Salvador. Os Malês eram escravizados islâmicos de um país negro islamizado, um país culto no sentido europeu: eram letrados de cultura islâmica – matemática, astronomia, medicina. Esse escravizado era mais culto do que os seus senhores, que eram analfabetos na maior parte.

De certa maneira, isso faz parte da nossa cultura: qual é o dia da grande revolta? E isso precisa “ser desconstruído” o tempo todo. Há uma outra canção que vocês devem ter em mente, é uma canção de Chico Buarque, chamada Morro Dois Irmãos. Ele fala sobre o Morro dos Dois Irmãos, das favelas no Rio de Janeiro, cuja vista dá direto para a elite branca. Vou pedir que faça a gentileza de ler para nós a letra, mas vou dar um *spoilerzinho*: é alguém olhando sem falar nada, provavelmente o branco rico do Leblon; ele fica vendo o Morro dos Dois Irmãos lotado com aqueles periféricos descendentes de escravizados, humilhados, pobres, e a coisa fica meio silenciosa.

Ouvinte: Dois Irmãos, quando vai alta a madrugada

E a teus pés vão-se encostar os instrumentos

Aprendi a respeitar tua prumada

E desconfiar do teu silêncio

Penso ouvir a pulsação atravessada

Do que foi e o que será noutra existência

É assim como se a rocha dilatada

Fosse uma concentração de tempos

É assim como se o ritmo do nada

Fosse, sim, todos os ritmos por dentro

Ou, então, como uma música parada

Sobre uma montanha em movimento

Dois Irmãos, quando vai alta a madrugada

E a teus pés vão-se encostar os instrumentos

Aprendi a respeitar tua prumada

*E desconfiar do teu silêncio
Penso ouvir a pulsação atravessada
Do que foi e o que será noutra existência
É assim como se a rocha dilatada
Fosse uma concentração de tempos
É assim como se o ritmo do nada
Fosse, sim, todos os ritmos por dentro
Ou, então, como uma música parada
Sobre uma montanha em movimento*

É esse clima sinistro: o que esse povo está fazendo lá? Nessa concentração de tempo? Porque está toda a história lá, toda a história do Brasil está lá. E ele fica mais perturbado na hora que param de tocar os instrumentos, fica o silêncio: e aí, o que esse povo vai fazer? Então, vocês veem, estou pegando a realidade brasileira como pano de fundo do nosso debate sobre como isso funciona nessa dimensão social injusta. Mas o periférico não é apenas o periférico econômico. Claro que o periférico econômico fica numa posição mais vulnerável, pois não lhe é possibilitado, de modo mais significativo, acesso a um reconhecimento de tipo fálico numa sociedade organizada em formas de reconhecimento reunidas num mesmo combo. A falicidade do falo tem a ver com ser desejado, respeitado, poderoso, ter carrão, ter mulher... Então, você tem uma enorme população vulnerável a isso. Porém, há outros, pois esse menino da série *Adolescência* não é propriamente miserável. Claro, seu pai é encanador de uma classe média-baixa, digna, e é inglês. Entretanto, ele tem isso de não se ver validado falicamente, e nessa subcomunidade *incel* da rede social ele tem. “Agora vamos mostrar para essa mulherada que nos humilha quem é que manda aqui. Vocês não querem ser penetradas pelo amor, vamos penetrar na faca. Não topa ser penetrada por bem, vai ser penetrada pelo meu jeito fálico, viril,

com meus amigos me aplaudindo atrás”. No interior da panela, a loucura, digamos, daquilo que pode ser a vida humana – com o que há de louco, cruel e terrível – coloca tudo isso: o que acontece quando a única pauta de reconhecimento existente num ambiente de laço social é uma pauta fálica?

Como é que se mobiliza tudo isso? Bom, já estou falando demais, mas apenas quero concluir como isso vai se colocar no próprio Lacan e na psicanálise lacaniana, assim como nos desafios que temos hoje. O Lacan enquanto leitor de Freud, principalmente até os anos 70, importa, digamos, essa leitura do patriarcado que Freud teve. Freud assume que a civilização se dá no entorno de um pacto social patriarcal. Há o assassinato do pai, e em seu lugar surge o pacto social e os recalques: é a partir dessa coisa vertical. As células de implantação são as famílias nucleares patriarcais, que a antropologia depois recusará e, com Lévi-Strauss, reconhecerá que não é necessariamente assim no núcleo familiar, mas o é, contudo, na estrutura. Não existe, então, homem e mulher no Inconsciente, e o mundo se estrutura assim. Toda essa referência paterna que está no Lacan: Nome-do-pai, função paterna... tudo isso está concentrado em Lacan. O organizador simbólico nesse período em Lacan é a função paterna: o sujeito não fica louco se consegue fazer a metáfora paterna, sim? Isto é, se ele topa jogar o jogo organizado pelo significante Nome-do-Pai, que o inscreve então numa economia simbólica que permite reconhecimentos fálicos. Trocando em miúdos, é uma concepção de que o sujeito no laço social não fica louco porque ele consegue ter essa alienação paterna, fálica.

O sujeito terá, assim, um mapa da mina de como acessar reconhecimentos fálicos, e depois tem uma outra coisa, um outro gozo, que aparecerá no Seminário XX. Mas por que isso aparece? Porque essa noção de que a matriz-base do laço social

se dá pela via paterna, pelos pactos simbólicos do Nome-do-Pai, entra em pane. Já estava no início do século, e Lacan já começa falando dos complexos familiares, da humilhação do pai, do pai humilhado, da decadência da referência paterna – isso já estava em curso. De certa maneira, o que viemos a chamar de pós-modernidade é isso: esse desabamento das nossas referências tradicionais. Acreditou-se nessas coisas que eram pilares do mundo simbólico e social, que tinham uma matriz paterna, fálica, como é a religião cristã. O cristianismo tem três chefes: o Deus Pai, o Filho e o Espírito Santo, mas nenhuma mulher. Entra a Maria lá, mas ela não está no mesmo patamar. Essa matriz judaico-cristã, centralmente paterna, começa a entrar em pane. A partir do final do século XIX já não se acredita mais na autoridade da igreja; não se acredita mais que a única forma de vida é a família nuclear patriarcal; não se acredita, em suma, que a Europa seja a matriz de tudo, e com as duas grandes guerras a Europa entra, enfim, em crise enquanto matriz, zero absoluto da humanidade.

Se vocês leem o Freud com esses olhos, ficarão horrorizados com as coisas que ele diz. Ele usava aquelas matrizes antropológicas do tempo dele – claro, seria um anacronismo criticarmos olhando para trás. Civilização quer dizer o seguinte: Paris e Viena, e os povos não civilizados são medidos pela sua distância cultural em relação a Paris e Viena. Os próprios primitivos, quando deixassem de ser primitivos, evoluíssem – havia então um evolucionismo – passariam a funcionar como Paris e Viena. Eu sempre conto a história do paciente psicopata que o Edouardo Weiss, um discípulo de Freud que introduziu a psicanálise na Itália, encaminha para Freud. Ela se encontra nas correspondências de Freud com o Edouardo Weiss, é a primeira carta. Ele encaminha seu paciente para Freud, um grande psicopata da Itália e um homem cheio da grana, alguém que ele não sabia

mais o que fazer. Ele o orienta que marque uma consulta com Freud para depois discutir com este a melhor maneira de conduzir o caso, e a primeira carta é a resposta de Freud após a avaliação. Freud reconhece que avaliou o paciente, mas conclui que o homem era um caso perdido para o qual não se havia nenhuma esperança de cura. Ele é o caso mais frio, cruel e repugnante de psicopatia que ele havia visto na sua vida, e que não havia nada a ser feito. Recomenda, enfim, que se pegue esse sujeito, coloque-se um pouco de dinheiro no seu bolso, amarre-se ele ao mastro de um navio e envie-se a algum país da América do Sul. Essa foi a recomendação por escrito. Se usarmos a categoria freudiana com o Freud, ele fez um chiste. E o chiste quer dizer o que? Que ele esqueceu de ser hipócrita e falou a verdade.

Ouvinte: No fim, isso aconteceu mesmo.

Nossa colonização foi de degradados, condenados, ferrados sem mais nenhuma esperança em Portugal, ou de novos cristãos obrigados a fugir da península ibérica.

Ouvinte: Nessa lógica de “os escolhidos e os outros”, esses outros que vieram procuraram seus lugares de escolhidos, tentando essa lógica.

Sim. Para concluir, então, sobre como isso se coloca em Lacan. Lacan já reconhecia que a coisa estava desabando, e que não era possível tomá-la como absoluta. Do meu ponto de vista, há uma espécie de *coup de grâce*, uma espécie de golpe mortal, quando, em setembro de 1972, Deleuze e Guattari publicam *O Anti-Édipo*. Deleuze era professor de Nanterre, e seu texto era o resultado dos cursos que ele havia dado sobre o tema: entrem no Youtube e busquem “Deleuze em Nanterre”, vocês o verão em filmagens nos anos 70 falando sobre *O Anti-Édipo*. Havia tanta gente para assisti-lo que era preciso que suas aulas fossem dadas no refeitório – não havia lugar para todo mundo. Vê-se que suas

aulas tinham por foco a psicanálise freudolacaniana mesmo, e o que no fundo elas questionavam era: é para isso que vocês fizeram a psicanálise? Para inscrever todo mundo no registro “papai e mamãe”? O projeto de cura, então, é funcionar dentro da sociedade patriarcal, que só tem duas formas de realização? Eles não deixam pedra sobre pedra, e Deleuze, com aquela *verve* dele, falava de uma forma tranquila, mas brutal... Isso acontecia em Nanterre, onde havia o Departamento de Psicanálise do Lacan. Lacan conhecia o que os japoneses trabalhavam sobre Heidegger; conhecia a escrita chinesa; conhecia o que se debatia nas universidades norte-americanas: não saberia também o que Deleuze vinha falando? Todos sabiam.

Ouvinte: A leitura que o senhor propõe é que a gente perceba esses grupos, essas panelas, como um acerto de contas, algo de uma revolta para eles...

Eu diria que esse é um dos elementos. O elemento que eu chamaria de principal é criar uma subcomunidade em que o reconhecimento é possível.

Ouvinte: Que uma outra forma de laço social seja possível?

Sim. E que ele tenha o reconhecimento nos padrões em que ele acredita ser alijado. “Não tenho reconhecimento, não sou fálico *para eles*. Mas aqui, *para nós*, quem manda sou eu. Aqui na nossa comunidade a gente gosta de quem morre matando criança na escola”.

Ouvinte: Claro, essa é a radicalidade na qual se apresenta. Mas fiquei pensando que, se isso se estende há tantos anos por tudo isso o que o senhor falou – escravidão, colonização –, podemos pensar que haverá uma tendência nos fenômenos de massa também através das redes sociais enquanto não se tem esse acerto de contas, pois temos visto um aumento dessas violências desses

grupos na Deep Web. Para se dismantelar isso, o que mais poderá feito?

Há hoje uma possibilidade que antes não se havia, isto é, de se fazer isso pipocar por todo lado. Há grupos que fazem o sujeito se matar em casa. Aquele grupo que ficou conhecido como Baleia Azul: a pessoa é mais valorizada quanto mais crianças ela induz a se matar. Vocês entendem como isso não deixa de ser uma forma doentia de se fazer reconhecer no registro fálico que lhe é negado de outra forma? Para responder sua questão: o acerto de contas está embutido, mas não é tudo. Adere-se ao reconhecimento fálico que não se tem de outra forma, mas é também um acerto de contas.

Ouvinte: Me parece que a morte perde uma certa importância. Atendo, um adolescente que está começando a se envolver com torcidas organizadas. Ele provoca muitos momentos de tensão na escola, inclusive levando-se a momentos de briga: às vezes é ele contra vinte. Eu pergunto: e se você se machucar? Ele responde: “não dá nada”. Se acontecer algo com sua integridade física? “Não tem problema”. Não existe mais um receio... Penso que o básico da preservação da própria integridade física, algo que percebemos no laço social, não parece estar no discurso dele. Parece-me algo desse lugar...

Uma das coisas que a Psicanálise ainda precisa avançar em relação ao que herdou de Lacan, de Freud e de outros, é que aquilo que Freud escrevia na *Introdução ao Narcisismo* era muito marcado socialmente, historicamente. A criança nasce no lugar de “sua majestade, o bebê” numa família europeia, branca, nuclear, patriarcal, na qual ela será a herdeira de todos os seus narcisismos – “uma vez que não dá para mim, vai dar para ela”. É aí que a criança se vê então deus, “eu sou rei”, e depois ela irá se desiludir, a castração incidindo nisso. Essa é uma matriz, mas

ela não é universal. Que o sujeito se coloque como “nada é mais importante do que eu”, que isso seja a matriz de um narcisismo fundamental, é algo estimulado pelo capitalismo: o que fazer com o meu patrimônio, fazer com que meu filho seja a continuação da minha glória e do meu nome. Isso aparece cada vez mais como algo muito datado, ideológico. E o que fica sem acesso para aqueles cuja instalação no mundo erótico não se faz pela via do “sua majestade, o bebê”? Você é o “tanto faz”, vivo ou morto é a mesma coisa. Um “merda” que não tem nada a nada a perder. Essa matriz diante da qual ele se vê do lado de fora: o legal é ser branco, poderoso, fálico, mas ele se vê periférico e sem via de acesso.

Ouvinte: E as redes sociais fazem muito isso hoje, sim? A pessoa viril, fálica... O carro, a casa o dinheiro, não é? Os adolescentes não trazem isso, uma impotência com uma impossibilidade? Se o outro pode, se todos podem, eu também posso, não é? E isso fomenta, me parece, a abertura para esses grupos.

Uma das coisas é isso: precisamos reler toda a nossa teoria do narcisismo, ver como isso era adaptado, era europeu, e não serve mais para hoje. É uma outra coisa: o sujeito já nasce no lugar do “não tenho nada a perder”. Um filme que trata disso brilhantemente é *Perfume, Grenouille* no francês, que quer dizer sapo. Ele nasce, a mãe dele é uma empregada miserável, abandonada por todos, que engravida, dá à luz a essa criança e a joga no lixo. É quem nasce no lixo e sobrevive, não no lugar de “sua majestade, o bebê”, mas no lixão. Aí vê-se todo um processo de elação que nada tem a ver com isso.

Ouvinte: Mas ali é um caso de psicose, não é? E ela não faz laço com esse bebê, que vai ter que sobreviver como o “bolo de carne”, imitando os outros e construindo o monstro que ele se torna pela via do perfume. Então, no filme, ele não faz laço social

também. Mas o que eu queria pensar com você é o seguinte: anos atrás, quando Charles Melman esteve no Parque Barigui, ele já anunciava essa crise que está acontecendo agora. Naquele tempo, não tínhamos as redes sociais, celulares, essas coisas todas, mas havia um anúncio dessa falência, dessa impossibilidade de se fazer laço social. Ele a chamava de falência paterna, se me lembro bem. Anteriormente a Freud, havia quem dizia: “mesmo na ausência de um pai, um homem sabia o que deveria fazer: manter-se na retidão”. Foi-se construindo ao longo do tempo que um homem tem que saber o que fará na vida, e está muito claro hoje que há uma falência da família, uma desconstrução da família, e que o que constitui ou deve construir a família é a religião, não é? Vemos, por exemplo, esse rapaz, esse caso da internet: ele tenta fazer um laço paterno com prevalência paterna pela via do militarismo, e não funcionou; ele vai até um grupo que ensina jiu-jitsu, uma luta corporal para ele se defender, e não funcionou. Ele se encarna aí dizendo então: “bom, então eu vou ensinar vocês como se defender”. Não falo nem da condição social, nem econômica, nem racial... mas nós, psicanalistas, podemos ouvir um pouco mais adiante, de que há por trás disso uma outra história, que é a familiar. Não tivemos acesso a essa parte e, portanto, não sabemos se houve abuso ou não, se teve um pai, se era psicótico ou psicopata, nós não sabemos disso... Acho que não podemos ficar muito no raso com ele, para ele se autodenominar um exterminador de pessoas, pois é o que Hitler fez – exterminou pessoas brancas, e ele se põe no mesmo patamar como um exterminador de pessoas e faz um exército. Quem dá voz ao exército? A rede social. O que é a rede social? Ele tenta fazer uma função de pai dando voz a todos, dizendo: “você pode”, “você compra”, “você tem”, sim? E nós somos os consumidores da rede social, o tempo todo.

O que você está trazendo é uma coisa que é importante discutirmos. Por quê? Nós não estamos discutindo, e é provável – quase certo – que ele tem todos os traumas dele.

Ouvinte: Com toda certeza.

Com toda certeza, mas a questão não é essa. A questão é, a partir daí, o que acontece? É onde eu queria chegar. Você trouxe Melman: a minha posição não pode ser mais oposta do que a do Melman. O que Melman dizia? Diante da falência do pai é preciso fazer uma coisa conservadora, que é reintroduzir o pai. É a solução da Damares: na hora em que a coisa está desabando, “menino veste azul, menina veste rosa” – reorganizamos o mundo.

Ouvinte: Mas há somente essa forma?

Então, como voltamos atrás? Hoje há um movimento anti-feminista, o *back to the kitchen*. Há *incel* porque a mulher não quis mais ser a mãe, a esposa para cuidar do marido. Vê-se nas redes sociais, chega a dar vergonha alheia: “a mulher precisa ficar dentro de casa, de banho tomado, esperando o marido”. Há redes sociais inteiras da “mulher troféu” para que se mantenha essa estrutura toda: “eu fico em casa, cuido das crianças, sou linda”. O marido é o provedor, e assim minhas crianças não farão o que aquele cara faz.

Ouvinte: É a responsável de salvar a família.

Bom, então a gente tem duas saídas: ou a conservadora, de Melman, “vamos reestabelecer os bons, velhos valores cristãos, patriarcais, de sociedade” – isso já era, acabou, e já estava caindo. Lacan já previa que isso cairia. Lacan tinha jurado que nunca mais falaria do pai; em 1971 ou 1972, Deleuze e Guattari publicam *O Anti-Édipo*; no ano seguinte, em 1973, inicia-se o Seminário *Les non-dupes errent*, e a questão de Lacan então é: como vou contar toda essa história do pai de outra maneira? Com o Seminário XXIII – Seminário do nó borromeano, do

quarto nó, do *sinthome* – o primeiro nome que Lacan dá ao quarto nó é *Nom-du-père*: ele faz papel de *Nom-du-père*. Lacan tenta se libertar disso, mas, ao mesmo tempo, volta. O que ele procura pensar aí? Como podemos fazer uma estabilização que não seja pela via tradicional. Na via tradicional, ela é vertical: ela vem do pai. No *sinthome*, ele faz a solução deleuzeana. É como faremos uma solução mais horizontal: far-se-á uma estabilização rizomática do laço social, na qual o sujeito fará uma solução singular e que contribuirá para o laço social de uma maneira completamente nova, que não tem mais nada a ver com o pai que foi morto no céu. Ele propõe, portanto, um outro tipo de solução, que não é mais a solução patriarcal, da família, da religião – pode ter religião ou não, não é uma solução antirreligiosa –, que acredita que a única maneira de estabilizar a sociedade é com família, “homem é homem”, “mulher é mulher”, “casamento de um homem com uma mulher”. Tem essa solução, mas há outras, e essa é a ideia do *sinthome*.

Ele também dirá, no Seminário XXIV, que o final da análise não é você se identificar com o Inconsciente. Não há coisa que soe mais avessa do que achar que o final da análise é identificar-se com o Inconsciente. O inconsciente é o discurso do Outro, descobrirei a vida inteira o quanto sou racista, cristão, moralista – vou me virar com isso; mas, no final da análise, vou me identificar com o meu *sinthome*. Como é que eu consigo uma solução que é única, singular, que me permite nessa composição de coisas existir de uma maneira minimamente desiderativa, decente, e que traga um aporte ao laço social?

Ouvinte: E que a singularidade consiga transitar no laço social.

E que justamente não se refere mais a essa coisa de que há um bem estabilizador, religioso, familiar. A resposta é oposta. O

que Melman propõe, é a resposta tradicional: é a família nuclear, patriarcal. Se temos que fazer a defesa da psicanálise, teremos que fazer a defesa do conservador: mulher que cozinha, homem provedor, criança que aprende catecismo. Bom, aí não dá – ou dá, e ainda dá no que dá. A ideia que Lacan traz ao final da vida, do meu ponto de vista, é como teremos outras formas de estabilização do próprio sujeito e da criação do laço social que não sejam mais as tradicionais verticais.

Ouvinte: Naquele evento da LEPSI-USP falou-se muito sobre essa nova ordem neoliberal. Eu fiquei pensando: como está sendo implantada a educação a partir das novas políticas já neoliberais? Hoje tudo é baseado em competências, voltamos à questão da meritocracia de uma forma bem acirrada, pensada na competitividade. Nessa condição, o que vejo é o apagamento da singularidade, pois o que vale são as competências – o que volta para essa posição fálica de quem consegue atingir competências. Isso é tão preocupante, porque já vemos isso nas escolas de educação infantil. Atendendo uma criança de 2 anos, perguntei para a mãe se poderia fazer um contato com a escola, ver como estava a situação da criança, e a mãe me traz um relatório da escola com um checklist das competências da criança: já vai ao banheiro sozinha, “favorável ou desfavorável”... havia uns cinco quadradinhos com o checklist das competências que a criança estava adquirindo ou não. E isso está em toda a rede, ensino fundamental, ensino médio, baseado em competências. E o professor está hoje sendo colocado mais na função de gestão de educação do que como um mestre de um suposto saber. Na gestão de conflitos, de avaliação, que também está cada vez mais acirrada... Há uma colega professora, que também dá aula na educação infantil, que me falou sobre o horror de se precisar filmar a avaliação de cada criança durante uma certa leitura ou atividade, para encaminhar o vídeo

à secretaria que então avaliaria. Imagine-se, então, o trabalho que o professores estão tendo nisso, e a criança entra assim num modo de vigilância nesse sistema de avaliação que vem sendo colocado.

Sua reflexão é muito interessante, é importante. No fundo, o que é singularidade hoje? No sistema neoliberal – e aí vai para o mesmo pacote: capitalista, neoliberal e cristão, principalmente protestante. Como reconheceu Max Weber, o capitalismo e a religião protestante. Todos têm a mesma lógica, são lógicas de singularidade. Você vai para o céu sozinho, vai para o inferno sozinho; você se realiza sozinho, você fracassa sozinho; deus elege *você*, e a sua riqueza material é sinal de que se é um eleito. Nenhum de nós se salva por mérito, somos salvos pela graça. Deus escolhe sem que saibamos o porquê: o grande deus, no seu tédio universal, resolveu fazer um videogame para se distrair: somos nós. É o destino escolhido por deus. Essa proximidade da religião protestante com o capitalismo é falada por Weber.

No capitalismo você precisa ser muito singular. Você não pode ter grupo, porque grupo fica “perto do Haiti”. Esses “escravos”, esse “pessoal da Senzala”, não podem ter sensação de consciência de classe, uma vivência comunitária. Tenho certeza que hoje, se você cair aqui no centro de Curitiba num infarto, você pode morrer na rua porque o cara ao lado vai cuidar da vida dele. Todos somos singulares: “estou cuidando da minha vida, vou meter a mão nesse aqui, se o cara morre ainda vou ter que responder”; “eu tenho mais o que fazer”. É diferente, por exemplo, estudando comunidades, tanto africanas quanto indígenas-brasileiras, como não há essa família nuclear patriarcal, e há educações comunitárias. A criança não era cuidada especificamente pela mãe, ela é criada pela comunidade. Há um vídeo no qual um pesquisador de cultura negra afro-brasileira, um grande intelectual, conta que na infância dele, proveniente de

comunidades negras do interior do Rio de Janeiro, enquanto passava na rua todo mundo lhe perguntava: você já comeu? Tá na hora da escola? Todo mundo se metia na educação dele. A coisa não era concebida como uma atividade de pai e mãe para criar um cidadão que vai ser feliz por si mesmo, não era isso. Em primeiro lugar, você terá o sentimento comunitário e, depois, o sentimento individual – é uma outra forma de subjetivação. O cristianismo no seu início era comunitário: uma igreja, uma *eclé-sia*, uma comunidade, e vai virar, ao longo da sua história, essa coisa de “o principal é a minha salvação individual”. É o salve-se quem puder.

No neocapitalismo é mais radical ainda, pois você não apenas sobrevive, você não é mais um trabalhador, você é um empresário de si mesmo. Você não está trabalhando para o Uber, você está se liberizando. O Uber e o Ifood permitem que você seja um autônomo, mas se você se quebrar com sua moto, o problema é seu; se você morrer, o problema é seu. Você fica com uma fração mínima do que você gera, o resto é “o que a gente precisa”. É um pacto: somos “nós e os nossos colaboradores”. Não há mais trabalhador de empresa, há colaborador. No Brasil, se a gente terminar com isso, teremos uma crise no sistema de doação de órgãos, será uma crise séria, pois o Brasil é um dos países onde há mais fornecimento de rim de jovens. São “jovens empreendedores de si mesmos”, que vão até doar os próprios rins. É um negócio que, no fundo, é em nome da singularidade, mas que não tem laço social.

Ouvinte: Mas é essa singularidade que não faz laço. Uma das formas dos jovens se xingarem é dizendo “você é CLT”. Ou seja, é melhor “ser motoboy” do que se trabalhar num bem comum.

Acho que você traduz bem a questão: tem-se a singularidade como um valor separado da civilização. É eu e eu, e a sociedade

é um acúmulo de eus individualizados, não é propriamente um laço social. Não posso então contar com o outro, e preciso ter um muro alto, cerca elétrica, *dobermann* dentro de casa...

Para concluir: o que Lacan faz no final do seu percurso, aquilo que ele considerava – seguindo Freud – que só haveria uma forma de constituir o laço social, que é a forma da tradição vertical paterna, ele passa a pensar que pode haver outras formas de estabilizar o laço social que não seriam desse tipo. E o que vemos, então? Vemos essa patologia da transição. Sairia de graça mudarmos, em 80 anos, talvez menos, um sistema que era totalmente vertical, patriarcal, por algo que agora é laço, é rizoma? Temos então patologias completamente diferentes daquelas que Freud teve, e Freud mesmo já estava numa época de declínio, no final da sociedade vitoriana. Ele ainda viu as histéricas, que eram um declínio disso: “mulher é para estar em casa”, “a sexualidade dela é para reproduzir”, “ela se realiza em ser uma boa mãe de família”, uma boa pianista, com seus bordados, uma dama na sociedade, e tudo mais. E o homem tem a dupla moral: o provedor, o político, o homem do poder das decisões. E há a tolerância para que ele tenha uma vida paralela, tanto que as casas de tolerância têm esse nome porque tolerava-se que o homem fosse assim. Essa coisa hipócrita se manteve e dava estabilidade, uma certa forma de estabilidade – o mal-estar estava lá também, a psicanálise começa nesse mal-estar, com essas histéricas que não tinham um lugar para se resolver. Era uma epidemia. Essas coisas que só vemos em pronto-socorro, um grande ataque histérico... Eu só vi no pronto-socorro, e geralmente era a mesma pessoa. Qual tipo vai ao pronto-socorro? As meninas dessas religiões muito controladoras da sexualidade e que chegam como as histéricas de Freud, pois estavam submetidas ao mesmo tipo de instalação no laço social: uma mulher pura, virgem, santa, sem

sexualidade. Chegam com arco histórico, coisa que no tempo do Freud era generalizado.

Ouvinte: É o que está traduzido em crise de ansiedade. É o que vejo nas escolas: todo dia há uma adolescente ou jovem com crise de ansiedade. Alguns ataques históricos que, quando se averigua, são de pessoas de alguma religião. Tem aparecido mesmo isso.

Tem ainda esses resquícios. Mas temos também a crise aí dessa desorganização. Pois não é que tenhamos saído de um sistema bem montado: esse sistema já não estava dando mais. Partimos para um mundo – como o famoso livro do Berman, que usa a frase do Marx e do Engels – em que tudo que é sólido desmancha no ar. Por isso que aconteceu muito rápido. Havia a solidez dessa organização, mas ela desabou por ela mesma – não teve revolução. E o *sinthome*, o *rhizome*, uma sociedade mais horizontal, é um projeto, mas que não está constituído. Então, o que temos hoje é a patologia disso: estados-limite, transtornos alimentares, essas depressões crônicas, as dependências químicas maciças. São mais sintomas desse caos que ficou, pois o que a gente tinha desabou, e não conseguimos nem colocar uma nova coisa no lugar, nem a proposta de reconstruir o bom e velho passado da Terra.

Ouvinte: Mas então este seria o desafio? Construir um laço social que mantenha o pacto civilizatório, que não seja nem pela via da repressão e nem pela via da violência?

É um desafio e tanto, não é? Pois não é simplesmente um desafio neutro, é um desafio político, econômico. Como se faz? A gente critica, mas considere-se um entregador que faz entrega para o Ifood, ou um motorista de Uber: qual seria o plano B para ele hoje? Atualmente, o que há cada vez mais são sujeitos que têm trabalhos vis. Há um ou dois anos atrás, Elon Musk, com toda a sua loucura, queria lançar um movimento em que

os grandes países, as grandes fortunas, teriam que fazer uma reserva de fundos para sustentar os inúteis da sociedade. E os inúteis da sociedade vão ser cada vez maiores, há cada vez mais gente que o sistema não consegue prover mais nada. E o Elon Musk diz assim: com o aumento da tecnologia, cada vez mais as máquinas farão o trabalho que foi dos trabalhadores. Portanto, não será preciso mais mão-de-obra. Se antes se sobrevivia vendendo sua mão-de-obra, agora não haverá mais necessidade de mão-de-obra: viver-se-á necessariamente de caridade. E isso não vai diminuir, vai aumentar.

Ouvinte: Há outro lado também, não é? Um assistencialismo governamental em que as pessoas não querem trabalhar, não querem se instruir.

A questão é: se isso não se modificar, cada vez mais haverá pessoas que não terão lugar de reconhecimento. Nem de subsistência, nem de reconhecimento. Portanto, não é à toa que o sujeito só se faz reconhecer dentro de uma panela, e uma panela cheia de revolta. É o que podemos ver: uma concentração de renda cada vez maior; um mal-estar cada vez maior; uma frustração de não se poder participar da “farra dos fálcos”. E qual é o vetor? Ele avança na direção do piorar. A escravidão no Brasil e no mundo não terminou pela bondade dos brancos ou com a “conscientização”: ela termina no momento em que surge a Revolução Industrial, pois se torna então mais barato se ter uma máquina à vapor. Quando não se precisa mais dessa mão-de-obra, aí é possível então que se seja humano: “coitado dos escravizados”. A Inglaterra, que mais comercializou escravos no mundo, fica de campeã da moral, mas não devolveu o dinheiro para ninguém.

Ouvinte: Lembrei esses dias que quando era adolescente, eu imaginava o que aconteceria se os africanos comessem a subir para a Europa.

Mas já está acontecendo...

Ouvinte: Sim, foram tirados de suas riquezas. Mas imaginava isso há 40 anos atrás. E como isso não tem como ser diferente, é o caos.

É o Morro dos Dois Irmãos, do Chico Buarque: “nossa, tá cheio desse pessoal, tem um clima terrível, estão todos em silêncio, o que vai acontecer?”

Ouvinte: Vou buscar no Louvre a minha riqueza (risos).

Falando-se sobre se buscar no Louvre a minha riqueza, vocês assistiram ao documentário *Dahomey*? Recomendei no meu laboratório na UNICAMP que o assistissem, é um documentário em que o governo francês concede devolver acredito que 24 peças que no período da invasão – chamada de colonização francesa no *Dahomey* – foram surrupiadas e estavam lá nos museus. O documentário conta a história da devolução dessas 24 peças, e ganhou o leão de ouro em Berlin no ano passado. O governo francês faz esse “ato de grandeza” de devolver 24 das “2500 e poucas” que eles têm guardadas. Eles levaram a mão grande no processo civilizatório.

Ouvinte: O processo civilizatório foi extremamente violento. Não tem como haver outra saída a essa questão.

Em primeiro lugar, ele foi feito em nome de deus. Quando os portugueses vinham para cá, não o faziam tanto para trazer civilização, mas salvação. Toda a questão do catecismo era converter esses índios perdidos. Aqui no Paraná, o que foram as missões? Dava-se a justificativa moral de se invadir um país inteiro, uma região inteira, para levar a salvação.

Ouvinte: Já não estamos mais no mesmo lugar quando é possível falar que não é colonização, é invasão. Acho que é uma forma de não se ficar no mesmo lugar.

A gente não conhece essa história. Primeiro, isso é justificado religiosamente e, depois, cientificamente. Toda a questão do racismo científico... Por que há raças inferiores? Por que é preciso colonizar? Por que é preciso ensinar esse povo racialmente inferior? Esses são os que chegam aos nossos consultórios, veem desse cadinho incandescente. Nós mesmos não somos neutros: somos frutos de classes sociais, de questões racializadas, de gênero, de tomadas de posição em relação ao que é um processo civilizatório...

Ouvinte: O que nos deixa advertidos disso do qual estamos impregnados é o trabalho de análise de cada um, para poder escutar-se.

E esse trabalho que a gente faz em termos comunidade analítica, não é? Se ficarmos apenas repetindo as fórmulas psicanalíticas de sempre, vamos fazer a nossa panela. Agora eu quero perguntar para vocês: está dando certo essa fórmula? Deem uma olhada no movimento psicanalítico... A psicanálise está morrendo aos nossos olhos, e a gente não consegue se renovar.

Ouvinte: Ou a gente se reinventa.

Ou a gente se reinventa e consegue estar à altura do laço social do nosso tempo, ou vamos morrer. No Brasil, há essa coisa que agora todo mundo é psicanalista, como se isso fosse um grande progresso da Psicanálise. Olhando nos outros países, não há mais psicanalistas, não há mais psicanálise. A França está numa decadência terrível; na Inglaterra praticamente não existe; nos Estados Unidos é objeto de risada... Há a Argentina; há nós; a França é aquela coisa decadente; alguns da Espanha...

Às vezes, a Psicanálise se coloca como se Lacan fosse o fim da história. Eu sou, entre outras coisas, professor universitário, e participei de centenas de bancas de teses de Psicanálise. Só de doutorado, tenho 30 anos de doutor, e posso dizer que participei

de centenas. O que é uma tese lacaniana em 99% dos casos? A tese lacaniana sempre chega à inevitável conclusão de que Lacan tinha razão. É como piada de gaúcho: sabe-se onde ela vai chegar, só não se sabe por quais meios ela chegará lá – sou gaúcho, posso fazer uma piada disso. Tese lacaniana é a mesma coisa: “como é que Lacan tinha razão em tudo”. Não há uma tese reconhecendo que “aqui ele não leu”, “aqui estava errado”, “aqui foi insuficiente”. Se fosse uma tese honesta, na primeira página estaria dito o seguinte: “esta tese, que tem 250 páginas, chega à conclusão de que Lacan tinha razão em tudo. Portanto, não perca seu tempo me lendo: procure esse tema no Lacan, você o terá melhor instruído lendo lá”. Direto ao ponto. É uma subserviência absoluta, e depois dizemos que os outros que são.

Ouvinte: Por isso que eu gosto do trabalho do Goldenberg: Desler Lacan.

É muito importante, não é? Isso não quer dizer desprezar Lacan. Lacan dizia: *on peut se passer du père à condition de s'en servir*, a gente pode passar do pai com a condição de que, nesse processo, a gente se sirva dele. Eu acho que ele tem toda razão, e deveríamos fazer isso com o Lacan.

Ouvinte: Fechou a tese então? (risos)

É para se poder terminar a tese! Poupar-se do desgosto de se ter a tese reprovada, pois a banca ainda o reprova caso você mostre que há algo de errado no Lacan. No fundo, o cara faz uma tese que ele próprio desconfia, mas ele faz para não ter problema: “como faço um argumento que não me fará ao fim tomar um pau, e a pessoa me apreciar?” Fazemos igual a essas comunidades, achamos que as panelas são os outros. Acho que você lembrou super bem: *Desler Lacan*, respeitando Lacan. É Freud com Goethe: aquilo que herdastes dos teus pais, conquiste-o para fazê-lo teu.

Ouvinte: O Recalcati fala disso, no Complexo de Telêmaco. É um livro do Massimo Recalcati no qual ele fala do caso do Édipo, do anti-Édipo, e do complexo de Telêmaco. O Telêmaco conquistou a herança. A herança pode chegar, mas você tem que conquistá-la ainda. Você tem que refazer a história para fazer sua própria história.

É isso que está faltando para nós. Nós somos fascinados pelo ídolo dessa França europeia, da cultura... Ler Lacan em termos semióticos dá um pouco de horror: é o cara da Rue de Lille, que não tem nada a ver com gente humilde, é altíssima burguesia. Tinha um “A Origem do Mundo” do Coubert na parede. Vocês conhecem alguém que tem um Coubert na parede? E quando ele organizava os congressos do seu grupo, já viram onde ele os fazia? Naqueles castelos... Entre aqueles que fazem parte da minha geração vê-se todo um código de reconhecimentos sociais: brancos, ricos, parisiense... aquilo era chique – é a nossa panela. Não se é capaz de citar um autor importante na resistência negra no Brasil, mas sabe-se falar trechos inteiros do Ulysses: quer uma colonização mais profunda do que essa? Esses somos nós, psicanalistas lacanianos do Brasil hoje. No fundo, é vergonha. E a psicanálise está morrendo por causa disso, enquanto não nos autorizarmos a herdar o que herdamos com respeito, e fazermos o nosso caminho.

Ouvinte: Não é destituir, mas sim, a partir disso, se libertar e fazer essa construção.

Não tem um livro da Betty Milan, acho que se chama O Papagaio de Lacan? Espero que não, espero que a gente consiga se autorizar.

Ouvinte: Muito Obrigada.

Obrigado a vocês. Espero não os ter desiludido demais.

Só existe gozo do corpo¹

Marcus do Rio Teixeira

Do que estamos falando quando dizemos que só existe gozo do corpo?

Comentário sobre as diferenças de tradução

O título desta apresentação foi extraído da aula XVI de 10 de maio de 1967, do *Seminário 14: La logique du fantasme*, traduzido como *A lógica do fantasma*. Vejamos o trecho de onde extraí o título, conforme a tradução brasileira da edição oficial, publicada pela Editora Zahar: “O gozo é o que marca os traços e os limites do princípio do prazer. É algo de substancial que é importante produzir sob a forma que articularei em nome de um novo princípio: só existe gozo do corpo” (Lacan [1966-1967] 2024, p. 300).

Esse trecho resume perfeitamente a tese de Lacan. Porém há um detalhe para o qual gostaria de chamar a atenção de vocês. Comparem com a tradução da edição para uso interno do *Centro de Estudos Freudianos do Recife* feita a partir da edição da *Association Lacanienne Internationale*:

1 Conferência apresentada na Associação Psicanalítica de Curitiba em 08 de agosto de 2025.

O gozo é essa alguma coisa *na qual* marca seus traços e seus limites o princípio do prazer. Mas é alguma coisa de substancial e que, precisamente, é importante de produzir sob a forma que eu vou articular ao nome de um novo princípio: não há gozo SENÃO do corpo (Lacan [1966-1967] 2007, p. 385).

Vemos aqui uma diferença importante: na edição oficial, é o gozo que impõe limites ao princípio do prazer, enquanto na edição não oficial é justamente o contrário. Esse não é um detalhe sem importância, mas muda toda a concepção teórica. Para esclarecer a dúvida, recorremos à edição *Staferla*, que reúne a transcrição das gravações dos seminários de Lacan:

La jouissance est ce quelque chose dans quoi marque ses traits et ses limites le principe du plaisir. Mais c'est quelque chose de substantiel et qui précisément est important à produire, à produire sous la forme que je vais articuler au nom d'un nouveau principe: "Il n'y a de jouissance que du corps". (Lacan [1966-1967]).

Mas não basta consultar essa transcrição (importantíssima, diga-se de passagem) do *Seminário 14*. É preciso verificar qual o contexto da teorização do gozo no ensino de Lacan. Este, em uma mesa-redonda promovida pelo Colégio de Medicina dos Hospitais de Paris sobre "O lugar da psicanálise na medicina", em 1966, assim define a relação entre o prazer e o gozo:

Que diríamos nós do prazer? Que é a menor excitação, isso que faz desaparecer a tensão, a controla mais, portanto isso que nos detém necessariamente em um ponto de distanciamento, de distância muito respeitosa do gozo. Pois isso que eu chamo gozo no sentido de que o corpo se experimenta, é sempre da ordem da tensão, do acosso, do gasto, mesmo da proeza [*exploit*].

Há incontestavelmente gozo no nível em que começa a aparecer a dor, e nós sabemos que é somente nesse nível da dor que se pode experimentar uma dimensão do organismo que, de outra forma, resta velada. (Lacan [1966] 1998, p. 10). [Tradução minha para o trecho citado]

Chemama comenta essa intervenção de Lacan:

Ele vai ligar o gozo à dor, mas eu penso que esse laço só intervém em segunda posição, como se a dor viesse sobretudo tornar incontestável o fato de que uma barreira foi ultrapassada. O gozo sexual não comporta necessariamente uma dimensão algolagúinica². Mas é um fato que, impulsionado a um certo ponto, pode provocar, para o sujeito, sensações quase dolorosas [...]. (Chemama, 2007). [Tradução minha para o trecho citado]

Portanto, o gozo, caracterizado como excesso, transbordamento, é justamente o que vai ser limitado pelo princípio do prazer, e não o contrário. Para que haja prazer, é preciso que o gozo encontre um limite. Para reafirmar, trago outra citação de Lacan, desta vez do *Seminário 17: O avesso da psicanálise*:

Basta partir do princípio do prazer, que nada mais é do que o princípio da menor tensão, da tensão mínima a manter para que subsista a vida. Isto demonstra que, em si mesmo, o gozo o transborda, e o que o princípio do prazer mantém é o limite em relação ao gozo. (Lacan [1969-1970] 1992, p. 44).

O gozo no Estádio do Espelho

Durante um seminário no Ato Analítico de Maringá (instituição da qual me orgulho de ser membro honorário), um colega do público me dirigiu uma pergunta a respeito do corpo que goza: “É *este* corpo (tocando o corpo) ou o corpo que está *aqui* (apontando para a cabeça)?”. A minha resposta foi que “o corpo que está aqui” (no cérebro) não é na verdade um corpo, mas uma

2 Não encontrei este adjetivo em português, embora o substantivo seja dicionarizado como a associação do prazer à dor (cf. FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986). (N. do A.)

representação do corpo – aliás, bem conhecida dos neurologistas. A falha nessa representação é índice de distúrbios graves. Porém a representação do corpo não goza.

Um bom exemplo disso é o Estádio do Espelho, onde o *infans* se vê diante da imagem do seu corpo, o que, para ele, tem um caráter antecipatório do corpo enquanto totalidade. Mas não é essa imagem (que podemos chamar de uma *representação*) que goza. A imagem não goza. Onde estaria, então, o gozo nesse estádio?

Lembremos resumidamente o que diz Lacan: depois de ter visto a sua imagem no espelho, o bebê busca a ratificação dessa imagem pelo Outro, representado pelo adulto (a mãe ou o pai) que carrega o bebê e que garante ao pequeno sujeito que a imagem no espelho é efetivamente dele. A essa ratificação segue-se um estado de júbilo da criança, que Lacan chama de “*affairement jubilatoire*”, que foi traduzido como “azáfama jubilatória” (Lacan [1949] 1998, p. 97); uma tradução muito feliz, na minha opinião. Pois *azáfama* é uma bela palavra de origem árabe, entre muitas outras presentes na língua portuguesa, como alcateia, alfândega e – uma das minhas favoritas – algaravia. Ela significa *pressa, atropelo, correria*. Trata-se, portanto, de uma precipitação no estado de júbilo. No seu Seminário *O em-corpo do sujeito*, Colette Soler comenta essa expressão de Lacan:

Lacan emprega exatamente as expressões júbilo e mesmo azáfama jubilatória da criança diante do espelho. Azáfama jubilatória, evidentemente, poderia ser traduzida por “excitação”, excitação diante do espelho. Ora, em matéria de gozo, excitação é a base: excitação do corpo diante de uma imagem. E Lacan faz dessa excitação o signo do que ele chama de dinamismo libidinal, o investimento dessa imagem. (Soler, 2019, p. 195).

Vemos, então, que, no momento do Estádio do Espelho, o gozo já é situado no corpo. E mais: para que seja possível o investimento da imagem do corpo enquanto totalidade é preciso que o gozo se faça presente, um *gozo da imagem*, como o denomina Soler.

Do gozo aos gozos

Ao falar sobre o gozo, é preciso situar a evolução desse conceito no ensino de Lacan. A princípio inovador, ele permite solucionar problemas e impasses da clínica. Porém o seu emprego indiscriminado, definindo tudo como gozo, enfraquece o conceito. Soler chama a atenção para o fato de que Lacan utiliza “o gozo”, no singular, até o momento em que ele se defronta com esse problema e sente a necessidade de colocá-lo no plural.

Ressalto, pois, uma confusão de registros em nossa abordagem desses problemas. Eu creio que este amálgama que fazemos hoje em dia é em parte suscitado pela promoção do termo gozo no ensino de Lacan e em nossa leitura, porque o termo gozo é um termo – não é um conceito, gozo é um termo, é uma noção, bastante difícil de circunscrever no âmbito do conceito – que pode cobrir não só todo o campo do possível com a dor, mas também todas as gradações e as variações do registro do prazer quando elas põem em jogo o corpo. Dessa forma, reencontramo-nos com formulações em que o gozo está por toda parte, a relação em nenhuma parte, mas o gozo em toda parte!

Esse termo teve como consequência desgastar um pouco as distinções clínicas extremamente precisas e úteis que havia nos anos 65 do ensino de Lacan. É de tal maneira verdade que Lacan foi obrigado, impulsionado por seu trabalho analítico, após ter promovido esse termo de gozo, o campo do gozo, nosso campo lacanianiano, ele foi levado a retornar às distinções e a recolocar o gozo no plural, a fazer distinções nas formas de gozo. (Soler, 2019, p. 142-143).

Considero essas ponderações extremamente importantes porque elas nos ajudam a compreender o desgaste sofrido por esse conceito – que a autora prefere chamar de *noção* – a partir da banalização do seu uso no meio lacaniano e no meio acadêmico que gravita em torno dele. Porém é preciso ressaltar que, como tudo no ensino de Lacan, essa utilização não é linear: o gozo continua aparecendo no singular, ao lado do termo no plural.

Os gozos na teoria da sexuação

A díade gozo fálico X gozo Outro

Quando falamos sobre os gozos, no plural, é preciso prestar muita atenção para não banalizarmos o conceito mais uma vez, perdendo a sua especificidade. O que permitiu a banalização do conceito no singular foi a sua aplicação a situações clínicas muito diversas. Já na sua utilização no plural, corre-se um risco semelhante: se os gozos são tão diversos, o que possibilitaria reuni-los num conceito?

Por isso considero importante destacar, dentre os vários tipos de gozo citados por Lacan, a díade *gozo fálico X gozo Outro*. Esses dois gozos desempenham um papel central naquela que ficou conhecida como a teoria lacaniana da sexuação. Isso porque eles vão modificar a própria concepção da diferença sexual, que Lacan busca teorizar desde o início do seu ensino. Em outras palavras, a variedade de gozos parciais, entre eles, os gozos pulsionais, não garante ao sujeito uma posição sexuada.

Melman assim comenta a relação entre os gozos parciais e o gozo sexual:

Para retornar, portanto, à relação entre os gozos parciais e o gozo sexual, eu lhes recordaria, logo de início, que aqueles ditos parciais – assim nomeados por deslocamento metonímico por causa do objeto parcial que Abraham quis conceitualizar, termo do qual eu me sirvo por comodidade de exposição – esses gozos parciais, portanto, olfativos, orais, visuais, anais, dizem respeito a uma dialética animada pela frustração e pela privação, enquanto somente o gozo sexual é aquele que vem tomar lugar, por isso que chamamos o processo da castração, processo capaz de vir garantir que uma satisfação seja possível, enquanto os gozos parciais são expostos a só poder sufocar a demanda. (Melman [1997-1999] 2018, p. 320). [Tradução minha para o trecho citado]

Esse comentário me faz lembrar imediatamente o que Freud diz numa passagem dos “Três ensaios sobre a sexualidade”: “O prazer preliminar é, então, o mesmo que o instinto sexual infantil já era capaz de produzir, embora em escala menor; o prazer final é novo, ou seja, provavelmente está relacionado a condições que surgem apenas na puberdade”³ (Freud [1905] 2016, p. 126).

Dessa forma, desde as primeiras elaborações teóricas de Freud, já estava presente aquilo que Melman chama uma “hierarquia dos gozos”⁴, na qual o gozo sexual era aquele que reunia os diversos gozos parciais com um objetivo sexual. Caso o gozo sexual não se constituísse como aquele que se situa no topo dessa hierarquia, os gozos parciais permaneceriam num estado anárquico, no qual nem sequer se dirigiriam necessariamente a um(a) parceiro(a). Evidentemente, isso não acontece, não vivemos todos na perversão polimorfa infantil. Na teorização de Lacan, é somente por intermédio do gozo fálico – e do seu parceiro suplementar, o gozo Outro – que o sujeito pode advir a uma posição sexuada.

3 O tradutor emprega *instinto* para traduzir *Trieb*. (N. do A.)

4 Lembremos que a elaboração do conceito de gozo é de Lacan, não de Freud. (N. do A.)

Soler nos lembra como o processo que constitui os seres sexuados foi teorizado por Freud e Lacan de diferentes formas.

Com a incidência das identificações edípicas do sujeito, Freud a procurou do lado do sujeito, implicando assim os ideais do eu no ser mulher ou homem. Ora, as identificações ideais supõem sempre se inscrever sob um significante do Outro. Lacan simplificou, fazendo da identificação ao falo como significante do desejo do Outro, a chave das identificações ideais que governam as imagens e significantes do sexo. Com “O Aturdido” é outra coisa que se elabora, o ser homem ou mulher está correlacionado aos modos de gozo, os quais estão inscritos em duas lógicas: aquela em que um todo consistente é gerado; e aquela em que ele não o é e em que o múltiplo de todas as mulheres não faz um conjunto. (Soler, 2020, p. 141).

Deixemos de lado, por razões meramente de tempo, a teorização de Freud e nos concentremos nos dois momentos do ensino de Lacan. O primeiro momento, a proposição do falo como significante que garante o acesso a uma posição sexuada, encontra sua síntese no artigo “A significação do falo”. Esse texto, contemporâneo do *Seminário 5: As formações do inconsciente*, resume as teses de Lacan sobre o falo e seu papel no que ele chamaria mais tarde a sexualização. Essas teses permanecem vigentes ao longo do seu ensino, com alguns acréscimos importantes.

Entre esses, destacaríamos, resumidamente: o próprio conceito de gozo, elaborado no *Seminário 7: A ética da psicanálise*; o objeto *a*, que já vinha sendo esboçado, mas aparece no *Seminário 8: A transferência* (como *álgebra*, objeto precioso), no *Seminário 9: A identificação* (numa abordagem topológica), no *Seminário 10: A angústia* (de forma mais elaborada), no *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (enquanto objeto da pulsão) e no *Seminário 16: De um Outro ao outro* (enquanto

mais-de-gozar); e podemos acrescentar o semblante no *Seminário 18: De um discurso que não fosse semblante*.

Mas é a entrada em cena da *função fálica* que vai inaugurar uma nova perspectiva da diferença sexual enquanto *diferença de gozos*. Ainda que viesse sendo elaborada nos seminários anteriores ao *Seminário 20: Mais, ainda [Encore]*, essa função é apresentada de forma teórica acabada no artigo “O aturdito” e é retomada, detalhada, nesse seminário.

O que Lacan propõe com a função fálica? Resumidamente, que há duas formas de o sujeito se situar ante essa função: uma em que tudo o que concerne à sua posição de gozo diz respeito a tal função (*todo fálico*). Nessa posição, ele só conhece o gozo fálico. A outra forma consiste em se situar também como fálico, mas sem que isso constitua *toda* a sua experiência de gozo (*não-todo fálico*). Para aqueles ou aquelas que se colocam nessa posição, haveria, além do gozo fálico, acesso a um gozo Outro, não fálico, dito *suplementar*.

Problemas e leituras

Até alguns anos, eu considerava esse ponto do ensino de Lacan um consenso entre os psicanalistas. De uns tempos para cá, tenho escutado falas que me fizeram mudar de opinião. Uma delas é a afirmação de que “ninguém é todo fálico” (sic) – seguida da explicação de que nenhum homem é detentor de uma posição viril ideal, uma potência sexual absoluta. Essa leitura confunde *todo fálico* com *todo viril*. Porém, na definição de Lacan, “todo fálico” significa *todo inscrito na função fálica*. O que isso quer dizer?

Vejamos o que diz Roland Chemama acerca da função fálica: “A função fálica é a função da castração, ou seja, a própria função

do limite. O gozo fálico é a forma que toma o gozo desde que leva em conta essa limitação” (Chemama, 2007) [Tradução minha para o trecho citado]. Ora, sendo a função fálica a *função da castração*, todo fálico é o mesmo que *todo castrado*. Isso não tem o sentido imaginário de tolhido, paralisado, uma vez que a castração, enquanto operação simbólica, institui a falta que move o desejo.

Outro equívoco frequente é considerar o gozo fálico como exclusivo daqueles que se situam como todos fálicos. É fácil constatar que essa não é a proposição de Lacan, que afirma, no *Seminário 20: Mais, Ainda* ([1972-1973]2008, p. 80): “Não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá à toda”. Porém – detalhe importante – ele acrescenta na mesma página: “Mas há algo a mais”. Esse “algo a mais” é a sua relação com o gozo. Outro, que a faz *não-toda*.

Anne Joos assim comenta o termo *não-toda*:

As fórmulas lógicas do lado direito sublinham a ausência da exceção, o “não há exceção” à lei da castração. Como entender isso? Se escrevemos “elas não são todas submetidas a uma mesma lei”, isso permitiria entender que algumas sim, algumas não, ou isso poderia indicar “todas salvo uma”, que haveria uma que escaparia dessa condição. Teríamos, então, uma simetria com o lado esquerdo e, portanto, a possibilidade de uma exceção e de um universal feminino. Portanto é importante escrever: elas são “não-toda” submetidas à castração (sem um plural que reúna todas!). (Joos, 2024, p. 115).

Ou seja, o gozo fálico é comum aos *falasseres* que se situam das duas formas ante a função fálica. A diferença é que, para uns, ele é toda a sua experiência de gozo. Esses são ditos, por Lacan, situados do lado *masculino*. Para outros *falasseres*, essa não é toda a sua experiência de gozo. Por isso, Lacan os situa do lado

dito *feminino*. Porém o seu agrupamento não faz um conjunto, pois não há uma propriedade comum a todas que ali se reúnem. Por isso Anne Joos diz que elas são “não-toda” – no singular, cada uma ao seu modo.

Soler conclui dizendo: “Portanto, tudo que passa pelas palavras é gozo fálico”. (Soler, 1999-2000, p. 115) [tradução minha para o trecho citado], o que me parece uma formulação muito pertinente, pois se, para Lacan, o gozo fálico é o gozo cuja causa material é o significante (Lacan [1972-1973]2008, p. 30), ele é o gozo que diz respeito à palavra. Isso inclui o sexo, o trabalho (as duas áreas em que o analisante se sente prejudicado, segundo Freud), mas toda a gama de atividades humanas. Já o gozo Outro, por não ser organizado pelo significante, não poderia ser falado, não encontraria lugar na linguagem.

Há uma escolha de gozo?

Tenho-me dedicado há algum tempo a estudar as divergências entre a teoria da sexuação elaborada por Lacan e as teorias que utilizam a noção de gênero, discutindo esse tema em artigos, entre os quais aquele que consta da coletânea organizada por Rosa Marini, colega da Associação Psicanalítica de Curitiba – *Gênero e sexualidade na infância e adolescência: reflexões psicanalíticas*, e aquele publicado na coletânea de Paul Kardous, da Associação Livre (SP) – *A Querela do Gênero: uma abordagem psicanalítica*. Resumindo bastante: os teóricos do gênero – dentre os quais se destaca Judith Butler – partem de uma concepção do corpo como neutro, receptáculo de imposições provenientes da cultura. Até mesmo as sensações – que poderíamos chamar de gozos – seriam culturalmente determinadas. Isso pode ser constatado nessa citação do clássico de Butler, *Problemas de gênero*:

Diz-se que os prazeres residem no pênis, na vagina e nos seios, ou que emanam deles, mas tais descrições correspondem a um corpo que já foi construído ou naturalizado como portador de traços específicos do gênero. Em outras palavras, algumas partes do corpo tornam-se focos concebíveis de prazer precisamente porque correspondem a um ideal normativo de um corpo já portador de um gênero específico. (Butler, 2015, p. 127).

Observem que essa tese se opõe radicalmente à tese de Lacan, que afirma que o corpo é a sede do gozo. Cito um trecho do meu artigo na revista *Palavração* nº8. onde comento essa tese.

Para Butler, não há um real do corpo – ou seja, o corpo tomado numa dimensão que não depende da simbolização, tampouco da imaginarização. O corpo só existe, para a autora, enquanto construção social. Ele é moldado pelos “ideais normativos” da sociedade em que o indivíduo vive. Qualquer tentativa de discutir a sua materialidade orgânica (que preexiste a qualquer apreensão pela linguagem e a qualquer sentido que lhe venha a ser atribuído) é descartada de antemão. Até mesmo as sensações provenientes de órgãos como o pênis, a vagina, o clitóris seriam culturalmente determinadas. Em suma, segundo essa concepção, a fisiologia só existiria enquanto produto da cultura. Tal concepção, que campeia na academia, onde faz muito sucesso, não se sustenta quando minimamente confrontada com a realidade. (Teixeira, 2025, p. 114)

Para Butler, na constituição de uma identidade sexual, trata-se de uma atribuição social sobre o bebê. Mais tarde, a criança ou o adolescente reagiria a essa atribuição, aceitando-a ou negando-a.

Persiste certa lacuna entre essa atribuição e o modo como a pessoa que a recebeu passa a se localizar dentro das categorias do sexo. Mesmo as pessoas que gostam de sua atribuição sexual inicial e a mantêm ainda precisam estabelecer uma relação com essa atribuição, o que significa que as pessoas passam por uma relação imaginária com seu sexo. [...] Para algumas pessoas, isso

significa cumprir o comando social que a atribuição de sexo parece implicar e viver dentro do imaginário que rodeia esse sexo; para outras, a única maneira de viver é se debater com ou lutar contra esse comando [...]. (Butler, 2024, p. 191).

Chamo a atenção para o termo *atribuição*. Esse termo possui uma forte conotação de arbitrariedade, de imposição, que nessa citação é reforçada pela expressão “comando social”. Em seguida, se descreve a reação da “pessoa” ante essa atribuição: aceitação e conformidade ou recusa e luta. O pressuposto subjacente a essa teorização é que o processo que leva à constituição de uma identidade sexual diz respeito a uma relação dual entre um comando social e um indivíduo que avalia, julga e decide aceitar ou recusar essa imposição. Sempre por um ato volitivo, consciente.

O que está ausente dessa teoria é, evidentemente, a dimensão do Simbólico, enquanto registro impessoal, que não deve ser confundido com um ato de arbítrio, oriundo de normas de conduta ou preconceitos vigentes numa dada sociedade. Mas, além do Simbólico, está ausente também o Real, entendido aqui na acepção do real dos gozos do corpo, que preexistem à sexuação e que deixam de fora a ideia de uma *escolha*.

Retornemos a Lacan, quando ele afirma, no *Seminário 20:Encore*: “Gozar tem essa propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro” (Lacan [1972-1973] 2008, p. 30). Isso coloca um problema sobre a questão da *escolha de gozo*, desde um ponto de vista psicanalítico. Vimos que Lacan define a diferença sexual, na sua teoria da sexuação, como *diferença de gozo*. A questão que se coloca é se essa diferença é passível de escolha por parte do sujeito. Charles Melman comenta a ideia de que alguém possa se autodeterminar, no que concerne à sua posição sexual:

Como se alguém pudesse de alguma forma se autodeterminar. Como se houvesse nele, absolutamente só, os elementos de suas identificações, de suas escolhas, de suas orientações. Isso seria supor – e é isso que é tocante, e que eu já sinalizei – em cada um de nós, um saber inato, equivalente àquele do animal. Haveria dessa forma, em cada um de nós, um saber inato que seria depreciado, que seria ofendido pela cultura. Seria preciso então nos liberarmos da cultura para que cada um pudesse dar curso a esse saber inato. Isso não é sem consequências, uma vez que tal saber não existe. Temos que nos virar com o que está ao nosso alcance. (Melman, 2022, p. 29).

Colette Soler, por sua vez, problematiza a própria ideia de escolha de gozo ao perguntar: “Mas como conceber uma escolha subjetiva de gozo se o gozo não é do sujeito, mas do corpo que ele tem?” (Soler, 2020, p. 150).

Se, por um lado, Lacan deixa claro que tanto aqueles que se identificam como homens quanto aquelas que se identificam como mulheres podem se colocar de um lado ou de outro das duas modalidades de gozo – *todo fálico* e *não-todo fálico* –, ele não afirma, em nenhum momento, que esse posicionamento é fruto de uma *escolha consciente*.

Encontramos com frequência uma resposta proposta por colegas à questão da escolha, argumentando que não se trata de uma escolha *consciente*, mas de uma escolha *inconsciente*. Notem que isso é diferente da concepção de uma escolha da identidade sexual –e, para alguns, da modalidade de gozo – como um ato de vontade, consciente. Porém mesmo que considerássemos que se trata de uma escolha inconsciente, o problema persistiria, pois seria, nesse caso, uma escolha do *sujeito do inconsciente*. Lembremos, para começar, a frase de Lacan no *Seminário 20: Mais, ainda [Encore]*: “Gozar tem esta propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro” (Lacan [1972-1973] 2008, p. 30). Cabe destacar, nessa

citação, que para Lacan o gozo não é algo que tem sua origem do sujeito.

Por isso, nesse mesmo Seminário, ele diz: “Um sujeito, como tal, não tem grande coisa a fazer com o gozo” (Lacan [1972-1973] 2008, p. 56). Afirmção que pode soar estranha, mas que faz sentido quando compreendemos, a partir da citação precedente, na qual o gozo é definido como dizendo respeito ao corpo. Assim, quando falamos coloquialmente de “gozo do sujeito”, há na verdade uma imprecisão, pois não é o sujeito que goza, mas *o corpo que ele tem*. Portanto o sujeito não escolhe o seu gozo, ele é, digamos, surpreendido pelo gozo que o seu corpo experimenta e, no máximo, ele pode admitir ou tentar negar esse gozo – sofrendo as consequências.

Devemos concluir que a autonegação reconhecida e enaltecida pelos teóricos do gênero, não posicionará o sujeito automaticamente em uma ou outra modalidade de gozo. Mas, se a nossa época privilegia e exalta a autonegação, que consequências isso poderia ter sobre o gozo? Soler pondera a respeito desse problema:

Consequência para a questão da atualidade sobre os homens e as mulheres: que os poderes da opinião ratificados pelos políticos suprimam esses dois termos do dicionário das identidades, não impedirá os dois regimes de gozo de continuar, contudo, a identificar, eventualmente, certamente não dois sexos, mas duas multiplicidades: de um lado, o conjunto dos seres tomados no todo-fálico e, do outro, a coleção, que não é um conjunto, daqueles que não estão aí enquanto todos. (Soler, 2023, p. 94). [Tradução minha para o trecho citado]

Em síntese, os gozos não surgem a partir da forma como o indivíduo (visto que não se trata aqui do sujeito do inconsciente, mas do *indivíduo*, do *in-diviso*, aquele que não tem divisão) se autoatribui um gênero. Diferentemente de Butler e dos teóricos

do gênero, para quem essa autoatribuição é o ponto em torno do qual gira a questão da posição sexual do sujeito, Lacan considera que tal posição diz respeito à forma como um *x* indeterminado se situa ante a função fálica, que dividiria os seres da linguagem em dois grupos, não segundo sua anatomia, mas segundo os seus modos de gozo. Lembrando que essas duas modalidades de gozo terão como consequência a impossibilidade de um *rapport*, de uma razão, uma *ratio*, entre aqueles e aquelas que nelas se situam.

É a heterogeneidade dos gozos que funda a impossibilidade da relação sexual para o homem e para uma mulher, e que assinala que é exatamente o real que comanda essa impossibilidade, e não alguma imperfeição particular. (Emerich, 2020, p. 64).

Para concluir, Freud já apontava a existência de gozos parciais. Coube a Lacan postular que todos os gozos são gozos do corpo. Porém tanto Freud quanto Lacan frisam que esses gozos não se apresentam de forma anárquica. Para Freud, na sexualidade adulta, tais gozos são subordinados ao gozo sexual, que se dirige a um(a) parceiro(a). Já segundo Lacan, é a sexuação que define a forma como o sujeito se situa ante a função fálica. Isso tem como consequência a constituição da diferença sexual enquanto diferença de modalidades de gozo e, nesse processo, a dimensão da alteridade. Devemos observar que a diferença sexual se constitui no mesmo movimento que a impossibilidade da relação [*rapport*] entre os sexos.

Revisão: Solange Mendes da Fonsêca

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero?* São Paulo: Boitempo, 2024.

CHEMAMA, Roland. *La jouissance: enjeux et paradoxes*. Paris: Érès, 2007.

EMERICH, Choula. A relação sexual não existe. In: CHEMAMA, Roland et al. *Dicionário de Psicanálise: Freud & Lacan* 2. 3. ed. Salvador: Ágalma, 2020. p. 54-65.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6, p. 13-172.

JOOS, Anne. Como ler *Encore*, o quadro das fórmulas da sexuação, neste século do gênero? In: TEIXEIRA, Marcus do Rio; PITAVY, Thatiana. *Sexuação e gozos no Seminário Encore*. Salvador: Ágalma, 2024. p. 107-125.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica [1949]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente* [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. A significação do falo [1958]. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise* [1959-1960]. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 8: a transferência*. [1960-1961]. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 9: a identificação* [1961-1962]. Recife: Centro de Estudos Freudianos, 2003. Edição para uso interno, sem fins comerciais.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: a angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* [1963-1964]. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. La place de la psychanalyse dans la médecine [1966]. *Bulletin de l'Association freudienne internationale*, Paris, Éditions de l'A.F.I., n.80, nov. 1998.

LACAN, Jacques. *A lógica do fantasma* [1966-1967]. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2007. Publicação interna, sem fins comerciais.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre 14: la logique du fantasme* [1966-1967]. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S14/S14.htm>.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 14: a lógica do fantasma* [1966-1967]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2024.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 16: de um Outro ao outro* [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 17: o avesso da Psicanálise* [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 18: de um discurso que não fosse semblante* [1971]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20: mais, ainda* [1972-1973]. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. O aturdito [1973]. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 448-497.

MELMAN, Charles. In: MELMAN, Charles; LEBRUN, Jean-Pierre. *La dysphorie de genre*. Paris: Érès, 2022.

MELMAN, Charles. *Lacan élève effronté et impitoyable de Freud : Séminaire 1997-1999*. Paris: Érès, 2018.

SOLER, Colette. *Homens, Mulheres*. 3.ed. São Paulo: Aller, 2020.

SOLER, Colette. *Lecture commentée du Séminaire Encore*. Paris, Hôpital Sainte-Anne, oct.1999/juin 2000. Transcrição não relida pela autora.

SOLER, Colette. *O em-corpo do sujeito: Seminário 2001-2002*. Salvador: Ágalma, 2019.

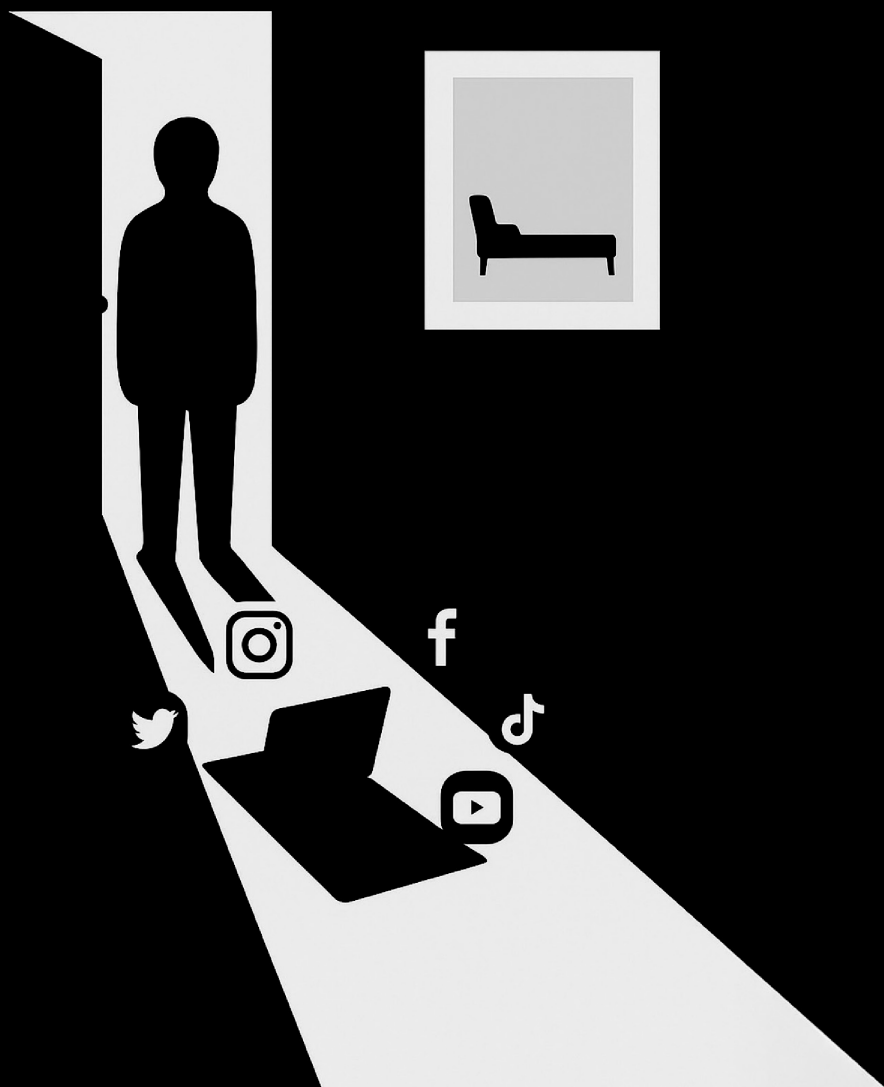
SOLER, Colette. *Una clínica de excepción*: Colegio Clínico de Paris, Curso 2021-2022. Medellín (Colômbia): Ediciones de Foros Hispanohablantes del Campo Lacaniano de la IF-EPFCL, 2023.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. Aportes teóricos para um estudo sobre sexo, gênero e gozo na psicanálise. In: MARINI, Rosa (Org.). *Gênero e sexualidade na infância e adolescência*: reflexões psicanalíticas. Salvador: Ágalma, 2018. p. 51-71.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. Identidade sexual e gênero: entre determinação e escolha, *Palavração*: Sexualidades, Curitiba, Biblioteca Freudiana de Curitiba, n. 8, p. 107-118, 2025.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. Teoria do gênero em Judith Butler e teoria da sexuação em Jacques Lacan. In: KARDOUS, Paul (Org.). *A Querela do Gênero: uma abordagem psicanalítica*. Salvador: Ágalma, 2023. p. 96-131.

Espaço do Cartel



Mais, ainda, sobre o quê?¹

Denise Pliskievski Bueno²

O seminário de Lacan que ficou conhecido como “Seminário 20”, tem como título *Mais, ainda* e é o livro posterior ao seminário 19 intitulado de ... *Ou Pior*.

... *ou Pior, Mais, ainda...* para onde tudo isso aponta? Para onde *Isso* aponta? Ao *Real*?

Em relação aos títulos dos seminários de Lacan, não dá para ter certeza, pois alguns foram dados a posteriori por Jacques-Alain Miller. Em francês, o seminário *Mais, ainda...* se chama *Encore* que significa *ainda* ou *de novo*. Parece que se refere a “de novo sobre o gozo”, ou “mais sobre o gozo”. Não só isso. *Encore* é homofônico a *en corps*, que significa *no corpo*. É um seminário complexo, iniciado com muitas interrogações, sobre gozo, desejo, Significante, objeto *a*, Real, amor.

O Real, na psicanálise, remete à falta estrutural originária da estrutura, a hiância do inconsciente, e é da ordem do impossível de ser simbolizado, aquilo que não cessa de não se escrever. A palavra *escrever*, se deriva do latim *scribere*, que significa sinalizar, traçar, gravar, desenhar. Então, o real não cessa de não se escrever, e quando se inscreve já é outra coisa.

Do seminário ... *ou Pior* (Lacan, 1971-72), quero apontar o que Lacan disse sobre este título: “[...] os três pontos referem-se ao

1 Texto apresentado em Jornada de Desanolamento da APC, em 2024.

2 Denise Pliskievski Bueno: Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; graduada em Psicologia (UTP-PR); Especialista em psicologia clínica e saúde mental (UTP-PR). Contato: denisebueno@onda.com.br

uso comum para marcar, para fazer um lugar vazio.” Um lugar vazio é a única maneira de dizer algo com a ajuda da linguagem. UM DIZER. Um *Dizer* é um verbo que coloca em ação a palavra, por meio da fala.

Sem a palavra não existe sujeito. É a palavra que faz corpo da carne, que dá vida ao filhote humano e o conduz pelos caminhos da subjetividade, porque o insere no campo da linguagem, linguagem esta que é anterior ao sujeito. A mãe não só alimenta seu filhote, ela o banha de linguagem. O que inaugura este processo necessário à humanização chamamos de identificação pelo Outro, ou seja, deixa se representar pelo nome que recebe do Outro que, apesar de humanizá-lo, é falho, e esta falha é interpretada como falta, falta a ser. É esta falta que move o ser falante a construir sua história.

As palavras são utilizadas para que o homem exerça o ato de dizer. No âmbito do direito, elas justificam o que compete ao indivíduo, à sociedade ou ao entorno – a *polis*, a natureza. Na psicanálise, a palavra e a fala são recursos constituintes do psiquismo. Quando a criança começa a falar, torna-se sujeito da palavra, ela passa de um estatuto de ser a um estatuto de sujeito, renuncia ao ser para advir um sujeito, fica dividida porque a palavra não pode dizer tudo, mas as palavras servem como um bálsamo para a vida.

O seminário *Mais, ainda* (Lacan 1972-73) é uma passagem, abre para a teoria dos nós em relação aos quais Lacan dá notícias no seminário *...Ou pior* (Lacan 1971-72) e os apresenta na última lição do seminário, com o título *rodinhas de barbante* (este título foi dado por Miller na versão brasileira, no original em francês não tem isto). Penso que, literalmente, Lacan joga os barbantes, de onde os retoma no seminário seguinte *Os não-tolos erram* (Lacan 1973-74) e continua no seminário seguinte, com o

RSI (Lacan 1974-75). Entendo que é uma tentativa de simbolizar o real passando pelo imaginário, SRI que é uma função do simbólico.

No seminário *Mais, ainda* (20), Lacan se ocupa deste vazio, do objeto *a* como causa do desejo e não como objeto do desejo. Esta causa do desejo funcionará como uma mola, estrutura, como causa, como construção da própria estrutura do desejo.

O objeto *a* é um conceito complexo para a psicanálise. Trata-se de nada menos de que seu objeto de estudo.

Lacan destaca a função do escrito e da formalização matemática pela qual o real se inscreve e ele as toma para definir os dois modos de gozo conforme a lógica constituída nas fórmulas da sexuação, na qual ele sugere que os seres falantes se inscrevem de um ou de outro lado.

O que isso quer dizer?

Que a humanidade é dividida entre “machos” e fêmeas”, a partir da existência do falo no corpo, mas o gozo é sempre intrinsecado à linguagem e é marcado pela castração e não pela plenitude do ser. Para Lacan, o homem, a partir do momento em que fala, ele não é mais essência ou existência, ele é *falasser*. Então o *falasser*, independente dos atributos sexuais pode se inscrever em qualquer um dos lados, do lado masculino e do lado feminino.

Tanto o homem como a mulher são, segundo Lacan, significantes. É na relação que estes significantes têm com o significante falo, que vem como organizador na cadeia significante, que vão se organizar os modos de relação de gozo e da estrutura.

O lado masculino é definido pelo modo do necessário e o lado feminino ao invés de se definir pelo lado oposto, o não necessário (ou contingente) é definido pelo impossível, e é onde Lacan coloca a relação sexual. “– a relação sexual não para de não se escrever”, ela não existe. Não há relação sexual, porque

cada um goza com seu corpo. Ela só existe no sujeito imaginariamente, no fantasma, é no imaginário que se faz *um*. É a subjetividade e singularidade de cada experiência.

O gozo fálico fica na interseção do Real com o Simbólico, é dito gozo masculino ou gozo do órgão, mas como fica fora do imaginário, Lacan o considera fora do corpo e tem a ver com a fala, não com o órgão sexual, seja feminino ou masculino. Adquire o aspecto de uma necessidade, que é instituído pela Lei que organiza a linguagem. É uma necessidade simbólica que Lacan traduz como aquilo que não cessa de se escrever.

O gozo fálico impossibilita o falasser situado do lado masculino, de gozar do corpo de uma mulher, porque ela é *não-toda fálica* – ou seja, não tem o falo enquanto órgão, então isto do que ele goza, é um gozar do seu próprio órgão – o que Lacan chamou de gozo do idiota. “*Idiota*” porque o gozo é solitário, da masturbação. Idiota, *Idio* – é o prefixo grego que exprime a noção de próprio, privado, solitário, particular.

Por isso, a relação sexual é impossível, porque não existe o conjunto das mulheres, e uma relação, no sentido matemático do termo, só pode existir entre elementos de dois conjuntos.

Já o Gozo do Outro é definido justamente por não se inscrever totalmente pelo regime fálico. Fica na intersecção do Real com o Imaginário, é dito *gozo místico* ou *gozo feminino*, mas todos – seja homem seja mulher – podem ter acesso a ele. Lacan o trata como sendo próprio das mulheres por elas estarem nesta posição de alteridade, então, elas têm uma relação mais flexível com a lei. Uma mulher se inventa uma a uma, não existe *A mulher*, existe uma a uma.

O gozo, assim como o desejo, faz parte da humanização do filhote humano, porém o gozo existe desde o nascimento do bebê, e o desejo podemos pensar como uma construção dele.

Para se deduzir no campo do Outro é imprescindível que o gozo do Outro não oprimas o sujeito, porque se isso acontece, o bebê não pode se perguntar pelo desejo do Outro, Gozo e desejo, que podem enodar-se, se contrapõem neste ponto. Ou seja, se não restarem interstícios, intervalos, o sujeito oprimido por esse gozo não conseguirá perguntar sobre o desejo do Outro, e para isso não ocorrer, é necessário que o bebê seja tomado como significante e não como objeto, pois o significante engendra a ausência e cria a falta permitindo surgir um sujeito da enunciação.

O gozo fálico goza com as diferentes relações de satisfação que o sujeito desejante e falante pode experimentar no uso do objeto. Nesta operação algo sempre resta, (menos *fi*) e isto que resta, marca que fica do significante é o objeto *a*., o qual nunca pode ser satisfeito.

Podemos dizer, voltando ao início deste escrito, que a Identificação não pode dizer tudo de um sujeito, por isso a verdade não ser toda dita. Que a falta no campo do Outro (significante de A-barrado) é para dizer que *não há Outro do Outro*, o Outro é radicalmente Outro, então não cabe mais um outro. É a mesma lógica que Lacan utiliza para “não há metalinguagem”. Não há a linguagem sobre a linguagem, seria uma redundância falar em metalinguagem – pois já é uma linguagem.

Lacan disse, no seminário *Mais ainda*, que a análise veio anunciar que há um saber que não se sabe, que se baseia no significante como tal. Que o discurso do analista é o único que tem uma falta como agente: o objeto causa de desejo. E tem como produto um significante (S1), por isso é o único discurso que produz um significante novo.

Ao analista, no início de uma análise, se supõe um saber, ele é o lugar do objeto *a* e, assim, poderá funcionar como causador de desejo fazendo com que o paciente possa se deparar com a

sua verdade que se mostrará pelas formações do inconsciente, pelo seu sintoma que o sustenta no seu gozo de sofrimento e só assim poder fazer outros ganchos e escrever outra coisa e continuar desejante.

Sim, porque ninguém procura análise se não se questiona da sua posição no mundo. É pela via da transferência, e aqui vou chamar transferência de amor, que a análise pode acontecer.

Ah, o amor... que possa se ater à passagem do que cessa de não se escrever (simbólico) para o que *não* cessa de se escrever (imaginário), produzindo um sentido, porque um amor segundo Lacan exige reciprocidade, o que o leva a afirmar que amar é querer ser amado. Mas isto serão outras elocubrações, outro trabalho, e eu paro este por aqui.

Mas continuo, mais ainda, de novo, outra vez.

Referências

LACAN, Jacques. 1971-72. *Seminário 19 ... Ou Pior*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

LACAN, Jacques. 1972-73. *Seminário 20 Mais, ainda*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

LACAN, Jacques. 1974-75. *Seminário 22 RSI*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

Interpretação: um Ato impossível?¹

Ederson Fernando Mariano²

A hermenêutica, termo oriundo do grego que significa a arte de interpretar. Quando recebi o comunicado para formação do cartel sobre estudar a interpretação em Lacan, logo chamou-me a atenção. De início, quis aventurar-me junto aos colegas.

Aos primeiros encontros fomos, em minhas palavras, mais desaprendendo do que aprendendo, algumas angústias foram surgindo, sempre partíamos com questionamentos e muitas dúvidas. Lá fora, eu e meus colegas ouvíamos opiniões bem duras, como: “não poderiam nem ter aceitado um cartel com esse tema” ou “impossível estudar esse tema”. Pois bem, interpretação em Lacan: os rumores dos analistas que “só escutam”, que quase não falam e fazem cortes com sessões super curtas, que se precisa de muitos anos de análise e nunca os analisantes ganham alta. Quantas vezes ouvi, nesses quase 10 anos de prática clínica, “eu pagava caro, ele não falava quase nada”. Sempre questionei em silêncio, mas o que você queria ouvir?

Ao decurso do cartel descobri que interpretação em Lacan é algo que abrange todo seu conceito. Ao contrário de Freud com a interpretação dos sonhos, Lacan não separou um texto para falar exclusivamente desse tema — talvez de propósito —, pois

1 Texto apresentado na Jornada de Desanolamento de Cartel da APC, realizado em 27 de abril de 2024.

2 Ederson Fernando Mariano: Psicólogo; graduado pela UEM; Mestre em Promoção da Saúde (UNICESUMAR); docente em cursos de pós-graduação (FCV, Unicesumar. FEITEP). Contato: edersonpsicologia@gmail.com

a interpretação, em si, não existe. A interpretação, é de fato um Ato analítico, e não um excesso de palavras. O analista não tem a função de ensinar.

O primeiro texto que escolhemos foi “a direção do tratamento” dos escritos. Lacan lança um balde de água fria sobre o tema do cartel. Nas palavras dele: “a interpretação, a seguirmos suas colocações, seria apenas um balbucio, comparada a abertura de uma relação maior onde, enfim, se é compreendido (por dentro, sem dúvida). A interpretação torna-se aqui uma exigência da fraqueza à qual é preciso acudir. É também uma coisa muito difícil de fazê-la engolir sem que ela a rejeite” (Lacan, 1998, p. 61).

Nesse sentido, não oferecemos um serviço do qual o analisante sai da sessão cheio de elaborações ou atividades para entregar no próximo encontro, ao contrário, oferecemos o que sentimos no início desse cartel: mais dúvidas do que meras certezas imediatas. Até que em algum momento algo desperta e, sem percebermos, a interpretação já aconteceu.

Ao passo que fomos mergulhando nessas questões, a palavra “interpretação” ficava cada vez mais de lado. Realmente, interpretação é uma costura de todo conceito de Lacan. Abrange de fato toda sua teoria, talvez, por isso nossa formação é interminável. Aprendi algumas ferramentas que não necessariamente se fazem na função de interpretar, até porque, talvez, a interpretação acontece entre as análises e não no dia da análise em si.

Frases marcantes como “o psicanalista dirige o tratamento, mas não dirige o paciente” sempre me impactam (Lacan, 1985, p. 125). Parece que, muitas vezes, Lacan resume seus conceitos complexos com uma única frase. Quase o sentido da análise em si, muitas vezes ficamos várias sessões, até que do nada, uma palavra encaixa e faz todo sentido. Sempre respeito aquele que chega até mim não conhecendo nem mesmo a diferença entre

abordagens. Admiro esses sujeitos, estão ali no escuro e de início entraram ainda mais nesse escuro, para depois, muito depois, ir encontrando poucas e poucas luzes. Digo que o início da análise é como se fossemos pegar uma longa estrada. Eu, analista, não sou o motorista, apenas faço a função do carona. Quando dirigimos temos que olhar para frente, mas não só isso, precisamos olhar para os lados e para trás, precisamos frear as vezes, precisamos reduzir as marchas.

Portanto, duas ferramentas (uso essa palavra por não encontrar outra melhor) considere fundamentais, levando em questão a frase fantástica de Lacan, ‘O inconsciente é estruturado enquanto linguagem’ (Lacan, 1998, p. 504). Sendo elas:

Escutar entre as Palavras, e não só nas palavras enunciadas em si, respeitando à regra analítica “fale o que vier à cabeça”. No texto, “a direção do tratamento e os princípios de seu poder”, Lacan expõe “*O eu deve desalojar o Isso*” (Lacan, 1998, p. 585). Sobre o desalojar, considero como a desnomeação daquilo que foi dito, ao passo que o sujeito fala ele se escuta e junto ao analista vai desmontando aquela Palavra/ Linguagem. Ou seja, o desnomear daquele termo que foi proposto por algum manual. Vejamos, quando alguém chega satisfeito com aquele termo que rotula seu sintoma, o início do trabalho é desnomear aquele dito. Interessante isso, várias vezes recebi sujeitos acreditando, por exemplo, ser portador de transtorno de ansiedade generalizada, ao passo que vai acontecendo essa desnomeação o termo em si perde totalmente o sentido e o trabalho começa a acontecer. Isto é, fazer o analisante esquecer que se trata apenas de palavras, mas sim, da linguagem do inconsciente. Para isso, a importância de “escutar o outro com o livro da nossa análise aberto” se faz necessário, ou seja, se o psicanalista está em condições de sancionar como ato a existência do inconsciente de seu analisante, é

porque ele mesmo já percorreu, na condição de paciente, o caminho de uma análise.

Escutar no Silêncio, Outro importante aprendizado ao longo desses dois anos. Parece que, de fato, o trabalho começa quando o silêncio se torna um instrumento dentro do processo analítico. Não digo do silêncio que produz resistências e desamparo, mas aquele que faz parte da escuta para que o inconsciente apareça. Sobre o aparecimento do silêncio junto com a escuta de fato do inconsciente, coloco dois momentos do texto “*Na instância da letra no inconsciente*” (Lacan, 1998, p. 493-528).

A reformulação do “*penso, logo existo*” de Descartes, para “*Existo onde não penso*” (Lacan, 1998, p.520). Mais adiante, outra frase importante foi: “*Lá onde isso foi, ali devo advir*” (Lacan, 1998, p. 528). Considero que, ambas as frases caminham de encontro para o fazer analítico quando o silêncio e o inconsciente caminham juntos nessa possível interpretação que, como entrevemos, não é mais o centro de toda análise.

Caminhando para o encerramento dos encontros, a função do *mais-um* se cumpriu como é sugerido na formação do cartel, que é de um operador que sustenta a dinâmica do cartel, garantindo que o saber não se fixe em uma hierarquia (Lacan, 2003). Propondo o recente livro publicado de Coutinho Jorge, sobre os Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: laboratório do analista, estendemos dois encontros. De acordo com o autor, “a interpretação em psicanálise nada mais é do que ouvir outra coisa no que está sendo dito” (Coutinho, 2022, p. 52), que frase fantástica, ela caiu como diz o ditado literário “uma chave de ouro”, ou seja, o último verso de um soneto que resume ou fecha de forma magistral o poema, com grande efeito.

Considerações finais

Por fim, considero que mergulhei em algo do impossível, ao final, fez tanto sentido. O que não é diferente da nossa profissão ou até mesmo da nossa própria análise não é mesmo? O fazer psicanalítico é um campo do impossível, anos após anos ele vem sendo questionado, só que permanece intacto. A meu ver, nunca irá se extinguir. Para a psicanálise, enquanto prática, a comunicação/interpretação vaga não importa, pois essas são do campo daquilo que sempre bloqueia a verdade ferida do inconsciente. Ficaram para trás muitos conceitos fundamentais que nesses dois anos não conseguiríamos nos aprofundar (Significante, objeto a, metáfora e metonímia, o desejo, o grande Outro), muitos já conhecia, mas, no futuro, me aventurarei ainda mais sobre eles. Obrigado!

Referências

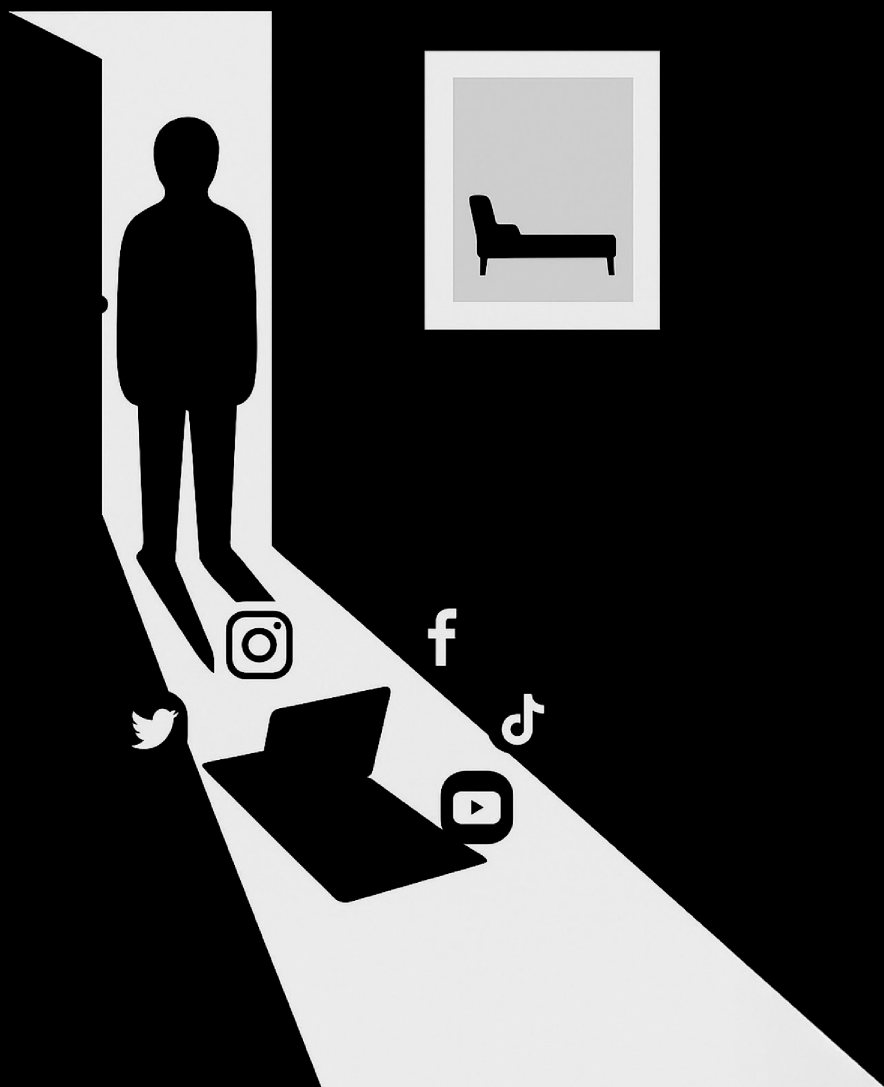
COUTINHO, Jorge. *Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan*: Laboratório do analista. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Livro 11. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Espaço de Indicações



La hora de clase: Por una erótica de la enseñanza

A hora de aula: Por uma erótica do ensino

Massimo Recalcati

Resenhado (e traduzido) por: Marcia Wisniewski Schaly¹

Este livro, best-seller na Itália, de Massimo Recalcati – psicanalista e pensador italiano - traz como tema central a crise na educação contemporânea, buscando resgatar o valor simbólico da figura do professor e função subjetivadora da escola e, mais ainda, o autor denuncia a decadência simbólica da educação sob a lógica neoliberal. Para tal, o campo teórico que o autor busca articular é a Psicanálise Lacaniana e a Filosofia da Educação, propondo a “hora de aula” ou tempo de aula, como espaço de experiência ética e erótica do saber, porém não no sentido sexual, mas como condição de mobilização do desejo - erotizar o saber é torná-lo desejável.

O autor divide o livro em introdução e 5 capítulos, sendo eles: La escuela pedida (A escola perdida), El gesto de Sócrates (o

1 Marcia Wisniewski Schaly: Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Curitiba; graduada em Psicologia (UFPR); Doutoranda em Educação (UTP-Pr); Mestre em Educação (UTP-Pr); Especialista em Psicopatologia da Infância e Adolescência (SOCIESC); Especialista em Psicologia Clínica (CRP); Especialista em Psicologia Hospitalar (CRP); Membro participante no Grupo de Pesquisa Epistemologia e Educação (CNPq/UTP-Pr); Integrante do NUPPEC – eixo 3 (Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura) da UFRGS; Possui experiência de 17 anos de trabalho no Hospital Psiquiátrico Pinel. Atua em consultório e exerce atividades de docência e pesquisa. Contato: marciasws@hotmail.com

gesto de Sócrates), *La ley de la escuela* (A lei da escola), *La hora de clase* (A hora de classe ou tempo de aula), *Un encuentro* (Um encontro).

Tal obra, de publicação original em 2014, surge em momentos de acirrados debates na Itália, em relação às reformas educacionais, como a Lei Gelmini, porém trata de questões amplas e porque não dizer universais, como o esvaziamento da autoridade do professor, os laços geracionais em dissolução e o culto ao desempenho e performance em substituição do desejo.

Consideramos esta obra bastante pertinente ante o cenário em que as escolas, no Brasil, também lutam contra uma crise institucional, visto que têm sido atingidas constantemente por mudanças nos planos educacionais e reformas que vêm eliminando disciplinas significativas, em nome da produtividade e competitividade.

O autor, com seu estilo analítico característico, traz contribuições de Freud e Lacan, de forma acessível aos leitores, sobre o status da educação em uma sociedade que conheceu o colapso de todas as referências à autoridade, como já havia analisado em seu ensaio anterior *O Complexo de Telêmaco* (Recalcati, 2022).

O autor traz um olhar para os professores, humilhados social e economicamente, e que têm sido convocados, muitas vezes a assumirem e compensarem as deficiências educacionais das famílias. Recalcati demonstra a solidão de professores na difícil tarefa da educação, agravada pela desintegração do pacto geracional, que vem reconfigurando uma aliança horizontal entre alunos, professores e pais, em nossa época.

Para Recalcati, a escola em crise, em tempos sombrios, apresenta três principais características, que o autor desenvolve ao longo do livro, entre elas: o papel docente ou o próprio professor em desvalorização e visto como obsoleto; a desestruturação

simbólica das famílias e a escola transformada em empresa, sob o domínio da lógica neoliberal, onde o saber é um produto e o aluno um mero consumidor.

Assistimos, portanto, a cultura perdendo seu espaço de subjetivação, pois a pedagogia do momento se sustenta nas competências pragmáticas de uma educação instrumentalizada.

Nesta direção, Recalcati traz apontamentos pertinentes da referida crise da educação, questionando o papel do professor em tempos de esvaziamento simbólico nas instituições de ensino. Busca defender a experiência pedagógica, na hora da classe, como ato erótico no sentido freudiano-lacaniano, ou seja, argumenta como o ensino pode despertar o desejo de saber, mais do que a transmissão de conteúdo.

Portanto, defende a Escola como sentinela do erotismo do saber, atribuindo a ela o lugar de resistência ao hiperedonismo contemporâneo, reivindicando o papel do professor-testemunha que pode abrir novos mundos por meio da potência erótica da palavra e do conhecimento. Traz isto, em contraste ao modelo de escola baseado na tríade informática, inglês e negócios, na filosofia das competências e no fácil acesso à informação.

Desta forma, argumenta que o verdadeiro ensino é muito mais que informativo. O ensino precisa ser formativo, transformando o saber em um objeto de desejo, que influencia e constitui subjetividades. Neste sentido, o professor precisaria abandonar a posição de mestre que possui o saber absoluto, assumindo a posição de testemunha do desejo de saber. O próprio saber tem limites, os quais o professor precisa reconhecer (saber não todo) e mesmo assim, se colocar na posição de transmitir a paixão por este.

A partir de uma leitura psicanalítica, Recalcati propõe pensar em três figuras simbólicas, relacionadas à escola (modelos de escolas), que seriam: Édipo, Narciso e Telêmaco.

A Escola-Édipo, que consiste numa pedagogia autoritária e verticalizada, onde a autoridade do pai e da tradição dariam a direção. Aqui o professor seria o detentor do saber e da Lei e o aluno estaria na posição de obedecer, repetindo o modelo. Com base numa autoridade idealizada, a formação estruturada na informação, se daria pela repressão, submissão e conformismo. Tal escola, com os movimentos estudantis de 1968 e 1977, entra em colapso. No Brasil, nestes anos supracitados, o foco era a resistência ao regime de ditadura militar que se instaurou em 1964, permanecendo até 1985.

A Escola-Narciso se caracteriza pela dissolução das hierarquias simbólicas numa fragilidade entre gerações, onde os pais se encontram alinhados aos filhos abandonando cada vez mais a função de mediação simbólica. Também presenciamos o culto ao sucesso imediato e performance. Essa, portanto, é a escola contemporânea em sua condição líquida, desautorizada e de relações horizontais. Tempos de repetição e plágio, com declínio da capacidade crítica e da criatividade. O desejo sucumbe à performance, à aquisição de competências e ao sistema de meritocracia e competitividade mortífera (Dardot *et al.*, 2021). Temos aqui as telas e redes sociais substituindo os livros. A palavra vem sendo destituída de seu valor e sentido polissêmico.

Na Escola-Telêmaco, Recalcati argumenta que o professor adotaria o papel simbólico da figura que conduz o aluno, sem autoritarismo, a buscar o seu próprio desejo. O professor deixa a posição de mestre sabe-tudo e se torna aquele que testemunha e transmite o desejo pelo saber, sustentando o desejo, mesmo diante do impossível. Tal escola seria aquela que reconheceria o valor da ausência paterna, mas não como falha e sim como potência. Neste sentido, Telêmaco, o filho de Ulysses, que busca

o pai, constitui-se símbolo do retorno da autoridade simbólica mediada pela cultura e pelo amor.

Desta forma, o autor busca resgatar o valor simbólico da palavra do professor e destaca e defende a hora de aula como um lugar de encontro transformador, com momentos potenciais. Tal perspectiva se articula com as contribuições de Freud sobre a educação como ofício impossível, bem como se articula com as contribuições de Lacan sobre o saber como falta estruturante. Neste sentido, Recalcati relaciona também um ideal de ensino comparando com a figura socrática, onde a ideia de que ensinar seria fazer emergir perguntas, possibilitando encontros transformadores. A escola, nesta direção, constitui-se um espaço de humanização, opondo-se à lógica neoliberal que vem reduzindo a formação à aquisição de competências, com métrica de resultados esperados.

Nesta obra, o autor ainda faz uma analogia, demonstrando o quanto um livro ou obras de arte também podem mudar uma vida, visto que após o encontro com o mundo que se abre por meio da leitura, não somos mais os mesmos. A partir do contato com um testemunho que se encarna no sujeito, aprende a ver as mesmas coisas por formas novas.

Segundo o autor, a erótica do ensino só seria possível a partir dessa encarnação e deste encontro. Não havendo isto, as atividades escolares didáticas teriam apenas uma dimensão cognitiva, não alcançando uma função valorativa e afetiva da educação.

Assim, considera que só pode haver instrução se houver efeito educativo, bem como a educação só é possível se houver efeito de transmissão da instrução. Desta forma, não podemos desvincular a instrução do processo educativo, ou seja, da humanização da vida. A base do ensino está em mobilizar o desejo de saber, transformando em corpo erótico o objeto teórico, fazendo

um contraponto à estéril alternativa de instrução apenas como conteúdo. O objeto de saber (conteúdo) pode converter-se em um elemento fundamental do processo educativo.

Saber, para o autor, pode ser entendido como aprender a abrir-se para o desejo (transformar o saber em um objeto que causa o desejo) e, por meio disso, abrir-se para conhecer outros mundos, para além do já conhecido. Citando Lacan, o autor retoma que a partir da transferência, o saber coloca o objeto de desejo no campo do outro. Num ensino autêntico não há oposição entre instrução e educação ou entre conteúdos cognitivos e relações afetivas ou, ainda entre noções e valores, visto que o ensino recorre ao corpo pela via da pulsão, podendo transformar os objetos de saber em corpos eróticos, com possibilidades de romper com um cenário fechado automático, abrindo para novos horizontes.

Neste sentido, a cultura coincide com a Lei da palavra, que castra o acesso imediato ao gozo incestuoso, forçando a pulsão a buscar satisfação em um campo mais amplo, via sublimação. Assim, os objetos de conhecimento se transformam em objetos eróticos, ocupando o lugar dos objetos pulsionais – livros como corpos eróticos em movimento (sublimação) e leituras como prática em condições de satisfazer a pulsão.

No caso de adolescente, o autor demonstra a sublimação ao contrário, onde o corpo pode se converter em livro que pode ser lido – livro feito de carne e pulsão. Assim como o próprio mundo pode se transformar em livro, quando separado da alucinação do gozo incestuoso – possibilidade para o amor como admiração ao mundo do outro.

Neste sentido, a escola herda a linguagem, ampliando horizontes a serem conhecidos. Este é o solo do amor (o Eros), onde o professor pode envolver o saber a ser digno de interesse de seus

alunos, justamente envolvendo o objeto capaz de causar o desejo – a transmissão do saber só se dá por testemunho, por contágio.

Entretanto, alerta o autor que um dos problemas enfrentado pelas escolas, na atualidade, é o sentimento de opressão vivenciados por professores, em boa parte do tempo, por tarefas burocráticas como as avaliativas, impondo escalas de aprendizagem igual para todos, despersonalizando os alunos – culto fetichista ao número e à quantificação.

Desta forma, a escola centrada na erótica do ensino vem se apagando, dando espaço à escola performativa da transmissão de habilidade – declínio do processo de erotização do saber. O ideal de uma escola autoritária e disciplinar volta a ganhar espaço, quando o conformismo abre espaço para o estritamente cognitivo e produtivo, onde o aluno pode ser transformado numa máquina que deve produzir rendimentos quantificáveis. Esta é a Escola-Narciso, proposta pelo autor, centrada na exigência cognitiva e performativa, cujo aprendizado tem foco na informação e memorização.

Neste cenário, vemos o professor assumindo a função de responder às exigências da instrução e não à relação e interesses dos alunos. Eis o declive da hora da classe, pontuada por Recalcati.

Observamos que, mesmo sendo uma obra centrada na realidade italiana, podemos compreender a sua aplicabilidade ao contexto latino-americano, principalmente ao tratarmos das questões estruturais das escolas públicas. No Brasil, a desigualdade, aumento da violência nas escolas e precariedade, de modo geral, também exigem a nossa atenção. Observamos que as ideias de Recalcati poderiam ter uma boa articulação com as ideias de Paulo Freire, que propôs o ensinar como um ato de liberdade, enfatizando o diálogo, a autonomia e o pensamento crítico na construção do conhecimento, entendendo o aluno como sujeito

ativo no processo de construção do próprio conhecimento. Freire defendia a educação como um ato político, com foco na transformação social. Somente a consciência crítica seria capaz de libertar da opressão. O educador também é visto por Freire como um mediador nesta construção de cada aluno (Freire, 2019).

Em síntese, esta obra trouxe a questão de pensarmos a escola como espaço de desejo e de travessia simbólica, frente aos desafios contemporâneos na formação de jovens, questionando o viés neoliberal que tem enfatizado a técnica, a performance e a meritocracia. Tempos em que o hiperconsumo e gozo imediato, também dificultam as condições para o limite, a castração e o lidar com frustrações.

Buscou ainda repensar a função do professor como alguém que, diante do ofício impossível de educar, resiste e insiste, mesmo diante de discursos e atos de violência contra eles. Resgata a dimensão ética para o ensino, ou seja, a ética da escuta e da abertura ao Outro (do campo da linguagem e da cultura), valorizando o professor como mediador simbólico da cultura, como alguém que encarna a potência da palavra, sendo também um mediador entre saber e transformação e entre desejo e linguagem.

A partir de conceitos psicanalíticos, Recalcati faz uma leitura da crise da educação, apontando também a crise do sujeito do desejo. Entretanto, afirma que a escola não está morta, sendo salva pela beleza da hora de classe, tão valorizada ao longo desta obra.

Recomenda-se a leitura do livro para educadores, psicanalistas, psicólogos, pedagogos, gestores escolares e demais interessados no tema, que possam compreender a hora da aula como possibilidade de transformação subjetiva, gesto ético e político.

Referências

DARDOT, Pierre et al. *A escolha da guerra civil: uma outra história do neoliberalismo*. Tradução de Márcia Pereira Cunha. São Paulo: Elefante, 2021.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

RECALCATI, Massimo. *La hora de clase: Por una erótica de la enseñanza*. Barcelona: Editora Anagrama, 2016.

RECALCATI, Massimo. *O complexo de Telêmaco: pais, mães e filhos após o acaso do pai*. Tradução de Cezar Tridapalli. Belo Horizonte: âyiné, 2022.

REVISTAS DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA

VOLUMES JÁ PUBLICADOS

Nº 01 – VIOLÊNCIA

Alfredo Jerusalinsky, Leda Fischer Bernardino, Maria Cristina Kupfer, Rodolpho Ruffino, Rosa Marini Mariotto, Rosane Weber Licht, Rute Stein Carvalho, Ricardo Goldenberg.

Nº 02 – FAMÍLIA E MODERNIDADE

Angela do Rio Teixeira, Caterina Koltai, Danièle Epstein, Leda Fischer Bernardino, Marcus do Rio Teixeira, Patrick de Neuter, Contardo Calligaris, Rute Stein Carvalho, Alfredo Jerusalinsky, Maria Cristina Kupfer, Rosane Weber Licht.

Nº 03 – O HOMEM E A TECNOLOGIA

Alfredo Jerusalinsky, Edson André de Sousa, Maria Ida Fontenelle, Martine Lerude, Oscar Cesarotto, Ricardo Goldenberg, Rosa Marini Mariotto, Leda Fischer Bernardino, Rosane Weber Licht, Agostinho Marques Neto, Ivan Corrêa.

Nº 04 – PSICANÁLISE E CLÍNICA DE BEBÊS

Alfredo Jerusalinsky, Claude Boukobza, Cláudia Rohenkohl e Daniella Gonçalves, Daniele Wanderley, Domingos Infante, Leda Fischer Bernardino, Marie-Christine Laznik, Nicole Strickman, Patrick De Neuter, Alexa Chaves, Dayse Amorim e Roseane Lima, Jaqueline Sanson, Marina Fernandes, Henry Frignet.

Nº 05 – ENVELHECIMENTO: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Alfredo Jerusalinsky, Delia Catullo Goldfarb, Flávia M. de Paula Soares, Leda Fischer Bernardino, Marie-Christine Laznik, Dayse Stoklos Malucelli, Flávia Boni Licht e Adriana de Almeida Prado, Luciana Amaral, Bernadete Hoefel, Rosane Weber Licht.

Nº 06 – PSICANALISAR HOJE

Charles Melman, Enrique Milan, Geselda Baratto, Jean-Jacques Rassial, Leda Fischer Bernardino, Rosa Marini Mariotto, Serge Lesourd, Lucia Marly Verдум de Almeida, Rosane Weber Licht, Denise Pliskievski Bueno e Juratirz Salette Ribas, Leandro Alves Rodrigues dos Santos.

Nº 07 – O AMOR NOS TEMPOS DA ANÁLISE

Alfredo Jerusalinsky, Andrea Silvana Rossi, Angela Baptista do Rio Teixeira, Eliane Michelini Marraccini, Isidoro Vegh, Jean-Jacques Rassial, Maria Cecilia Garcez, Marie-Christine Laznik, Sándor Ferenczi, Marcus do Rio Teixeira, Wael de Oliveira, Geselda Baratto e Rosane L. V. de Macedo, Leda Mariza Fischer Bernardino, Rosa Marini Mariotto.

Nº 08 – O PSICANALISTA E O ATO

Alfredo Jerusalinsky, Dayse Stoklos Malucelli, Leda Mariza Fischer Bernardino, Maria Aparecida de Luna Pedrosa, Maria Carolina Serafim, Tânia Mara Galeazzi Stoppa e Maria Cristina Kupfer.

Nº 09 – O TOQUE ESCURO DO OBJETO

Clara Cruglak, Dayse Stoklos Malucelli, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Frédéric Pellion, Karina Codeço Barone, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto, Geselda Baratto e Michele Kamers.

Nº 10 – LENDO E DANDO A LER A PSICOSSOMÁTICA

Andrea de Castro Rôa d'Haese, Bernard Moullé, Márcia Yuri Funabashi, Maria Lúcia Maranhão Bezerra, Wael de Oliveira, Alfredo Jerusalinsky, Marie Christine Laznik, Angela Vorcaro, Julio Cesar Viecegli e Leda Mariza Fischer Bernardino.

Nº 11 – INSCREVER, INTERPRETAR E ESCREVER

Cristina Helena Guimarães Sartori, Ilana Katz Zagoury Fragelli, Mauro Mendes Dias, Rosa Marini Mariotto e Rosana Benine, Bernardo Gandulla, Wael de Oliveira, Leandro Alves Rodrigues dos Santos, Maribél de Salles de Melo e Thayane Carolina de Almeida.

Nº 12 – ESCRITOS SOBRE A PSICOSE

Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro e Viviane Veras, Camila Zoschke, Dayse Stoklos Malucelli, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Mauro Mendes Dias, Marcus do Rio Teixeira, Mayla Di Martino, Sonia Motta e Melania Salete Medeiros.

Nº 13 – PSICANÁLISE E ARTE

Edson de Sousa, Elisabeth Bittencourt, Nelson da Silva Jr., Sérgio Telles, Tânia Rivera, Rosângela Nascimento, Mauro Mendes Dias, Wael de Oliveira, Ângela Vorcaro e Viviane Veras e Andréa d'Haese.

Nº 14 – A FEMINILIDADE NAS DIMENSÕES REAL, SIMBÓLICA E IMAGINÁRIA

Consuelo Muniz Escudero e Leda Mariza Fischer Bernardino, Denise Maurano, Maria Rita Kehl, Marie Christine Laznik, Ricardo Goldenberg, Vera Tubino, Denise Stoklos, Leticia Paes de Barros e Leda Mariza Fischer Bernardino, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto e Marcelo Oliveira.

Nº 15 – O DESEJO E SUA INTERPRETAÇÃO

Benjamin Domb, Dayse Stoklos Malucelli, Jean Jacques Rassial, Leda Mariza Fischer Bernardino, Patrícia dos Santos Lage, Ricardo Goldenberg, Valéria Ghisi, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Wael de Oliveira, Rosa Marini Mariotto.

Nº 16 – O DESEJO: EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 10 ANOS DA APC

Leda Mariza Fischer Bernardino, Lucia Marly Verдум de Almeida, Maria Aparecida Luna Pedrosa, Tânia Maria Galeazzi Stoppa, Wael de Oliveira, Wagner Rengel, Mauro Mendes Dias, Sandra Tellier Motti, Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, e Wagner Rengel.

Nº 17 – ADOLESCÊNCIA

Adriana Kosdra Rotta, Ana Costa, Geselda Baratto, Jean-Jacques Tyszler, Laís Vilela Paquer e Leda Mariza Fischer Bernardino, Maria Augusta de Mendonça Guimarães e Suely do Rocio Kosiak Poitevin,

Wael de Oliveira, Márcia Regina Motta, Marina Siqueira Campos e Renata de Siqueira Vieira, Adriana Tobis Fraga Thomasi, Rosa Marini Mariotto e Wael de Oliveira.

Nº 18 – A DROGA DEVIDA

Alfredo Jerusalinsky, Cyro Marcos da Silva, Eduardo Ely Mendes Ribeiro, Jean-Louis Chassaing, Juliana A. Cunha, Renata Aguiar Carrara de Melo e Fernando Teixeira Grossi, Ricardo Goldenberg, Leda Mariza Fischer Bernardino e Rosa Marini Mariotto.

Nº 19 – O RELATO DO ATO

Dominique Touchon Fingerhann, Elisabeth Bittencourt, Mauro Mendes Dias, Alfredo Jerusalinsky, Ricardo Goldenberg, Wael de Oliveira, Sérgio Scotti, Dayse Stoklos Malucelli.

Nº 20 – PSICANÁLISE: INVESTIGAÇÃO E PESQUISA

Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro, Christian Ingo Lenz Dunker, Lia de Freitas Navegantes, Luciano Elia, Mayla Di Martino, Wael de Oliveira, Leda Mariza Fischer Bernardino e Rosa Marini Mariotto, Valéria Codato Antonio Silva e Viviana Velasco Martinez, Maria Carolina Schaedler.

Nº 21 – A LOUCURA

Edson Luiz André de Sousa, Ricardo Goldenberg, Helenice Rodrigues, Gabriela Xavier de Araújo, Jane Cherem Côrte Bezerra, Cristiane Ganzert e Gisleine Massuda, Wael de Oliveira.

Nº 22 – AUTISMO

Alfredo Jerusalinsky, Angela Vorcaro e Mônia M. Farid Rahme, Claudia Mascarenhas Fernandes, Daniele de Brito Wanderley, Julieta Jerusalinsky, Sonia Motta, Dominique Fingerhann, Nelson da Silva Jr., Marie Christine Laznik, Maria Eugênia Pesaro e Gabriela Xavier de Araújo.

Nº 23 – A CRIANÇA DE CADA DIA

Andréia Viana e Angela Vorcaro, Angela Baggio Lorenz, Ana Beatriz Albernaz, Leda Mariza F. Bernardino, Maria Angélica Tosi Ferreira, Renata Bakker da Silveira e Rosa Marini Mariotto, Clarice W. Zotti, Denise P. Bueno, Rejinaldo J. Chiaradia e Wagner Rengel, Inês Catão, Yara Faria do Amaral, Wael de Oliveira, Leando Alves R. dos Santos, Madalena B. de Lima.

Nº 24 – ABUSOS NA INFÂNCIA

Adriana Kosdra Rotta, Alexandre Moraes da Rosa, Alfredo Jerusalinsky, Elisabeth Bitten-court, Giselle de Souza. Santos, Lia de Freitas Navegantes, Lúcia Alves Mees, Rosa M. M. Mariotto e Maria Luíza K. de Bueno Gizzi, Wagner Rengel, Jane Cherem C. Bezerra da Silva, Débora P. Nemer Pinheiro.

Nº 25 – A DIREÇÃO DA CLÍNICA

Christian Ingo Lenz Dunker, Leandro Alves Rodrigues dos Santos, Leomara de Araújo Bürgel, Maria Cristina Machado Kupfer, Cyro Marcos da Silva, Rafaela Carine Jaquetti e Rosa Marini Mariotto, Carolina Schulman e Débora Patrícia Nemer Pinheiro, Leandro Alves Rodrigues dos Santos.

Nº 26 – TECENDO REDES: PSICANÁLISE E POLÍTICAS PÚBLICAS

César de Goes, Cleuse M. Brandão Barleta, José Waldemar Thiesen Turna e Suzana Siniscalco de Oliveira Costa, Laura D'Agostino Rudich, Luciano Elia, Michele Kamers, Neuzi Barbarini, Wael de Oliveira, Wagner Rengel, Leda Mariza Fischer Bernardino, Márcia Takahata Wakamatsu e Rosa Marini Mariotto, Alfredo Jerusalinsky, Stelio de Carvalho Neto, Wael de Oliveira, Cristina Keiko Inafuku de Merletti, Dayse Stoklos Malucelli.

Nº 27 – PSICANÁLISE E LITERATURA

Marília Z. Frantz e Edson Luiz A. de Sousa, Lucia Serrano Pereira, Luciana Salum, Rosângela N. Vernizi, Cláudia Serathiuk, Tames B. Moterani, Wael de Oliveira, Andréa Batista Ribeiro e Jane Cherem C. Bezerra da Silva.

Nº 28 – A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

Alba Flesler, Ana Maria Medeiros da Costa, Alfredo Jerusalinsky, Carmen Lucia Monte-chi Valladares de Oliveira, Christian Hoffmann, Cristina Hoyer, Daniela Teperman, Isabel Marazina, Julieta Jerusalinsky, Clarice Wichinescki Zotti, Marilu Catio Dalsasso, Rosa Maria Marini Mariotto, Melania Salete Medeiros, Lígia Regina Klein, Caroline Peixoto Mendonça Silva, Dayse Stoklos Malucelli.

Nº 29 – CORPOS

Ana Costa, Angelita W. da Silva, Heloísa H. Aragão e Ramirez, Jöelle Gordon, Tatiana C. Assadi, Michele Kamers, Dominique Fingermann, Camila Z. Freire, Rosângela N. Vernizi e Maria Fernanda L. Beduschi.

Nº 30 – PASSES E IMPASSES NA FORMAÇÃO ANALÍTICA

Ana Costa, Dominique Fingermann, Lucia S. Pereira, Marta Pedó, Ricardo Goldenberg, Maria Augusta M. Ferraro, Maria Fernanda L. Beduschi, Luciana Sallum, Cintia R. Longhini, Wael de Oliveira, Taia F. de Albuquerque, Rosa M. M. Mariotto, Vinicius Armiliato.

Nº 31 – FORMAS, IMPASSES E PASSAGENS

Andrea Rossi, Eduardo Ribeiro da Fonseca, Jorge Sesarino, Luciana K. P. Salum, Mauro Mendes Dias, Priscila Frehse Pereira Robert, Radmila Zygouris, Rosa Maria Marini Mariotto, Susiane Canuto da Rocha, Vanessa Galvão Amaral, Venicius Scott Schneider.

Nº 32 – PSICANÁLISE E SUAS INTERFACES

Adriana Kosdra, Alfredo Jerusalinsky, Ana Costa, Cintia Ribelato Longhini, Edjane Menezes dos Santos, Enéas de Souza, Flávia Maria de Paula Soares, Juratriz Salete Ribas, Leda Mariza Fischer Bernardino, Leda Mariza Fischer Bernardino, Luciano Elia, Maria Cristina Machado Kupfer, Maria Eugenia Pesaro, Mariana Aparecida Xavier Arruda, Rosa Maria Marini Mariotto, Wael de Oliveira.

Nº 33 – DO ENCONTRO COM O REAL AO ENCONTRO DO REAL: TRAUMA E DESEJO

Adriana Kosdra, Adriana Luiza Schreiner, Alfredo Jerusalinsky, Andrea Rossi, Clarice Wichinescki Zotti, Edson Luiz André de Sousa, Fani Hisgail, Isabel Marazina, Marcus do Rio Teixeira, Oscar Cesarotto, Sidnei Artur Goldberg, Vânia Mercer.

Nº 34 – NAS BORDAS DA CLÍNICA

Andrea Rôa d'Haese, Camila Zoschke Freire, Cintia Ribelato Longhini, Clarice Moro Ricobom, Cléa Maria Ballão, Fernanda Judite de Camargo Marques, Kátia Alexsandra dos Santos, Ligia Gomes Vítora, Marcia Salete Wisniewski Schaly, Maria Augusta de Mendonça Guimarães, Maria Fernanda Liberato Beduschi, Rosa Maria Marini Mariotto, Sílvia Amigo, Simoni Regina Cousseau Coletti, Vânia Mercer.

Nº 35 – PSICANÁLISE E CONTEMPORANEIDADE

Andrea Silvana Rossi, Elaine Cristina Schimitt Ragnini, Fábio Luis Ferreira Nóbrega Franco, Fernanda Baptista, Gabriel Inticher Binkowski, Julieta Jerusalinsky, Leda Mariza Fischer Bernardino, Luciano Bregalanti Gomes, Marcelo Amorim Checchia, Marcelo Veras, Miriam Debieux Rosa, Paulo Endo, Pedro Eduardo Silva Ambra, Tania Rivera, Wagner Rengel.

Nº 36 – INQUIETAÇÕES: PSICANÁLISE PARA TODOS?

Alfredo Jerusalinsky, Fernanda Voigt Miranda, Gustavo Tonatto, Luzia Carmem de Oliveira, Marcia Salete Wisniewski Schaly, Marllon Henrique Mendes Andriola, Mônica Nogari Damaceno, Ricardo Goldenberg, Rosa Maria Marini Mariotto, Rosane Weber Licht, Simone Regina Cousseau Coletti, Thais Krukoski, Tiago Rickli.

Nº 37 – ENTRE DIFERENÇAS E INTOLERÂNCIAS, O QUE PODE A PSICANÁLISE?

Allan Martins Mohr, Alfredo Jerusalinsky, Andrea Rôa d'Haese, Andrea Rossi, Camila Zoschke Freire, Fernando Ruthes, Luzia Carmem de Oliveira, Silvia Amigo, Suzane Gapski Muzeka.

Nº 38 – APC em Revista 2023

Allan Martins Mohr, Andrea Rôa d’Haese, Andrea Rossi, Luzia Carmem de Oliveira, Marcia Salete Wisniewski Schaly, Silvia Amigo (Transcrito e traduzido por Andrea Rossi e Tiago Rickli), Simone Regina Cousseau Coletti, Rosa Maria Mariotto.

Nº 39 – APC em Revista 2024

Andrea Rossi, Eduarda Fuckner Ottvagen, Marcia Wisniewski Schaly, Marcus do Rio Teixeira, Simone Regina Cousseau Coletti, Suzane Gapski Muzeka, Rosa Maria Marini, Vinícius Armiliato, Zama Caixeta Nascentes.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA

O SABER DO INCONSCIENTE: POR QUE A TEORIA DEVE SUBORDINAR-SE À CLÍNICA

Seminários proferidos por Alfredo Jerusalinsky na Associação de Curitiba de 1997 a 2000. (Editora Juruá, 2018)

No ano em que a Associação Psicanalítica de Curitiba completa e comemora 21 anos de existência, presenteia seus associados e apreciadores da Psicanálise com a publicação de **O saber inconsciente: por que a teoria deve subordinar-se à clínica**, compilação de onze seminários proferidos por Alfredo Jerusalinsky no período de 1997 a 2000, que tratam de diferentes temas no trabalho com crianças. Estes seminários foram parte importante da história da APC, tanto na formação de seus membros quanto na construção da instituição, e agora são compartilhados com a atual geração de analistas. Por sua imensa contribuição na fundação e no ensino da APC, Alfredo Jerusalinsky é considerado “padrinho” da mesma. Seus seminários - proferidos com rigor teórico e em seu particular estilo “quase” coloquial de transmissão - contribuíram não só para a formação de muitos como também para a aproximação de profissionais de outras áreas, contribuindo com a psicanálise em extensão. O título desta publicação é amplamente demonstrado na leitura dos seminários, onde, mais além da teoria somos esclarecidos com relação ao pensamento de importantes pensadores e contamos com alguns relatos de casos clínicos que articulam teoria e prática, nos revelando um pouco do seu estilo, de profundo respeito com seus analisantes e escuta ímpar. Participei de seus seminários e os transcrevi. Agora, no momento desta publicação, os mesmos foram revisados pelo autor, o que deixou clara a sua atualidade. A APC, ao completar sua maioridade, compartilha tão rica elaboração teórica. Boa leitura! (texto extraído da apresentação contida nesta obra, de autoria da psicanalista Rosane Weber Licht, membro fundador da Associação Psicanalítica de Curitiba)

Alfredo Jerusalinsky - Autor

Rosane Weber Licht – Organizadora

PSICANÁLISE EM TEMPOS DE URGÊNCIA

(Editora Fi, Edição Especial 2020) – disponível no site da APC: www.apcwb.com.br ou no site da Editora Fi: <https://www.editorafi.org/60psicanalise>

Psicanálise em tempos de urgência – tema institucional ao qual foram dedicados os trabalhos da APC em 2019/2020 – sem imaginar que também viveríamos tempos de emergência pela pandemia do novo coronavírus: tempos penosos e pesados em nosso contexto sócio-econômico-político e humanitário, que nos causa dor, sofrimento e luto, revelados em angústia. Pôr em palavras, dar voz, escutar, são os recursos oferecidos pela Psicanálise a partir de sua práxis, para que o sujeito possa advir em sua condição desejante. Este é o olhar e o trabalho que encontramos nos textos, que sensivelmente os autores aqui, sem pressa, nos conduzem a refletir. Olhar para o campo social, para a clínica social, para o imperativo do gozo e da pressa e para as urgências na clínica psicanalítica e suas intervenções, desde as intervenções precoces, certamente nos põe a pensar, singularmente, enquanto psicanalistas, sobre o nosso tempo e os vários tempos: tempo de e na formação, tempo de divã, tempo lógico, tempo de vida, tempo de morte e outras questões de e no tempo. (texto extraído da apresentação contida nesta obra, de autoria da psicanalista Marcia Salete Wisniewski Schaly, membro da Associação Psicanalítica de Curitiba)

Autores/Artigos: Andrea Silvana Rossi, Eva Lerner, Kathellyn Costa Kazeker, Leda Maria Fischer Bernardino, Luzia Carmem de Oliveira, Madalena F. Becker de Lima, Maribel de Salles de Melo & Julieta Jerusalinsky, Marcus do Rio Teixeira, Rosane Weber Licht, Rosângela Vernizi, Simoni Regina Cousseau Coletti & Rosa Maria Mariotto. Autor (a)/Resenha: Marcia Salete Wisniewski Schaly

Marcia Salete Wisniewski Schaly – Organizadora



COMPOSIÇÃO ADMINISTRATIVA

Gestão 2023/2025

Presidente: Andrea Rôa d'Haese

Vice-presidente: Fernando Ruthes

1ª secretária: Luzia Carmem de Oliveira

2º secretário: Schenya C. Nunes de Oliveira

1ª tesoureira: Tiago Rickli

2º tesoureiro: Clarice W. Zotti

CARTEL DE DIREÇÃO E FORMAÇÃO

Andrea Rôa d'Haese

Fernando Ruthes

Marcelo Marcos Barbosa Vieira

Schenya C. Nunes de Oliveira

Tiago Rickli

ESPAÇO DE ACOLHIMENTO

Membros do Cartel de Direção e Formação

SEÇÃO DE TRADUÇÕES E PUBLICAÇÕES

Luzia Carmem de Oliveira

Marcia Wisniewski Schaly

Tiago Rickli

SEÇÃO DA LETRA E MEMÓRIA

Elaine de Oliveira

Schenya C. Nunes de Oliveira

SEÇÃO SEÇÃO DA CLÍNICA

Denise Pliskievski Bueno

SEÇÃO DE CARTÊIS

Andréa Silvana Rossi

Andrea Rôa d'Haese

Fernando Ruthes

Luzia Carmem de Oliveira

ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO

Adriano Soares Amaro

Zama Caixeta Nascentes

**SEMINÁRIOS DOS CONCEITOS
FUNDAMENTAIS DA PSICANÁLISE**

Dayse Stoklos Malucelli

Denise Pliskievski Bueno

**ESPAÇO DE ESTUDOS E DISCUSSÃO SOBRE
PSICANÁLISE COM CRIANÇAS**

Clarice Wichinescki Zotti

Juratriz S. Ribas

SEÇÃO DE DIVULGAÇÃO E EVENTOS

Andrea Silvana Rossi

Andrea Roa d'Haese

Juratriz Salete Ribas

Marcelo M. Barbosa Vieira

Marcia Wisniewski Schaly

Myriel C N Moreira

Schenya C. Nunes de Oliveira

CONSELHO DE ANALISTAS

Andrea Rôa d'Haese

Andrea Silvana Rossi

Dayse Stoklos Malucelli

Denise Pliskievski Bueno

Leda Fischer Bernardino

Rosane Weber Licht



APC
Associação
Psicanalítica
de Curitiba

A Associação Psicanalítica de Curitiba tem a satisfação de apresentar a 40ª edição de sua revista, reafirmando seu compromisso com a transmissão da Psicanálise a partir da letra de autores que buscam dialogar com temas que propõe uma articulação entre clínica, cultura e sociedade. Nesta edição, os leitores encontrarão artigos que, ancorados na teoria freudiana e lacaniana, visam refletir sobre as transformações em curso, considerando os impasses do discurso social e suas repercussões nos laços sociais e subjetividades na sociedade contemporânea.

Nossa proposta editorial busca, como sempre, sustentar o vínculo indissociável entre sujeito e cultura, entre teoria e prática, privilegiando a circulação da palavra e o exercício da escrita. A APC em revista se coloca como espaço vivo de transmissão, pesquisa e elaboração, no qual a clínica se enlaça com a cultura para pensar os sintomas de nossa época.

 www.apcwb.com.br
 @apctba
 @associacaopsicanaliticadecuritiba
 (41) 98848-7946

